

DANIEL HENRIQUE DINIZ BARBOSA

A EMOP, SEUS EX-ALUNOS E SUAS MORADIAS ESTUDANTIS:

Elementos para a construção de uma tradição (1930-1950)

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2003.

DANIEL HENRIQUE DINIZ BARBOSA

A EMOP, SEUS EX-ALUNOS E SUAS MORADIAS ESTUDANTIS:

Elementos para a construção de uma tradição (1930-1950)

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História. Orientador: Prof. Adriano Sérgio Lopes da Gama Cerqueira.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2003.

À Elaine, pelo amor a mim empenhado, e à
minha avó Nilda, por tudo.

AGRADECIMENTOS

Li, não me lembro onde, e acredito que nesta seção não seja muito necessário que citeamos referência, que *"nenhum homem é uma ilha"*. A frase é, realmente, banal. Porém, em sua banalidade, carrega uma obviedade que, muitas vezes, desprezamos. Por várias vezes nos acreditamos sozinhos e, por decorrência, desprezamos o reconhecimento que devemos a tudo e todos que, em cruzando nossos caminhos, de uma maneira ou outra, nos fazem ser quem somos e fazer o que fazemos. São, na maioria das vezes, os responsáveis pelos nossos acertos, muito embora o ônus pelos nossos constantes erros seja nosso mesmo. Assim, toma-se fundamental que alguns agradecimentos sejam feitos, mesmo que sob o lapso de alguns esquecimentos que, por sinal, entram na lista dos erros os quais somos obrigados a assumir.

Primeiramente, é imperioso agradecer ao CNPq, mais especificamente ao Programa Interno de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pela bolsa de iniciação científica a nós concedida por um ano que, indiscutivelmente, possibilitou a realização deste trabalho.

Agradeço imensamente ao orientador deste trabalho, Professor Adriano Sérgio Lopes da Gama Cerqueira. A Marli Elias Veisac e Rosemeire Fonseca, funcionárias do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, que nunca faltaram em apoio e atenção, sendo elas as portadoras de nosso agradecimento a todo o corpo de funcionários deste Instituto.

Aos queridos amigos Ronaldo, Louise e Márcia, muito obrigado. Mesmo à distância, acompanharam tudo que nos preocupou, torceram para que o melhor acontecesse e, embora não saibamos se aconteceu o melhor, sabemos que o carinho foi muito bem vindo.

Nunca poderia deixar de agradecer ao Paulo e à Lidiany que, sempre juntos, sempre próximos, foram importantes companheiros de cotidiano, preocupações e alegrias. A ela, especificamente, devo este trabalho. E devo, também, um especial agradecimento ao Moacyr, sempre amigo e presente.

À minha querida amiga Taise agradeço enorme e profundamente. Colega de turma desde o início; amiga de todas as horas. Um pouco de minha graduação é dela.

A Elaine... como agradecê-la? Devo a ela minhas melhores alegrias e, parafraseando um ex-aluno entrevistado para este trabalho, *"é difícil cumprir a gratidão"*. Sou ela. E, assim, agradeço também sua família, que só fez comigo colaborar em tudo o que precisei. Sendo eu, ela, também é minha sua família.

Difícil também é cumprir a gratidão com os meus. Ao meu tio Nelson, que da forma mais amorosa e integral me manteve em Mariana, não caberia um simples agradecimento. Cabe uma gratidão eterna. Aos meus avós, Dercílio e Maria, Almir e Nilda, amorosos agradecimentos. Triste saber que só a última pode ler estas palavras. Mas lê feliz, tenho certeza, pois sabe o tanto que sou dela. Aos meus pais, Clara e Antonio, evidente, o mais terno agradecimento. São meus, o tanto que sou deles. E em suas pessoas, agradeço meus irmãos, Luciana e Rafael.

Finalmente, agradeço a cada pessoa deste país que, mesmo sem saber, paga a conta da Universidade Pública. Agradeço, preferencialmente, àqueles que nunca passaram por ela e pelos que, infelizmente, nunca passarão. Pagam por um benefício limitado, ao qual dificilmente terão direito. Mas pagam. E, sendo assim, a eles sou eterno devedor, uma vez que não fosse a Universidade Pública, jamais teria me graduado.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a discutir como surgem algumas das tradições da Escola de Minas de Ouro Preto. Procura identificar como se constitui o passado das moradias estudantis; a reverência aos ex-alunos da Escola por parte dos estudantes atuais; como se constrói a personagem central da instituição, Claude Henri Gorceix; como surge uma série de práticas comuns aos estudantes da Escola -dentre as quais destacamos a aplicação de trotes nos alunos novatos - e; como se lembram os estudantes mais antigos do referido estabelecimento de suas vidas enquanto alunos do mesmo. Para isso, investiga os primórdios da Escola e aponta alguns de seus principais problemas durante os quase 130 anos de sua existência, priorizando, para tanto, a fonte oral e direcionando o foco da investigação para o período compreendido entre 1930 e 1940.

SUMÁRIO

Lista de Gráficos.....	09
Lista de Abreviaturas.....	10
Introdução.....	11
I.1. História Oral.....	17
I.1. Memória.....	25
I.1. AInvenção de Tradições.....	33
Capítulo I - A Escola de Minas de Ouro Preto.....	37
1.1. Pedro II, a Escola de Minas e sua organização.....	40
Capítulo II - Escola de Minas: de Ouro Preto? <i>Entre sair da cidade ou ser</i> <i>Universidade</i>	51
Capítulo III - O Espírito de Gorceix. <i>A construção da imagem do fundador da Escola</i> <i>de Minas</i>	67
3.1–Gorceix.....	69
3.2- Gorceix e o Brasil: problemas educacionais, confrontos pessoais.....	71
3.3-Rei posto, Rei vivo: a construção da imagem de Gorceix	77
3.3.1 -A nova imagem de Gorceix.....	82
Capítulo IV - A EMOP e a cidade de Ouro Preto na memória de seus ex-alunos.....	90
4.1. A Escola de Minas segundo seus ex- alunos.....	93
4.2. Ouro Preto, os ouropretanos e a Escola.....	99
4.2.1.A cidade e os estudantes.....	100
4.2.2.Os ouropretanos e os estudantes.....	109
4.3. Os estudantes e suas repúblicas.....	114
Conclusão.....	132
Fontes Primárias.....	136
Referências Bibliográficas.....	136

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I - Estudou na Escola de Minas de Ouro Preto?

Gráfico II - Qual a Escola de formação dos engenheiros mineiros com atuação pública entre 1889 e 1945, em Minas Gerais.

Gráfico III - Em qual área do setor público atuou o engenheiro mineiro entre 1889 e 1945.

LISTA DE ABREVIATURAS

EMOP - Escola de Minas de Ouro Preto

ENS - École Normale Supérieure

SGMB - Serviço Geológico e Mineralógico Brasileiro

CNP - Conselho Nacional do Petróleo

SME- Sociedade Mineira de Engenheiros

CNMM - Conselho Nacional de Minas e Metalurgia

FG- Fundação Gorceix

INTRODUÇÃO

Quem chega a Ouro Preto repentinamente, sem aviso prévio, e anda um pouco por suas ruas pode, no mínimo estranhar. Quem é natural da cidade certamente compreende, embora nem sempre aceite. Quem é habituado com Ouro Preto pode até mesmo achar pitoresco. Quem estuda na Universidade Federal instalada na cidade se divide entre os que gostam, os que aceitam mesmo sem gostar e os que repudiam.

Não se trata de um prédio, um arranjo moderno em meio ao casario histórico. Menos ainda, é um acontecimento coletivo que reúne a população. Pode acontecer solitariamente. Podem estar em duplas, trios, grupos. Certamente serão percebidos por qualquer um. Os habituados, talvez, choquem-se, apenas, quando a extravagância é exageradamente grande, chamativa. Trata-se aqui de um “trote”.

Sim, um trote! Uma “brincadeira” aplicada naqueles que chegam à Universidade e passam a residir em moradias estudantis. Preferencialmente, aplicam estes trotes os veteranos de moradias públicas, patrimônio da própria Universidade. Sem critério sócio-econômico definido e sem política de assistência estudantil, a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) entrega a cada moradia estudantil, nas pessoas de seus moradores, o direito de estabelecimento de critérios para a complementação das vagas ociosas. E o resultado, a escolha de novos moradores

acontece levando-se em consideração, primordialmente, a capacidade de cada estudante testado de aguentar as “brincadeiras” dos veteranos.

Chegar em Ouro Preto, portanto, é dar de encontro, em plena rua, com estudantes vestidos das maneiras mais espúrias e se prestando a papeis mais bizarros, “batalhando uma vaga” em alguma república. Tampas de vaso sanitário, caixas de geladeira, placas coloridas, tudo. Tudo é parte do trote. Nas placas, que podem ser qualquer coisa que se pode imaginar - muito embora até mesmo para isso a criatividade não pareça ser o forte dos veteranos -, encontram-se o apelido do calouro e a identificação da república em que tenta ser aceito. Este apelido, por sinal, colocado pelos veteranos, será por ele sustentado como o próprio nome durante toda sua estada em Ouro Preto. Além das placas (usadas o tempo inteiro), os cabelos também são ridiculamente raspados, fazendo-se nas cabeças desenhos disformes que nada chegam a significar.

Poderia, mesmo, ser tudo uma brincadeira não fossem dois motivos fundamentais. O primeiro, já exposto, o de que é este um critério para a seleção de quem morará ou não em um prédio público¹, que existe para ter suas vagas distribuídas com critérios sócio-econômicos previamente estabelecidos. Em segundo, que esta brincadeira dura, pelo menos, um semestre. Um semestre em que se carregam placas, se raspam cabeças e que, dentro das moradias, se praticam

¹ É fundamental que deixemos evidente, desde o princípio, que não são todas as moradias estudantis públicas que adotam estes critérios. "Apenas" a maioria delas. Além disso, também é importante destacar, este não é um patrimônio exclusivo de moradias públicas. Há moradias particulares que também se utilizam destes critérios.

coisas muito mais selvagens. Trata-se aqui de “brincadeiras” de toda a ordem, relatadas por vários daqueles que não suportaram a convivência em ambiente tão “saudável”.

A defesa destes trotes, aliada a defesa do sistema de moradias estudantis públicas aplicado em Ouro Preto, é recorrente. E o argumento que se levanta a cada tentativa de se discutir o assunto é o da tradição das repúblicas estudantis de Ouro Preto. Por serem tradicionais - repúblicas e trotres - são imutáveis. Por serem imutáveis, tornaram-se uma tradição, segundo seus defensores.

Há uma enorme displicência por parte da própria Universidade, neste caso. Não dando sinal claro de que se dispõe a arcar com o ônus da manutenção de seu patrimônio (e boa parte das moradias são tombadas pelo Patrimônio Histórico, o que torna a manutenção ainda mais dispendiosa), deixa a cargo dos moradores de cada casa que, através de um sistema de festas cotidianas e aluguel de vagas para turistas, levantam fundos para as reformas sempre necessárias. Em contrapartida, a Universidade mantém intocado o sistema vigente. E, uma vez intocado, não muda. E, sem mudar, alega-se a tradição.

Trote e república, ambos tradicionais segundo o que nos dirá a maioria dos alunos-moradores das repúblicas federais. Foi em busca desta tradição que resolvemos seguir. Nossa tentativa foi a de investigar, desde a fundação da Escola

de Minas de Ouro Preto², como foram se consolidando as histórias que hoje são “tradicionais”, como surgiram alguns elementos e personagens “tradicionais”, como se constituíram as moradias, como apareceram os trotes. Quando, enfim, o trote tornou-se um ritual “tradicional”.

Para isso, entretanto, tivemos que fazer escolhas. Primeiramente, optamos por iniciar nosso trabalho a partir do período em que são fundadas as primeiras moradias estudantis ainda abertas. Outras, anteriores, certamente existiram. Estas, entretanto, perderam-se no tempo e duravam poucos anos - muitas vezes o tempo em que seus fundadores ficavam na Escola. A primeira moradia, de um total de sete casas mais antigas, surge em 1919 (Castelo dos Nobres). Até 1941, por conseguinte, mais seis casas são fundadas. Outras, é importante salientar, também foram criadas e/ou existiam nesse período. Porém, apenas sete casas permaneceram abertas, recebendo calouros desde suas respectivas fundações. Outras moradias das que ainda hoje estão em funcionamento passam a surgir preferencialmente no final da década de 1960. A primeira desse grupo de casas que ainda estão em funcionamento, sendo as mais antiga, é a Castelo dos Nobres de 1919. Na década de 1920, em 1927, surge a Arca de Noé. Quatro outras surgem nos anos 1930: Canaã (1930), Consulado (1936), Vaticano (1935) e Pureza (1939). E, finalmente, em 1941 surge a Esparta³.

² Trataremos, no decorrer de todo o trabalho, desta instituição seja pelo nome completo - como agora apresentado -, seja pela sigla dele proveniente, EMOP, ou mesmo apenas por Escola.

³ Cabe-nos ressaltar que liá discussão acerca de qual teria sido a primeira e, portanto, seria atualmente a república mais antiga em funcionamento em Ouro Preto. Entretanto, não foi nosso interesse precisar datas de fundação criteriosamente. Esse grupo, independentemente de qual surgiu, entre ele. primeiro ou em segundo, foi um grupo formado por moradias que se consolidaram, estando ainda hoje em funcionamento.

Através destas moradias, acreditamos inicialmente, podermos investigar o surgimento de algumas práticas ainda hoje em evidência nas repúblicas de Ouro Preto ditas tradicionais. Não apenas os trotes, mas também os quadros nas paredes das casas reverenciando os ex-alunos formados pela Escola (que foram moradores daquela casa específica), a necessidade de se ostentar uma placa de identificação, a necessidade de se apelidar o calouro, como se fosse rebarizado em Ouro Preto. Foi, também, importante para nós tentarmos compreender quando surgem os critérios atuais de preenchimento das vagas ociosas nas casas, também ditas tradicionais e acreditávamos que, através destas casas, poderíamos encontrar respostas.

Se priorizamos estas moradias, também priorizamos seus moradores mais antigos. Partindo de indicações de estudantes e ex-alunos, fomos organizando um grupo de entrevistados que, tendo por base a metodologia da História Oral, serviu-nos de fonte primária para este trabalho. A especificação da escolha e o processo de entrevistas serão, devidamente, discutidos nesta introdução, no item História Oral (I.1).

Escolhemos trabalhar com estas questões no período que compreende a fundação da maioria destas casas: entre 1930 e 1950 e nossos entrevistados, necessariamente, passaram pelas moradias e, naturalmente, pela Escola, também nesse período.

Uma vez levantadas estas questões, o trabalho de pesquisa em si levou-nos para um caminho mais abrangente que, para a compreensão das questões iniciais, mostrou-se

imprescindível. Tornou-se crucial que conhecêssemos a Escola, desde sua fundação, discutindo também seus principais problemas, para que entendêssemos mais claramente seus objetivos e que pudéssemos, por fim, compreender o significado do apelo feito à história do estabelecimento como um fator de tradição para os estudantes. Também nos foi de importância *sine qua nom* que investigássemos a inserção dos ex-alunos de Ouro Preto seja no setor público como no privado e compreendêssemos, por conseguinte, como se incorporaram no espaço destinado à tecnocracia a partir da década de 1930, preferencialmente. Também nos foi decisivo procurar compreender como o fundador da Escola a pensou e, posteriormente, como a deixou, tornando-se, mais adiante, o símbolo da tradição da Escola até hoje reverenciado.

A busca pela compreensão destas questões nos fez ponderar como era a vida de um estudante em Ouro Preto no período em que esta pesquisa se insere e, por decorrência, como a cidade se relacionou com a Escola e seus estudantes.

Todos estes elementos, não obstante, foram fundamentais, portanto, para que pudéssemos inferir algumas considerações acerca das questões inicialmente levantadas, posto que nos nortearam para a compreensão de como e por que elementos que, nas décadas de 1930 e 1940 surgem rotinizados pelos estudantes, tornaram-se hoje uma tradição quase que imemorial.

Nosso trabalho pautou-se, metodologicamente, na História Oral (que será apresentada em I.1). Pautamo-nos, também, para o trabalho com as fontes orais, pela

teorização da Memória Social (discutida em I.2). E analisamos os dados recolhidos tendo como base o conceito de invenção de tradições (que trataremos em I.3).

Desse modo, apresentaremos nosso trabalho discutindo, já na Introdução, o aparato teórico-metodológico utilizado (I.1; I.2; I.3). No primeiro capítulo, discutiremos a fundação da Escola e a inserção de seus ex-alunos profissionalmente. No segundo capítulo, consideraremos os problemas sofridos pela instituição a partir da década de 1940, provenientes de questões internas e externas que serão convenientemente apresentadas. No terceiro capítulo, ponderaremos a passagem de Henri Gorceix pela Escola, desde sua fundação até a transformação de seu nome e sua imagem numa tradição da instituição. Por último, no quarto capítulo, discutiremos a relação dos estudantes com Ouro Preto, com os moradores da cidade, a vida em república estudantil nas décadas em que se insere esta discussão e o surgimento das práticas atualmente consideradas tradicionais.

I.1 - História Oral

A metodologia da História Oral pretende organizar fontes orais, recolhidas através de entrevistas, que sustentem a pesquisa histórica. Para Lozano (1994) existem, na História Oral, duas grandes modalidades: a faceta técnica e a faceta metódica. No caso da faceta técnica são apresentadas pelo autor duas variáveis: o estilo arquivista documentalista (cuja preocupação central é a de formar arquivos

gravados e transcritos para posterior utilização dos historiadores) e o estilo difusor populista (para o qual a História Oral deva servir para incluir os excluídos da História, através do recolhimento de suas entrevistas, sem posterior análise). Já no segundo caso, o da faceta metódica, o autor aponta outras duas variáveis: o estilo reducionista (no qual a História Oral seria apenas um complemento ou uma ilustração da História Tradicional) e o estilo analista completo (cujo procedimento determina o recolhimento e a interpretação do depoimento, analisando-o e situando-o historicamente).

Acrescentando à discussão, Voldman (1994) propõe que o documento oral, obtido pelo processo de entrevistas, pode ser analisado sob dois aspectos: dando importância para a precisão factual e para a informação ou preocupando-se em interpretar, revelando os interstícios do discurso.

Tivemos a preocupação, no processo de entrevistas que organizamos de, por um lado, gerar fontes fiéis à técnica apresentada por Ferreira e Amado (1994) e, por outro, viabilizar nosso trabalho através das fontes geradas. Neste sentido, priorizamos, a gravação em fitas cassete das entrevistas, suas transcrições integrais e posterior análise das informações nelas obtidas, preocupando-nos o cruzamento com outras fontes. Muito embora, contudo, não tenhamos negligenciado com isso o valor primordial do depoimento oral para o trabalho realizado.

O trabalho para a seleção dos possíveis entrevistados, a organização e realização das entrevistas e suas transcrições foi o mais demorado de nossa

pesquisa. Organizamos os primeiros contatos através de telefonemas. Os meios para a obtenção dos números de telefone de cada entrevistado variaram desde indicações de outros entrevistados até mesmo a utilização de lista telefônica. Lentamente, contudo, fomos organizando um cadastro com alguns nomes, telefones e endereços de possíveis entrevistados. No nosso caso específico, foi-nos muito importante a indicação de nomes e números de telefone obtidos através de professores da Universidade Federal de Ouro Preto, ex-alunos mais recentemente graduados pela Universidade e moradores de algumas repúblicas. Caso exemplar foi o da República Consulado, que não apenas nos disponibilizou sua agenda telefônica como também seus arquivos particulares.

Organizado este pequeno cadastro, que foi sendo elaborado a medida em que algumas pré-entrevistas foram sendo realizadas, tínhamos a disposição contatos importantes para nosso trabalho. É necessário lembrarmos, entretanto, que ouvimos alunos, professores e ex-alunos. Ao todo, foram cerca de vinte pré-entrevistados. Daí foram resultantes seis possíveis entrevistados. O processo de escolha destes, e a ordem de entrevistas, respeitou critérios previamente estabelecidos, quais sejam: ter sido aluno da Escola de Minas de Ouro Preto; seu ano de formação; ter sido morador

⁴ Cabe-nos ressaltar, contudo, que compreendemos como pré-entrevista o encontro com pessoas que nos colocassem em contato com entrevistados em potencial, ou mesmo, com outros que nos aproximassem dos contatos dos referidos entrevistados potenciais. Muito embora a pré-entrevista possa ser considerada apenas a conversa estabelecida entre entrevistador e entrevistado, que antecede a gravação do depoimento, acreditamos que os contatos estabelecidos também foram muito importantes para a preparação das entrevistas e das pré-entrevistas que foram gravadas. Deram-nos, por certo, referências fundamentais que nos nortearam quando da realização das gravações.

de república; ter disponibilidade para gravar seu depoimento e; ter sido indicado por vários pré-entrevistados diferentes.⁵

Enfrentamos, no decorrer do processo, dificuldades típicas no que se refere ao trabalho com a História Oral. A primeira, e talvez maior dificuldade, diz respeito à aproximação com alguns entrevistados. Um dos possíveis entrevistados - aliás, um dos que primeiramente foi por nós procurado - foi extremamente solícito às nossas preocupações, atendendo-nos sempre que necessário fosse. Colaborou conosco em muitas informações preciosas que nos pautaram em muitas entrevistas seguintes. Recebeu-nos sempre com grande solícitude e dedicou-nos muito de sua paciência e tempo. Contudo, recusou-se plenamente a gravar seu depoimento. Embora acreditemos ainda ser sua entrevista muito importante para nosso trabalho, sabemos que - independente de suas razões - a não gravação de seu depoimento não foi uma perda completa. Abriu-nos portas, importantes, aliás, concedeu-nos importantes declarações e foi um atencioso colaborador.

Excetuando este caso isolado, contudo, as entrevistas que foram gravadas decorreram de uma preparação razoavelmente idêntica em todos os casos. Essa preparação seria uma pré-entrevista melhor estruturada, que durava o tempo, geralmente, de uma entrevista normal. Ali, nos apresentávamos e também o nosso projeto, demonstrávamos o nosso interesse em ouvi-lo, comentávamos sobre a

⁵ É importante atentarmos para esse último item. Não que outros alunos não pudessem colaborar - como colaboraram - mas o fato de terem sido indicados por vários pré-entrevistados os salientavam enquanto membros reconhecidos pela comunidade formada pelos ex-alunos como importantes para a Escola e para o grupo.

importância do depoimento para o trabalho e, principalmente, informávamos todas as etapas do trabalho. Apresentávamos a proposta da entrevista ser gravada em fitas cassete, que seriam posteriormente transcritas e apresentadas ao entrevistado para eventuais correções ou omissões. Estando o possível entrevistado de acordo com todas essas questões acima expostas, agendávamos a data para a entrevista. Cabe-nos ressaltar, não obstante, que o processo não é muito simples. Isso por que cada entrevistado, em nosso caso, morava em lugares diferentes. Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Ouro Preto. Além de pré-entrevistados nas três cidades, haviam entrevistados. Portanto, o processo de marcar pré-entrevistas e entrevistas, conciliando tudo isso numa agenda compatível, foi tarefa complicada e muito demorada.

Outro fator importante de comentarmos é que trabalhamos com pessoas idosas. Isso nos dificultou o processo muitas vezes, seja pela voz mais fraca que, via de regra, parecia inaudível na gravação, seja pela dificuldade imposta por eles quanto ao contato.

Outro ponto de importante destaque nesse breve apanhado acerca da História Oral diz respeito à metodologia da entrevista, não apenas em sua característica técnica. Fita, gravador, transcrição, etc, podemos considerar, segundo nos demonstra Camargo (1999: 173), perfazem a parte técnica, não necessariamente a metodologia. Como metodologia, aplicamos, por conseguinte, a entrevista pautada na História de Vida. Assim,

Quando digo: - Conte-me a sua vida -, a pessoa automaticamente já vai entrar num terreno em que não vai simplesmente divagar, mas vai contar alguma coisa que viveu, portanto, que conheceu. Segundo, ela já vai me dando pistas para eu controlar o processo, para comparar com outros, para eu poder fazer as perguntas contextuais que vão esclarecer aquele processo. Então, imediatamente partimos da idéia de que tínhamos que combinar a História de Vida do indivíduo com a cronologia do período e dos eventos dos quais ele foi protagonista. Era uma espécie de superposição da cronologia mais ampla com a História de Vida. (CAMARGO, 1990: 173-174).

Dessa forma, procedemos nossas entrevistas sempre partindo da origem familiar do entrevistado. Sempre perguntávamos, inicialmente, sobre sua família, seus pais, irmãos, a vida anterior à Escola de Minas para, posteriormente, chegarmos à Escola. É fato, contudo, que muito embora tenhamos partido deste princípio, tínhamos já informado aos entrevistados o objeto de nossa preocupação e, via de regra, acabavam, ao delimitar sua infância e vida familiar, encaminhando o depoimento em direção ao ingresso da Escola. Muitas vezes, por decorrência, aí encontrávamos outro grande problema. Havia entrevistado que se sentia muito bem ao falar. Usava imagens figurativas para tratar da Escola, fazia referências ao passado com determinado lirismo e, a medida que se perdiam em lembranças cada vez mais distantes e íntimas, contribuía com depoimentos riquíssimos.

Se tínhamos estes entrevistados que se dispunham plenamente, tivemos, em alguns momentos, a dificuldade de lidarmos com pré-entrevistados que secamente nos respondiam, aparentemente desinteressados, sendo, portanto, difícil de entrevistá-los. Um deles, por sinal, foi por nós entrevistado. Deu um depoimento relativamente conciso. É relativo por que tínhamos como teto para as gravações, no

máximo, duas horas. Em todos os casos excederam em minutos esse prazo, mas sem nunca chegar a mais de duas horas e meia de duração.

Cada entrevista, é importante que esclareçamos, foi organizada após uma breve pesquisa acerca da vida pós-formado de cada ex-aluno. O que fez, onde morou, onde trabalhou, funções públicas que exerceu, etc. Em seguida, organizada sua pequena biografia, partíamos para recortar as anotações de cada pré-entrevista que tinha relações que fossem importantes para a entrevista que iríamos realizar. A própria pré-entrevista concedida por aquele que seria entrevistado nos era muito útil no que tange a pautar a gravação. Essa pauta dividia-se em duas partes. A primeira diz respeito a questões gerais acerca da Escola, das moradias estudantis e de seus laços mais gerais. Essa primeira fora feita para todos os entrevistados sem exceção.

A segunda, por conseguinte, era mais individual. Preocupava-se, portanto, em levantar alguns pontos da vida do entrevistado, lembrando-lhe mais de uma ou outra informação que lhe fizesse mais sentido que a outro entrevistado. Essas duas partes do questionário, no entanto, não estavam rígidas a ponto de não se mesclarem. Antes, aconteciam no momento da entrevista em conjunto, posto que não é o entrevistador quem dá o tom e o direcionamento para cada momento da entrevista.

Ao contrário, o próprio informante se guia por pistas subliminares que vão sendo espalhadas pelo pesquisador. Assim, para alguns entrevistados nem era preciso completar a frase: uma ou duas palavras pronunciadas irrompiam neles o desejo de falar e, ato contínuo, interrompiam o entrevistador e se punham a lembrar.

Se fundindo, esses dois questionários que eram um só, como vimos, muitas vezes não precisava ser plenamente utilizado.

Complementarmente, cabe-nos discutir o processo de transcrição das entrevistas gravadas. Trabalho extremamente demorado, a transcrição do conteúdo das fitas foi feita tomando-se por critério sua integralidade. Tudo o que foi gravado foi transcrito, respeitando pausas, repetição de palavras, frases incompletas. Não há uma regra definitiva acerca do procedimento exato para esse fim. Pautamo-nos, entretanto, pelo exposto em Amado e Ferreira (1994), transcrevendo, portanto, como apresentado acima, os depoimentos na íntegra.

Cabe-nos informar, por fim, que não estaremos identificando os ex-alunos entrevistados por alguns motivos, dentre os quais, o mais importante, é que um dos entrevistados não se mostrou muito a vontade quanto à divulgação de certos trechos de seu depoimento. Não identificando um, achamos mais conveniente não identificar nenhum. Podemos informar que as entrevistas foram gravadas em 25/01/2002, 10/04/2002, 06/05/2002, 07/05/2002 e 08/05/2002. A primeira na cidade de Belo Horizonte, a segunda em Ouro Preto e as últimas no Rio de Janeiro. As entrevistas estarão, por decorrência, identificadas, indistintamente, com a seguinte frase *entrevista concedida ao pesquisador*, na forma de uma sigla: *ecp*.

I.2 - MEMÓRIA

Utilizamos-nos, para o tratamento e conseqüente análise dos depoimentos, do aparato teórico acerca do conceito de Memória Social que buscaremos explicitar a partir de agora.

O conceito memória *social*, tem sido de grandiosa importância para as Ciências Humanas e Sociais, recebendo uma atenção crescente a partir da década de 1980 (SANTOS, 1998: 152). Amparada numa discussão teórica que remonta ao período que vai do final do século XIX ao início do século XX, sua compreensão requer, antes, uma breve observação acerca da importância dedicada à memória, mesmo enquanto observada como algo propriamente individual, remontando a bastante tempo antes de sua aceção coletiva.

A concepção de memória, na tradição ocidental, sempre esteve apoiada na sua característica individual (WEHLING, WEHLING, 1997: 11). Já em Platão vemos a memória como temática, estabelecendo-se uma distinção entre memória propriamente dita e a faculdade de se reter as impressões e a reminiscência (anamnese), processo que levaria à verdade por meio da recordação (Wehling e Wehling, 1997: 12). Pensadores como Aristóteles, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, também discorreram acerca da problemática da memória, tendo como cerne sua individualidade.

A percepção da memória como característica própria exclusivamente do indivíduo, entretanto, é questionada a partir de Bergson, em fins do século XIX. Com Bergson que a temática da memória tende a minorar seu caráter individual emergindo, daí, um conceito de memória coletiva ou social. Ao fazer a distinção entre *memória hábito e memória pura*, Bergson conclui que o homem, sendo um “ser com memória”, retém o passado revendo-o no presente, criando a tradição e a história (Wehling e Wehling, 1997: 13).

Durkheim, também em final do século XIX, preocupou-se em estabelecer a memória individual como marcada pela relação social, relacionando-a, então, em seu caráter individual, a construção de representações sociais. A memória individual teria, por conseguinte, um caráter simbólico, podendo ser compreendida, apenas, se relacionada à representação social.

Foi Halbwachs, discípulo de Durkheim, quem aprofundou o caráter simbólico da memória individual, sendo um dos autores que mais contribuiu para a significação da memória coletiva (SANTOS, 1998:153). Entendida por Halbwachs como uma trama das identidades individual e coletiva (RIVERA, 2002: 30), a memória articulava as lembranças do passado através de construções coletivas do presente. A partir do estabelecimento daquilo que Halbwachs nomeou como *quadros sociais da memória*, sua conceituação evidencia que a memória institucionalizasse socialmente construindo, no grupo, uma identidade cultural, rompendo, por conseguinte, tanto com a oposição individual/coletivo, de base

durkheiminiana, como com o essencialismo filosófico de Bérson (WEHLING, WEHLING, 1997; 13). Para Halbwachs, não haveria oposição, mas contribuição da memória individual à coletiva sem, contudo, tragá-la: "*A memória coletiva (...) envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas*" (HALBWACHS, 1990:53).

O autor vai desenvolver uma idéia de multiplicidade do tempo, concebendo-o social, vinculado a um espaço com a mesma característica. Halbwachs procura demonstrar que a memória não é um esforço para trazer a tona as experiências pessoais do passado. Antes, a memória é um trabalho coletivo, não sendo uma tarefa individualizada, mas sim uma tarefa social. Não que isso venha significar, por conseguinte, que o indivíduo não disponha de uma autonomia memorial mas, considerando-o pertencente sempre à vários grupos sociais, sua memória particular e singular se situaria no encontro de muitas memórias coletivas. Esse ponto de vista, entretanto, não é imutável. Ao contrário, muda segundo o lugar ocupado pelo indivíduo e segundo sua relação com outros indivíduos. Cada um pode, portanto, elaborar sua própria memória singular, contanto que isso venha a acontecer no interior desse dispositivo de organização de referência, isto é no interior de um *quadro social*.

Estava, portanto, estabelecido o laço entre o individual e o coletivo, o presente e a representação do passado, que - uma vez percebidos na memória - teriam sua confluência formando importante lastro do homem com seu passado,

coletivamente construído. Surgindo em fins do século XIX, o conceito de memória social propiciaria compreender como os homens, individual e coletivamente, se articulavam - em meio a um processo cada vez mais efetivo de modernização (negando o passado sistematicamente, na medida em que se propunha instituir o novo) - na perspectiva de reter do passado aquilo que fosse conveniente enquanto tradição, história, ou qualquer outra possibilidade de segurança em meio a transformações tão profundas e céleres.

Uma vez sendo construída coletivamente, a memória passa a responder a alguns critérios ao ser construída, passando inclusive pela omissão de algumas informações. Ela toma-se, portanto, reorganizável, na medida em que surgem necessidades para isso.

Para nossa melhor compreensão, partiremos das críticas de Michel Pollak (1989a) para tentarmos analisar - mesmo que rapidamente - essa reorganização constante da memória. Pollak (1989) irá apresentar a memória como construção coletiva, seguindo o proposto por Halbwachs (1990), mas irá ressaltar que ela não deixa de ter traços imutáveis. Ele ponderará, portanto, que os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva podem ser divididos em dois tópicos: os acontecimentos vividos pessoalmente e; os acontecimentos vivenciados por tabela (vivido pelo grupo ao qual a pessoa acredita pertencer). Quanto a esse último, inclusive, Pollak (1989a) afirma que são acontecimentos tão importantes

para o coletivo que se solidificam no indivíduo de modo a fazê-lo confundir-se sobre sua participação ou não.

Ele argumentará a possibilidade daquilo que considera ser uma "memória herdada", que teria sido vivida em um passado tão significativo que vem junto ao indivíduo, construindo-se na coletividade. Mas ressalta Pollak (1989a), entretanto, que não apenas os acontecimentos são definidores da memória de um grupo, ou de uma memória coletiva. Antes, além deles, podemos também considerar marcos constitutivos dessa memória lugares e personagens. Quanto aos lugares, especificamente, ele definirá que

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu.(POLLAK, 1989a: 21).

Pollak irá afirmar, por conseguinte, que essa subdivisão da memória em acontecimentos, personagens e lugares pode ser reconhecida direta ou indiretamente. Mais, que pode ser, através de projeções, objetivas ou subjetivas. O autor argumenta, enfim, que um dos exemplos vivos da organização sistemática, objetiva ou subjetiva, da memória de um povo é a memória nacional, implicando esta na auto-reconstrução tendenciosa e no conflito pela sua afirmação. Assim,

Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (POLLAK, 1989: 23).

É então que Pollak (1989a: 23) constata que a memória é um *"fenômeno construído"* (1989:23) sendo *"o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização"*.

Assim, este autor irá nos mostrar, segundo sua percepção, que a memória -com seus elementos e seus trabalhos - aglutina e diferencia cada grupo no âmbito social, surgindo daí as noções de pertencimento ou exclusão.

Contudo, se a memória tem por característica definidora ser seletiva e se, por decorrência, sua reconstrução é marcada pelo conflito de interesses, chegamos naquilo que o próprio Pollak (1989b: 5) considera por uma *"memória em disputa"*. Essa disputa, aliada a essa seletividade - muitas vezes não natural - tende, decorrentemente, a criar um não dito. Segundo o autor aqui apresentado, *"o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais"* (POLLAK, 1989b: 5). Há, assim, a relação entre os grupos minoritários e uma sociedade englobante, opondo as memórias oficiais dominantes e as memórias subterrâneas. Dessa disputa, então, surge um não dito que, como o próprio autor salienta, não representa um esquecimento.

Desse modo, o autor caracterizará o silêncio dos discursos dos entrevistados, em boa parte das vezes, como *"zonas de sombras, silêncios, não-ditos"* (POLLAK, 1989b:8). E sombras que, muitas vezes, estão ali propositalmente. Até que, por qualquer motivo - mesmo que esse motivo seja uma pesquisa - é necessário que ele, que estava guardado durante anos, aflore e reapareça novamente, num processo, segundo Pollak, complicado para o informante.

Compreendendo a memória, portanto, como uma construção coletiva que ressignifica no presente aquilo que se convencionou de um passado coletivamente vivenciado, pode-se intuir que a formação de grupos, preocupados em lembrar sua trajetória, diminuindo suas importâncias individuais em prol de uma lembrança única, que represente a lembrança de todo o grupo pautando-se por um conjunto de representações comuns, uma vez que *"Tanto no trabalho da memória, voltado para o passado, como na 'construção' do presente, existem certas balizas, aquilo que Maurice Halbwachs chamou de quadros sociais da memória"* (SANTANA e NASCIMENTO, 1999: 104), torna-se importante meio para se compreender como se constrói a memória social. Silenciando o inconveniente, como proposto acima por Pollak, o grupo molda um lembrar que, sustentado em razões individuais e/ou coletivas, justifica um silêncio coletivo sobre o passado. Santana (2000: 41) aponta essa nuance: *"O não falar, de certa forma, era a face externa, mais eloquente, do pacto consciente ou inconscientemente selado entre os agentes"*.

Em nosso trabalho, decorrentemente, nos deparamos com silêncios acerca da trajetória da Escola de Minas de Ouro Preto e da relação entre alunos, Escola, professores e ex-alunos. Silêncios ou atenuações que, via de regra, mostravam-se incompatíveis com aquilo que os documentos oficiais ou a bibliografia sobre o tema demonstrava. E isto estará exposto no decorrer do trabalho.

Muito nos foi importante, não obstante, além da conceituação de memória social, a discussão acerca, especificamente, da memória das pessoas idosas que, segundo Bosi (2001), merece um tratamento diferenciado decorrente das suas especificidades. Sendo todos os nossos entrevistados octogenários, essa discussão nos foi fundamental.

Bosi (2001) faz uma diferenciação que, para nós, torna-se de muita importância: memórias de pessoas idosas não são como as memórias de adultos simplesmente maduros. Ou seja, aquele que alcançou a velhice tem uma memória diferenciada daquele que ainda é jovem. Ou mesmo, aquele que é velho tem razões e circunstâncias muito diferentes no trato com suas memórias que um adulto mais jovem. Segundo a autora, a memória do adulto representa uma fuga da rotina estafante, um momento aleatório, ao qual lhe é dedicado apenas instantes que não estão sendo sorvidos pelo trabalho e pelos afazeres peculiares da vida ativa. Já no caso de velhos, suas memórias são a ocupação de seus passados, de maneira laboriosa, necessária e consciente. “O velho (...) conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito” (HALBWACHS, 1925:141 *apud* BOSI,

2001:60). Pudemos perceber isso, por exemplo, quando um de nossos entrevistados, nos confia, na entrevista gravada, que escreveu cartas para os netos contando seu passado e, não contente, as busca e lê trechos significativos para ele, dando-nos como presente três delas. Ao velho cabe, portanto, como função primordial o trabalho de lembrar; cabendo a ele a memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade (BOSI, 2001:63).

Partindo da perspectiva aqui discutida, portanto, seja no tocante à memória social ou mesmo no que diz respeito à História Oral, enfrentamos o desafio de trabalhar com o grupo de ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto por nós selecionado. Este aparato nos foi importante uma vez que nos capacitou tanto a gerar documentação pertinente à investigação como a trabalhá-la posteriormente. Cabe-nos, finalmente, discutir o conceito de *"invenção de tradições"* proposto por Hobsbawm que nos foi fundamental para a observação do caso específico que procuramos investigar.

1.3 A INVENÇÃO DE TRADIÇÕES

O conceito *"invenção de tradições"* surge através de Hobsbawm e Ranger (1984) em livro homônimo. Criticado posteriormente por uma possível leitura utilitária a que se permite (GOMES, 1994: 11), o conceito mostra-se pertinente uma vez que não acreditamos ser ele um fantoche funcionalmente armado, com intenções

deliberadas de quem o armou. Acreditamos que, muito embora sirva as intenções de determinado grupo, pode sim ser reflexo de um conjunto de práticas inconscientes, não programadas e que, por fim, com o passar dos anos se consolida como uma tradição nova, criada. Cabe-nos, feita esta introdução, especificar o conceito, portanto.

Podemos compreender por tradição inventada um conjunto de práticas, geralmente reguladas por regras comumente aceitas, que buscam o estabelecimento de uma relação com um determinado passado através da ritualização e construção de símbolos comuns, através da repetição, gerando a assimilação de normas e comportamentos (HOBSBAWUM, 1984, p,9). Existindo, decorrentemente, um passado histórico, as tradições inventadas procuram estabelecer com ele, para o autor, uma relação de continuidade artificial. Seriam uma reação às situações novas que surgem num determinado grupo, assumindo modos referenciais ao passado ou estabelecendo um novo passado que servirá para a adaptação da realidade construída.

Consideramos que a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição (HOBSBAWM: 1984, 12).

Desse modo, também podemos compreender essas tradições inventadas como a tentativa do grupo de estabelecer suas relações com seu próprio passado, criando, decorrentemente, símbolos e rituais próprios que os distingam dos demais.

Hobsbawm alerta, contudo, que *"inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta"* (HOBSBAWM: 1984,13). Assim, ao surgir a necessidade de se criar e ou incorporar os ritos e símbolos, podemos perceber que transformações importantes tenham ocorrido na realidade do grupo que, por conseguinte, inventará suas tradições.

Como exemplo de uma tradição inventada, Hobsbawm irá citar os casos relacionados a algumas Universidades europeias e norte-americanas que, também nos servem de exemplo para o caso específico da Escola com a qual trabalhamos.

A expansão dos cursos superiores no século XIX seja na Europa como nos Estados Unidos, fez com que as elites, ciosas de manterem-se na vanguarda da cultura e do conhecimento, criassem mecanismos de segregação dentro do meio acadêmico para que não houvesse uma massificação do estudo, decorrentemente, para que não passasse a ser menos importante, para elas, estar graduando-se em um curso superior. Havia, conseqüentemente, a divulgação das melhores escolas e das fraternidades de escolas que formavam as elites desses respectivos locais. Pertencer a essas escolas era o mesmo que ter muitas portas abertas na sociedade. Na intenção de conseguir o mesmo êxito desses, passou-se a proceder a imitação das suas instituições. Decorrente, passa a existir dentro destas escolas a relação entre ex-alunos. Os ex-alunos integram-se em uma profícua rede de relações, desde a década de 1870, quando se registram os primeiros documentos, rede esta que procurou

reunir homens cultos que construiriam as elaboradas sedes de grêmios nas suas respectivas faculdades, demonstrando sua fortuna e pavimentando sua influência nos que ainda eram alunos. Assim, criava-se uma relação entre gerações de estudantes e ex-alunos. Dentro desse cenário, as tradições como a das gravatas listadas para os pertencentes desses mais variados grupos, são inventadas como sinal de identificação e relação com algo em comum (HOBBSAWM, 1984:304).

Poderemos, decorrentemente, ao trabalharmos com as questões propostas por este trabalho, nos deparar com muitas coisas semelhantes. Acreditamos que esta perspectiva nos é importante, posto que, como será aqui apresentado, uma série de tradições passam a ser incorporadas pelos alunos e ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto, em determinados momentos da vida da Escola, que tendem às questões levantadas por Hobsbawm. Pautando-nos por esse caminho, procuramos interpretar alguns elementos ditos tradicionais da Escola, dos ex-alunos e dos ainda estudantes como coletivamente construídos. Não que, fique claro, acreditemos ter havido uma instrumentalização dessa constituição. Antes, parecem ter surgido inconscientemente, mas surgiram e tentaremos, aqui, esmiuçá-las.

Capítulo I

A ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO

"(...) é importante frisar é que a Escola de Minas de Ouro Preto foi um padrão de ensino. A Escola era respeitada, mas também era muito... invejada."

(Ecp)

A fundação de uma Escola de Mineiros⁶, por um francês ainda jovem, na longínqua Ouro Preto da década de 1870, seguindo moldes franceses rigorosos, em um cenário econômico considerado pouco propício é o mote central deste capítulo que pretende traçar de maneira bastante objetiva o percurso seguido pela Escola de Minas de Ouro Preto desde sua fundação até a década de 1950. Desta forma, consideraremos primeiramente os antecedentes de sua fundação, sua consolidação e sua decorrente importância no cenário nacional.

A Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP), fundada em 1876 pelo francês Claude Henri Gorceix, com o apoio direto de D. Pedro II (DIAS, 1994: 15), foi uma das primeiras e mais importantes instituições do ensino brasileiro, juntamente com a Escola do Caraça, de "*importância decisiva na vida de Minas Gerais*" (IGLESIAS, 2002:07). Sua criação, entretanto, apresenta-se em uma história de constantes percalços, não muito diferente de sua trajetória pós-fundada. A primeira indicação no sentido de sua criação aconteceu em 1832, após décadas de ensaios no sentido de se criar um centro de pesquisas mineralógicas no Brasil. Neste ano, na Assembleia Geral Legislativa da Província de Minas Gerais, aprova-se a lei que em 1876 é aplicada, fundando a referida instituição⁷. Não havia, entretanto, necessidade econômica para sua fundação, nem espaço para os engenheiros de minas dela provenientes, uma vez em funcionamento. Mesmo quando de sua efetivação, os

⁶ Gorceix pretendia que a Escola de Minas de Ouro Preto fosse chamada de Escola de Mineiros. Segundo Carvalho (2002: 51), uma forma de se questionar, fogo no nome da instituição, a característica livresca do ensino brasileiro de então.

⁷ A discussão acerca das questões mineralógicas seja na Província de Minas Gerais, seja no Império, estão suficientemente discutidas em Carvalho (2002), não sendo aqui necessário maior aprofundamento.

espaços estavam dedicados principalmente aos engenheiros civis, voltando-se estes à construção de estradas de ferro que serviam à expansão da agroexportação.

As oportunidades de trabalho para os engenheiros pautavam-se assim pela expansão dos setores ferroviários, hidrelétricos, de serviços públicos e edificações, decorrente das novas condições de produção agroexportadora, assentadas estas na posição do café no mercado internacional, na internalização dos processos de comercialização e de financiamento e na configuração do mercado interno. O surto e o auge da expansão ferroviária centraram o trabalho do engenheiro no setor. (KAWAMURA, 1979: 10)

Além do mais, como demonstra Carvalho (2002: 43) *"Em Minas Gerais, os únicos estabelecimentos que requeriam engenheiros não civis eram as minerações pertencentes a estrangeiros, especialmente ingleses, que não utilizavam técnicos brasileiros"*.

Mesmo assim, ou talvez justamente por isso, sua fundação representa um marco importante na institucionalização das ciências no Brasil. Em trabalho acerca do papel do naturalista Charles Hartt para o desenvolvimento científico nacional, Freitas (2002) chama a atenção para um desejo latente na sociedade brasileira de então em corporificar um discurso científico próprio, tendo apoio para tanto do Imperador Pedro II. Desse apoio de Pedro II também é devedora a EMOP. Carvalho (2002: 22) apontará, por exemplo, que *"A criação da escola foi, antes de tudo, um ato de vontade política, orientado em boa parte por motivos de natureza antes ideológica do que econômica"*. Sua fundação, por conseguinte, tinha o objetivo inicial de incentivar os estudos geológicos e mineralógicos brasileiros ao mesmo

tempo em que, por decorrência, incentivasse com isso o desenvolvimento siderúrgico do país⁸.

1.1 - Pedro II, a Escola de Minas e sua organização

Coube ao Imperador Pedro II, que, em uma viagem à Europa, em 1871, ao encontrar-se com Auguste Daubrée, diretor da Escola de Minas de Paris, encomendou-lhe um documento que tratasse da melhor maneira para que as riquezas minerais brasileiras fossem conhecidas e exploradas, o apoio fundamental para que a Escola deixasse de ser lei e passasse a existir.

A sugestão de Daubrée foi a preparação de um mapeamento dos aspectos geológicos brasileiros e o ensino da mineralogia exercido por professores estrangeiros bem como brasileiros, desde que estes fossem treinados no exterior. Em 1872, D. Pedro II, já no Brasil, convida Daubrée para vir ao país, fundar a referida Escola. Ele se recusa e, após um ano, apresenta a indicação de Gorceix (CARVALHO, 2002; 24-25).

Ex-aluno da Ecole Normale Supérieure (ENS) de Paris, formado em ciências físicas e matemáticas em 1866, aluno de Daubrée e Pasteur (CARVALHO, 2002: 26),

⁸ Gorceáx, idealizador do referido estabelecimento, quando propõe a criação do mesmo em documento datado de 1875 -ano anterior à criação da Escola -, já salientava a importância da pesquisa em subsolo local: "*Em todas as épocas e em todos os povos a exploração das riquezas minerais enterradas no solo tem sido objecto da mais viva solicitude do governo; e com effeito, bem merece tamanha attenção... é obvio que todo governo tem o mais subido interesse em ver o subsolo estudado com o maior cuidado, e certificar-se de que as minas são exploradas de modo mais vantajoso para o thesouro publico, como para os interesses dos particulares. Para attingir a esse duplo fim, é indispensável que o Estado possa dispor de engenheiros de minas capazes de dirigir as explorações metallurgicas e de se entregarem às pequizas e aos estudos necessários ao desenvolvimento dessa industria.*"

Gorceix traz para o Brasil aquilo que se convencionou chamar ‘o espírito de Gorceix’⁹. Esse espírito nada mais foi que a disciplina, organização e metodologia da ENS. Enquanto no Brasil as incipientes escolas de então careciam de metodologia apurada, ele trouxe da França o modelo ao qual foi submetido enquanto aluno.

Esse novo método, em linhas gerais, fazia de sua escola um centro de estudos diferenciado no que tange a uma série de aspectos do ensino brasileiro dos fins do século XIX. A EMOP, não cabia o papel de simplesmente aceitar o ensino memorizante das escolas brasileiras do período. Antes, pretendia-se dela uma instituição que desenvolvesse a criatividade dos alunos, aguçando seus desejos de investigação (CARVALHO, 2002: 72). Entre suas propostas fundamentais, as quais defendeu até abandonar a direção da Escola, fato ocorrido em 1892, estavam os períodos letivos de dez meses de aula, com os dois anos restantes para excursões e trabalhos práticos; tempo integral de professores e alunos, não excetuando os finais de semana; seleção dos alunos por meio de concurso, além de um sistema de exames rotineiros durante o ano; turmas reduzidas a, no máximo, dez alunos; professores bem remunerados; práticas de laboratórios e viagens de estudo como uma constante; bolsas de estudo para estudantes pobres e premiação aos melhores alunos com viagem à Europa e aos Estados Unidos para aperfeiçoamento; contratação pelo Estado dos que melhor aproveitassem a viagem de aperfeiçoamento e, por fim, o ensino gratuito (CARVALHO, 1978: 30).

⁹ Sobre Gorceix, o “espírito de Gorceix”, sua estada no Brasil a frente da EMOP e demais questões pertinentes tratará o capítulo 3.

Os resultados positivos da Escola de Gorceix se tornam uma consequência inevitável do trabalho nela desempenhado (ROQUE, 1999). Contudo, ela não resiste

desde os primeiros anos à questões de ordem prática que acabam por direcionar também, além dos impulsos e projetos de Gorceix, os rumos da Escola. Já em 1885, segundo nos mostra Carvalho (2002), uma transformação radical se configura na formação dos alunos do estabelecimento. Se, inicialmente, passavam dois anos na Escola para graduarem-se engenheiros de minas, a partir de então ficariam seis anos graduando-se, por fim, engenheiros de minas e civil. Com a reorientação o engenheiro graduado pela EMOP viu aberto, gradativamente, um amplo espaço de inserção, principalmente no tocante à construção de estradas de ferro (CARVALHO, 2002: 66)¹⁰. Este fato é importante se considerarmos que o mercado é carente de mão de obra especializada mais nas últimas necessidades do que na mineralogia, especificamente. Estava, assim, resolvida mais uma questão pertinente aos percalços de sua instalação. Roque (1999) afirma que:

À medida que a economia brasileira se afirmava como agrário-exportadora, tendo como principal produto o café, impunha-se a necessidade de mudanças infra-estruturais. O escoamento da produção exigia principalmente a expansão das estradas de ferro e dos portos.

Dessa forma, o engenheiro formado pela Escola saía com excelente formação profissional para os postos de trabalho abertos na construção de estradas de ferro e na composição das diversas comissões do governo. Lograva, paulatina, mas

¹⁰ Aliás, antes da ampla reforma de 1885, já em 1882 o curso era acrescido de um ano, sendo a ele somada uma disciplina de estradas de ferro, resistência de materiais e construção que, se não transformava o engenheiro formado pela Escola em engenheiro civil, ao menos o formava em Minas, mas com regalias de civil podendo, então, trabalhar como tal.

eficazmente, êxito a “casa de Gorceix”. Essa reorientação nos rumos da formação, por conseguinte, é compreendida e aceita como mais uma atitude proveniente antes da perspicácia de Gorceix que de uma questão necessariamente conjuntural. Assim, nas palavras de um ex-aluno, que se orgulha de seu pai e ele serem engenheiros de minas, embora tenham trabalhado fora da mineralogia:

Mas a mineração, no Brasil, era muito incipiente, daí *a*, essa peculiaridade da Escola que é interessante: meu pai formou-se em engenharia de min, engenharia de minas e civil. E civil, por que engenharia de civil? Por que, o Gorceix, criada a Escola que é o berço da engenharia mineral, de repente ele viu que os alunos não tinham muito bom aproveitamento por que mineração não tinha. O que que existia? Construção civil, construção de pontes, e era a tendência, a construção de casas (...) então ele criou engenharia civil. E esse foi o ramo de formandos, de formados ou formandos da Escola de Minas que prosperou por que da engenharia civil saiu imediatamente para a engenharia ferroviária, (*ecp*)

A partir do início do século XX, entretanto, e em oposição à necessidade quase que exclusiva de engenheiros civis do fim do século XIX, ganha valor o conhecimento mineralógico e geológico, na medida em que comissões estatais passam a fazer levantamentos na área (DULCI, 1999). Nesse período, a formação de órgãos como o Serviço Geológico e Mineralógico Brasileiro (SGMB), o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), a Divisão de Fomento Mineral e o Instituto de Tecnologia Industrial foi vital na incorporação de ex-alunos da Escola de Minas aos setores públicos de atuação técnica (DIAS, 1994). No caso específico dos dois órgãos primeiramente citados, o SGMB e o CNP, em caráter de exemplificação, podemos dizer que, em seu início, haviam 45 engenheiros formados pela Escola em

seus quadros (CARVALHO, 2002: 106), perfazendo assim quase a totalidade dos postos, o que demonstra alto índice de incorporação¹¹.

Se foram incorporados nacionalmente, também o foram localmente, uma vez que a preocupação com a modernização e o desenvolvimento do Estado de Minas Gerais foi uma constante desde fins do século XIX. Exemplo disso, a construção de uma nova capital, completamente planejada, que servisse como início ao desenvolvimento e à unificação de Minas (DULCI, 1999: 40)¹². A partir do início do século XX, em decorrência, notam-se os primeiros sinais de articulação entre os diversos grupos de poder e interesse no Estado visando à superação daquilo que se convencionou considerar como uma situação de atraso em relação ao desenvolvimento das demais regiões do país (especialmente em relação a São Paulo) (DINIZ, 1981:102). O I Congresso Agrícola, Industrial e Comercial realizado na capital de Minas Gerais em 1903 é exemplar no que tange à demonstração de uma preocupação geral acerca desse arraso (DULCI, 1999: 43). Muito embora esse

¹¹ É importante lembrarmos que o número embora pareça pequeno é, na verdade, bastante expressivo. Isto porque, no período em que estamos inserindo esta discussão, o número de alunos que se formavam na Escola era reduzido. Além de entrarem poucos no processo de seleção, muitos não conseguiam concluir o curso. Em um depoimento, por exemplo, um ex-aluno - filho de ex-aluno e neto de um professor da primeira turma de docentes da Escola - chega a comentar que seu pai foi o único formado em sua turma. Não bastando essa informação curiosa, podemos constatar tal fato pelos números oficiais. Selecionamos, para tanto, e em caráter de exemplificação, anos distintos, separados cada qual por uma década, partindo da primeira turma até a década de 1940, 1878: 3 graduados; 1888: 6 graduados; 1898: 7 graduados; 1908: 1 graduado; 1918: 11 graduados; 1928: 20 graduados; 1938: 15 graduados e; 1948: 15 graduados. Fonte: *A Escola de Minas -1876-1966*. Ouro Preto: Oficinas Gráficas da Escola Federal de Minas de Ouro Preto, 1966.

¹² O autor discute essa questão exemplificando que a construção de Belo Horizonte pode ser considerada um marco importante do pensamento regional da época. Segundo ele, o confronto de diversos setores da elite (principalmente os ligados a Juiz de Fora e ao Sul de Minas) para a localização da nova capital, por fim, foi uma clara demonstração de como esses grupos diferenciados agiriam no processo de modernização do Estado. Optaram pela região central tendo por base dois argumentos definidores, a saber: primeiro, o fato de não se afastar da região central e não desagradar as elites tradicionais vinculadas a Ouro Preto e, em segundo, porém não menos importante, o fato de, estabelecendo-se na região central, a capital poderia significar uma forma de centralizar as diversas e dispersas regiões em prol de uma união que visasse ao progresso.

congresso tivesse como preocupação imediata analisar a situação de crise motivada pela baixa do preço do café (problema que se estendia desde 1897), teve também a preocupação de planejar uma reestruturação económica para Minas que, segundo Dulci (1999: 43), foi vital para as políticas implementadas pelos governos mineiros até o final do período da República Velha.

Consequentemente, a preocupação em Minas Gerais no período em que se estendeu a chamada República Velha foi a de traçar um planejamento interno para a modernização, observando-se o atraso económico da região e procurando recuperá-lo. Essa proposta de modernização pautava-se, portanto, por uma política de diversificação produtiva (que não abandonasse a cultura do café, contudo); numa modernização agrária e numa política mineral arrojada (DULCI, 1999: 44), em que se encaixaram muito bem muitos ex-alunos da Escola de Minas.

Como visto aqui, portanto, os espaços de inserção foram sendo gradativamente ampliados para os ex-alunos da EMOP. Consecutivamente, a influência do grupo foi sendo ampliada seja nos espaços nacionais, seja no estado de Minas Gerais¹³. A Escola, por conseguinte, consolidou-se seja pela qualidade da formação oferecida, proveniente da rigidez e do empenho do corpo docente e do corpo discente, seja pela quase exclusividade no ensino da mineralogia, geologia e siderurgia no país (pelo menos até o início do século XX) ou mesmo pela firme e consciente atuação de seus professores e ex-alunos no que concerne aos rumos da

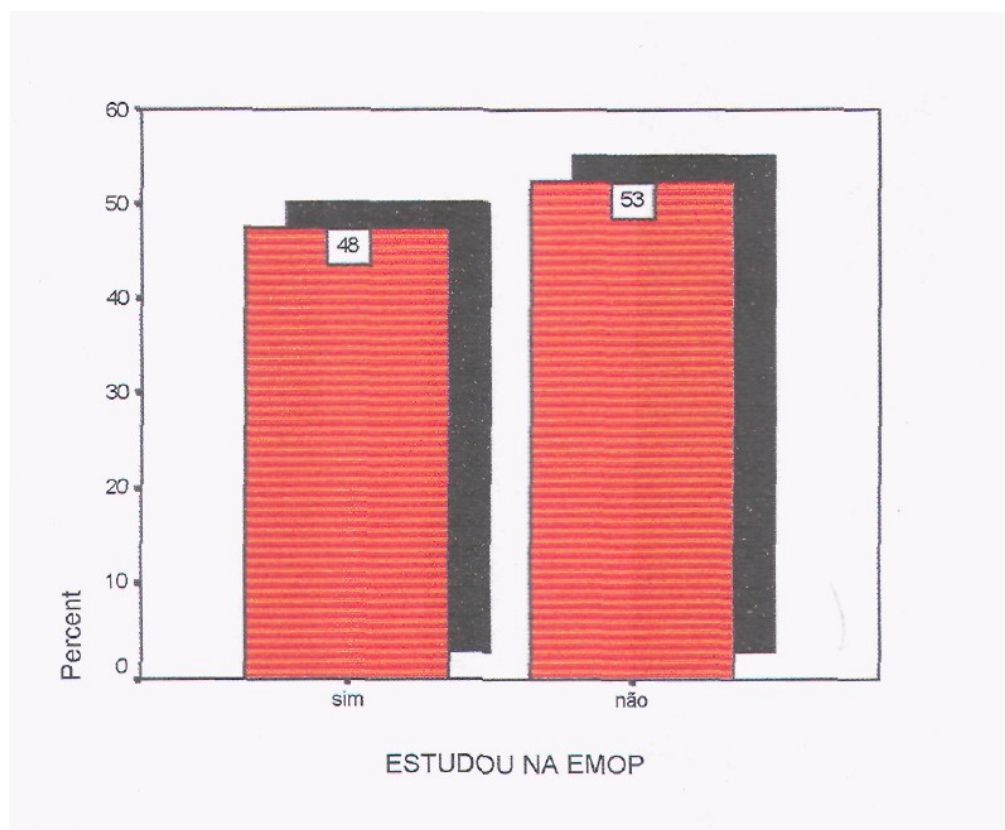
¹³ Acerca da influência do grupo de ex-alunos e dos desdobramentos decorrentes ver capítulo 2.3.

política mineralógica e geológica nacional. Lentamente, por conseguinte, a instituição transformou-se numa referência na condução das políticas públicas de desenvolvimento, principalmente em Minas Gerais.

Uma vez consolidada, portanto, a Escola passa a ser vital para a consolidação de uma elite técnica que prestará ao estado a importante contribuição de pensar um modelo de modernização. Principalmente no que se refere à Minas Gerais, mais uma vez, a Escola serve de fonte de técnicos que passam a ser incorporados nos setores públicos de forma efetiva, seja na área técnica, seja entre políticos. Da EMOP, saíram boa parte dos engenheiros que, predominantemente em Minas Gerais, foram os responsáveis entre o início da República e a metade da década de 1940 pelas políticas públicas de desenvolvimento e modernização.

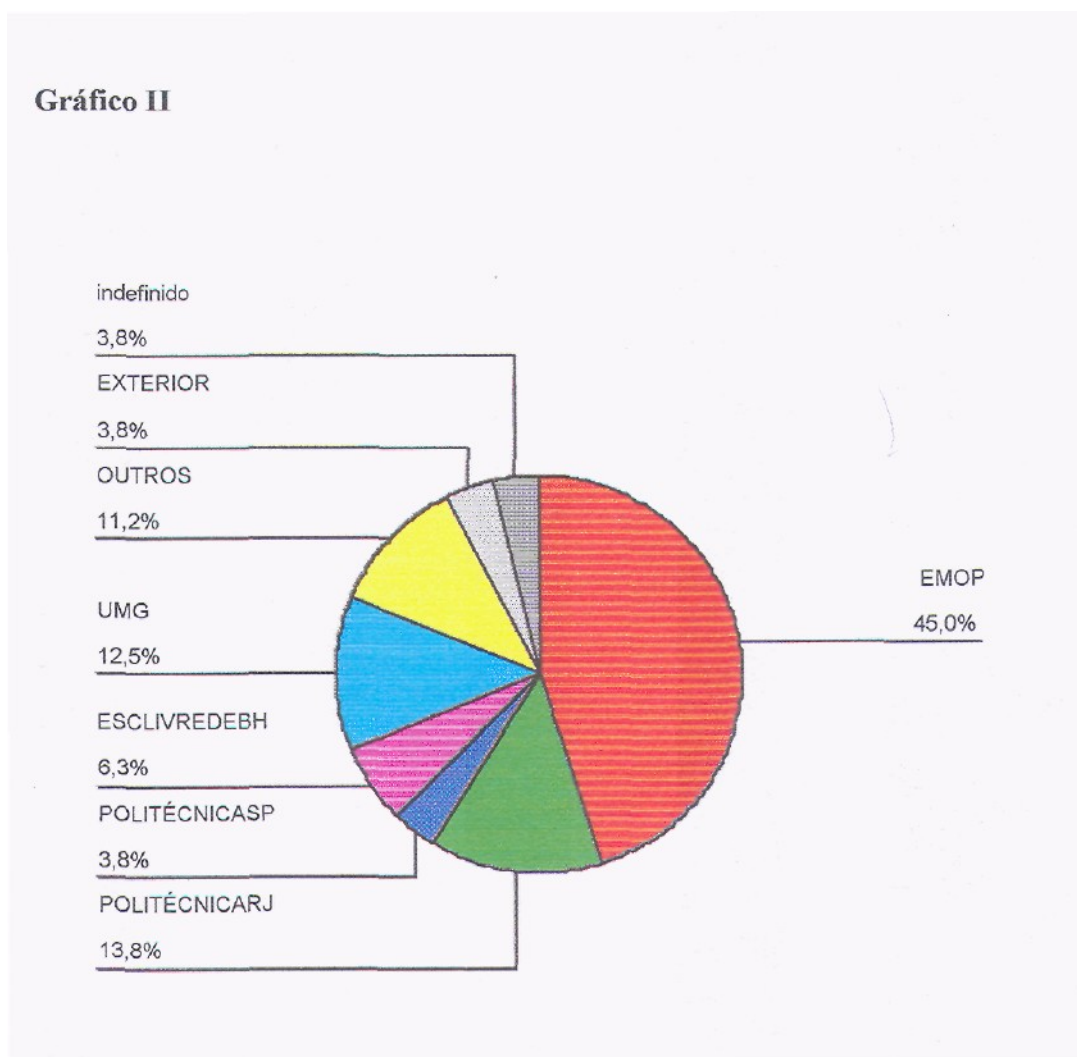
Seja nas comissões técnicas, seja enquanto políticos, os engenheiros da Escola predominaram entre os representantes da categoria que prestaram serviço ao Estado entre as décadas de 1890 e meados de 1940. O gráfico I demonstra o alto índice de incorporação dos ex-alunos da EMOP no setor público de Minas Gerais no período acima exposto.

Gráfico 1



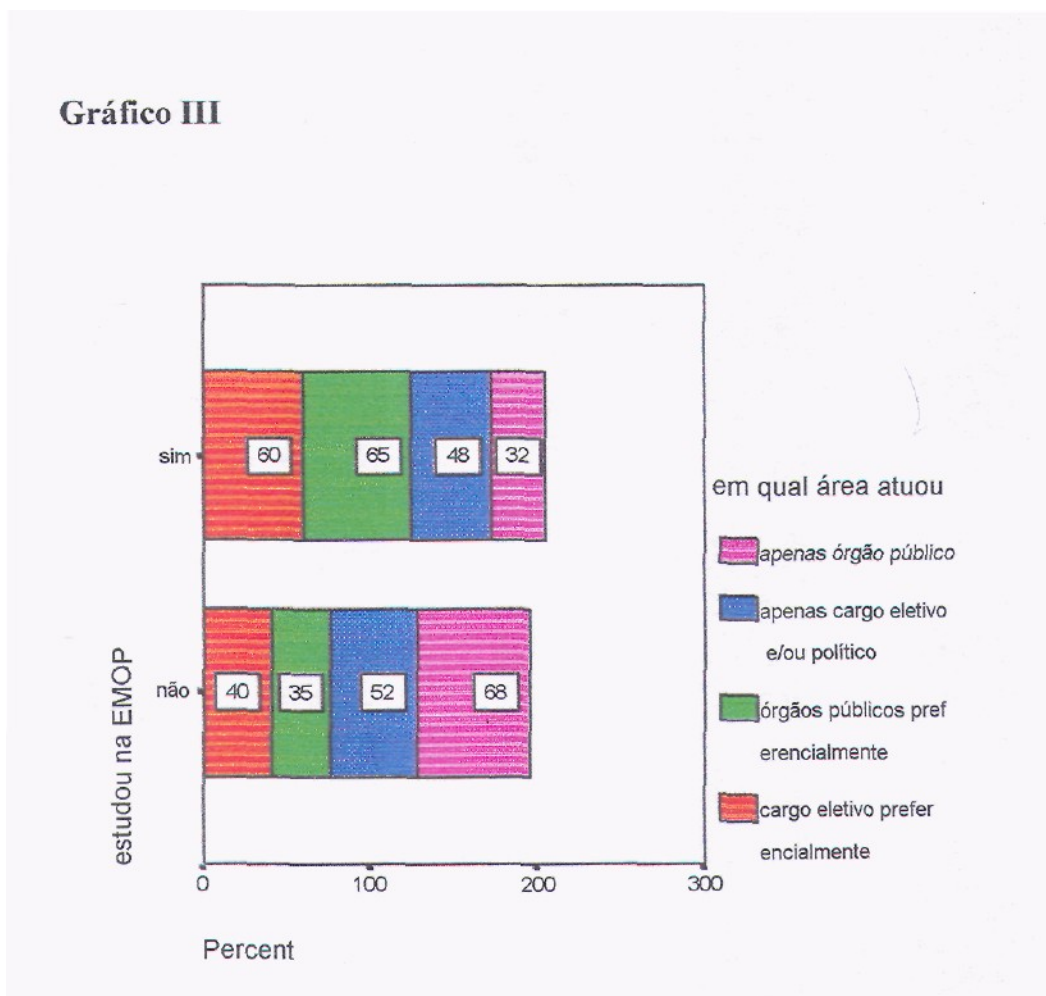
Este gráfico demonstra, de forma bastante clara que quase a metade (48%) dos engenheiros que trabalharam no setor público em Minas Gerais entre 1889 e 1945 formaram-se pela Escola de Minas de Ouro Preto. Seria um número pouco expressivo se considerássemos que os outros 53% estudaram em apenas uma outra Escola de engenharia. A verdade, entretanto, é que a metade que não se formou pela EMOP provinha de diversas outras escolas, segundo demonstra o gráfico 2 em que apresentamos a origem destes engenheiros. É importante salientar, contudo, que a pequena diferença entre os números dos gráficos 1 e 2 acontece por uma razão simples: no caso do primeiro gráfico estão contabilizados inclusive aqueles que passaram pela Escola, tendo concluído os estudos em outra instituição. No segundo

gráfico, entretanto, estão contabilizados apenas a Escola de formação. É, entretanto, uma diferença muito pequena, como pode ser percebido na análise do gráfico 2.



Podemos perceber, portanto, através dos gráficos aqui apresentados, que a Escola predominou como fonte de engenheiros para o serviço público do estado de Minas Gerais ao menos até a década de 1940. Mas também podemos perceber, a partir da análise do gráfico 3, que os ex-alunos de Ouro Preto desempenharam, preferencialmente embora não apenas, cargos políticos - eletivos ou por indicação -

o que pode nos levar a considerar a grande importância do grupo no pensar os projetos de desenvolvimento do Estado, pelo menos no caso de Minas.



Aqui podemos perceber que dos engenheiros que se dedicaram à política, enquanto políticos de fato, concorrendo à cadeiras na Assembleia Legislativa ou como representantes do Estado na Câmara dos Deputados, 60% eram ex-alunos da EMOP, no caso específico de Minas Gerais. Estes, entretanto, também atuaram em cargos técnicos, embora suas carreiras fossem preferencialmente enquanto políticos. Em contrapartida, se observarmos a dedicação exclusiva dos engenheiros que

prestaram serviço ao estado enquanto técnicos, vemos que apenas 32% destes eram provenientes da Escola, enquanto a maioria absoluta dos técnicos era de outras Instituições (68%).

Desse modo podemos compreender quão importante foi a influência da Escola em suas primeiras décadas de funcionamento. Cabe-nos, a partir de agora, tentarmos esmiuçar algumas relações entre a Escola, o poder público, seus problemas e sua perda de influência a partir da década de 1940. Este será o tema de nosso próximo capítulo II.

Capítulo II

ESCOLA DE MINAS: DE OURO PRETO?

Entre sair da cidade ou ser Universidade

"Se Ouro Preto queria essa quietude e a Escola de Minas queria um pouco a presença do mundo moderno e isso foi, depois, muito combatido pelos professores da Escola dizendo que a Escola não devia continuar em Ouro Preto. Que a Escola devia vir para um centro mais populoso, mais moderno".

(ecp)

Apresentou-se, na parte anterior deste trabalho, uma breve discussão acerca da fundação da Escola de Minas de Ouro Preto, sua organização e seu êxito em suas primeiras décadas de atuação. A influência de seus ex-alunos nas mais diversas áreas da produção tecnológica nacional, desenvolvimento este que ainda estava em fase de consolidação e definição de rumos, somava-se a excelente formação proporcionada que, mesmo após a saída de Gorceix, manteve-se rígida, profunda e bem planejada. Gradativamente, a Escola foi sistematizando cursos introdutórios - e isto desde os tempos de Gorceix, mas não apenas - que capacitasse os ingressos para o ritmo e a profundidade dos estudos exigidos, dando-lhes as condições básicas para o tipo de estudo a ser desenvolvido na instituição.

Uma das principais queixas de Gorceix, por sinal, era a falta de preparo dos candidatos às vagas na Escola. Isso se devia a uma total falta de instrução científica no ensino secundário, priorizando-se um conhecimento livresco, segundo aponta Carvalho (2002:57). O processo de admissão ao ensino superior também não dava credibilidade aos escolhidos, através de exames preparatórios realizados perante Comissões de Instrução Pública das Províncias. A esse aparente desleixo, aliava-se uma total falta de estudos laboratoriais, pesquisas práticas e demais investigações que desenvolvessem, cientificamente, a capacidade daqueles que pelo ensino superior se graduassem. A Escola de Ouro Preto, ao contrário, propunha-se diferenciada, lutou de forma insistente para funcionar com objetivos outros, procurava um desenvolvimento técnico e científico que pudesse, como nas palavras

proferidas por Gorceix e aqui transcritas no capítulo anterior, identificar o solo e o subsolo nacionais, além de incentivar o desenvolvimento da indústria. Propunha-se uma Escola, portanto, visando uma modernização que, ao menos em discurso, era defendida pela sociedade de então. Em caráter de exemplificação, podemos citar o depoimento de um ex-aluno da Escola, da década de 1940, que demonstra que mesmo passados quase setenta anos de fundação da mesma, ela ainda mantinha rigor no ensino:

(...) nós no nosso tempo sempre consideramos a Escola como um curso difícil muito rígido. Nós tínhamos um, pelo menos dois ou três professores nos primeiros anos de curso, de uma severidade enorme. Um deles, eu não gostaria de falar o nome dele, ele até faleceu há não faz muito tempo, um deles era considerado pela maioria dos alunos até doentio. No sentido de que os alunos achavam que ele tinha prazer em bombardear os alunos. Prazer em reprovar os alunos. Era uma Escola difícil. Aluno que quisesse passar, que não quisesse levar bomba, tinha que realmente se debruçar sobre os livros. Era até muito comum o uso de remédios para não dormir a fim de atravessar a noite em véspera de prova estudando, *(ecp)*

Foi dessa maneira que, de forma sempre complicada, sendo sempre questionada - seja pelos gastos considerados excessivos, seja pelas regras consideradas extremamente severas - a EMOP firmou-se como referência no que tange ao desenvolvimento mineralógico, geológico e siderúrgico do Brasil e, principalmente, de Minas Gerais. Seu principal momento de atuação, entretanto, foi a partir da década de 1930 com a ascensão de Vargas ao poder. É com o início desta nova fase que se abrem portas mais concretas para o ingresso dos técnicos nos espaços do poder, espaços estes que vão se definir por novos projetos nacionais, inclusive em um novo projeto de modernização nacional em que o corpo técnico

teve significativa importância. Segundo Eli Diniz (1978), as transformações ocorridas a partir desse período em relação ao Estado e na relação deste com a sociedade, e seus diversos segmentos, foi um passo decisivo que preparou definitivamente o caminho para a consolidação industrial no Brasil. Para esse autor (1978: 74),

Através do processo de redefinição das alianças políticas subjacente à constituição deste novo pacto, a expansão econômica seria influenciada por duas correntes sob certos aspectos convergentes: o pensamento autoritário, (...) e o pensamento industrialista. responsável, entre outras coisas, pela redefinição do papel da indústria na economia.

Somados, portanto, pensamento autoritário e pensamento industrialista tinha-se, por decorrência, o modelo de modernização da Era Vargas. Uma categoria, porém, foi fundamental para a consolidação desse modelo: o corpo técnico, posto que, na concepção de Campolina Diniz (1981: 41), & *"tecnocracia é filha direi a do autoritarismo"* Constrói-se, então, *"afigura do 'técnico', do 'administrador' que, por sua formação específica de alto nível (...) é capaz de romper com o 'atraso' e criar a riqueza"* (GOMES, 1994: 1). Formada basicamente por engenheiros (uma vez que os economistas somente surgem na segunda metade do século XX), essa camada técnica que, por fim, acabou por se consolidar como uma elite, via de regra, aliou-se aos mais diversos setores das elites tradicionais para, juntos, levantarem as bandeiras modernizadoras.

No caso específico de Minas Gerais, segundo demonstra Campolina Diniz (1981), diversos pontos convergiram para a integração desses engenheiros à

estrutura estatal e, segundo ele, preferencialmente aqueles formados pela Escola de Minas de Ouro Preto. Exemplo importante, deve-se destacar, foi o de Israel Pinheiro. Ex-aluno da EMOP e filho do ex-governador de Minas João Pinheiro da Silva, Pinheiro teve papel fundamental nas políticas de planejamento no governo de Valadares, assumindo a Secretaria de Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho entre 1933 e 1942 (ROQUE, 1999: 95)¹⁴. Como ex-aluno de Ouro Preto, levou para a Secretaria as idéias de modernização da administração pública, diversificação da economia e a ampla defesa de um incentivo estatal ao desenvolvimento industrial (ROQUE, 1999: 95), idéias caras ao grupo, além, evidentemente, de incorporar em seus quadros muitos outros ex-alunos da Escola (CARVALHO, 2002: 102)¹⁵. Essa Secretaria, por conseguinte, seria considerada por Campolina Diniz “o *embrião da tecnocracia mineira*” (DINIZ, 1981: 42).

Antes mesmo, como forma de se consolidar uma elite formada por técnicos, os engenheiros de Minas Gerais fundam, em 1930, a Sociedade Mineira de Engenheiros (SME). Órgão de fundamental importância, uma vez que reúne a categoria dando-lhe uma determinada homogeneidade de pensamento e ação, a SME nasce antes mesmo da regulamentação da categoria de engenheiro que somente é

¹⁴ É importante ressaltar que essa Secretaria recrutou, e nela acolheu, boa parte da tecnocracia mineira no governo de Valadares. No período- cabia a esse órgão a formulação de diversas políticas públicas de planejamento além de, também, centrar-se nela, segundo confirma Dulci, a proposta de modernização que viria a ser tentada em Minas. Ressalte-se ainda que, sua formulação e atuação seguiu as especificidades do Ministério da Agricultura do governo Vargas.

¹⁵ Cabe ressaltar que alguns dos principais ex-alunos que desenvolveram trabalhos políticos importantes e que, de algum modo, foram propositores de espaços no setor público para ex-alunos da EMOP terão suas influências discutidas no próximo capítulo.

decretada em 1933¹. Muito embora a sociedade em questão não tenha sido formada apenas por ex-alunos de Ouro Preto¹⁷, a influência destes no cenário regional era tão importante que dificilmente não tenham tido - nesse período inaugural - importância vital em suas atuações iniciais (DULCI, 1999: 158).

Essa elite técnica passa a ter importância decisiva para os projetos locais e, em boa medida, interfere nos rumos da política mineira, desdobrando-se subsequentemente no desenvolvimento econômico do Estado. Um dos exemplos mais evidentes gerados é a expansão da siderurgia em Minas Gerais. Aquilo que já, de certa forma, se desenhava na última década da República Velha, a grande siderurgia na região, aos poucos se consolidava de maneira bastante animadora para aqueles que advogavam o atraso mineiro como fruto de uma desarticulação, sobretudo industrial. Se, nos anos 1920, a siderurgia espalhou-se pelo território mineiro gradativamente, e em empresas de pequeno e médio porte, a partir da construção da Usina de Monlevade (de propriedade de capitais belgas e luxemburgueses, a Belgo-Mineira), em 1937, trazia à Minas e, fundamentalmente à sua tecnocracia no poder, a certeza de que o projeto da grande siderurgia nacional teria o estado como berço seguro.

⁶ Decreto nº 23596, de 11/12/1933, regula as profissões de engenheiro, arquiteto e agrimensor. Estabeleceram-se também os Conselhos regionais de Engenharia e o Conselho Federal de Engenharia, ao qual os regionais estariam submetidos. Segundo Dulci (*op. cit.*, 157) "*Essas instituições eram fruto, no plano regional, de um processo de afirmação dos engenheiros como elite emergente cuja origem remonta à criação da Escola de Minas*".

¹⁷ Já, nesse período, três outras escolas de engenharia tinham sido instaladas em território mineiro, a saber, Escola de Engenharia de Belo Horizonte (1911), Escola de Engenharia de Juiz de Fora (1913) e Escola de Engenharia de Itajubá (1913). DULCI

Essa constatação provinha de números animadores que, em boa medida, demonstravam a siderurgia como futuro da industrialização mineira. Assim, se em 1920 a produção de ferro gusa, no Estado, era de 2.000 toneladas, em 1925 já era de 31.000 e, em 1940, alcançava as 159.000 toneladas. Logo, a produção do ramo metalúrgico cresceu, no montante da produção industrial de Minas, de 2% para 24% entre 1919 e 1939 (DINIZ *apud* SZMRECSÁNYI & SUZIGAN, 2002: 83).

A perda do projeto da grande siderurgia nacional (que se instala em Volta Redonda - RJ, no início da década de 1940), muito embora a atuação da tecnocracia mineira em prol de sua instalação no Estado tenha sido sintomática de seu modo peculiar de articular-se em defesa de interesses industrializantes para Minas, faz que se tomasse necessária uma reorientação nos projetos de industrialização e desenvolvimento no Estado. Inicia-se, assim, uma nova fase que se sustentará na percepção de que o estado sofria problemas internos suficientemente graves que, por eles próprios, requereriam uma reorientação no que tange ao seu planejamento futuro. Com essas preocupações surgem a Cidade Industrial de Contagem e o início da discussão acerca da produção deficitária de energia (DINIZ *apud* SZMRECSÁNYI & SUZIGAN, 2002: 82). É o início da fase que, posteriormente, tornou-se o binômio Energia e Transportes, o qual, de certo modo, pautou o governo Kubitschek no estado e, posteriormente, em todo o Brasil.

Nesse momento, contudo, início da década de 1940, o que se pode observar quanto à tecnocracia local é uma reorientação também significativa. Ao que tudo

indica, principalmente em fins do governo de Valadares é que, gradativamente, os ex-alunos de Ouro Preto passam a perder influência na composição dessa tecnocracia. Segundo Dulci (1999: 158),

A partir de certa época, a Escola de Engenharia de Belo Horizonte sucedeu à Escola de Minas de Ouro Preto como principal fonte geradora da *inelligentsia* modernizante; do estado.

Acredita-se, entretanto, que alguns movimentos articulados entre os representantes de Ouro Preto devem ser compreendidos de forma mais abrangente, posto que, em certa maneira, podem representar uma disputa interna a essa tecnocracia objetivando não perder a dianteira decisória do processo de modernização em Minas. Podemos citar aqui o caso da tentativa de mudança da sede da Escola para Belo Horizonte, no qual nos deteremos nesta sequência.

Carvalho (2002: 140) relata que a partir de 1939 a Escola passa a ter uma disputa interna que, segundo este autor, se estenderá por toda a década de 1940 e que teria sido o primeiro grande problema enfrentado por ela desde sua fundação, excetuando o período da Proclamação da República que, com a queda de D. Pedro II, vitimou o trabalho de Gorceix que, por fim, retirou-se da Escola regressando para a França (UMA, 1977).

O problema que se inicia a partir de 1939 gira em torno da presença de alguns professores da Escola durante dias da semana em Belo Horizonte, lá residindo e lecionando. Em telegrama enviado pelo prefeito ouropretano ao ministro da saúde e

educação, surge o questionamento da não presença integral destes docentes na cidade. Em reação, estes professores abrem o debate sobre a conveniência ou não de manter a Escola de Minas na cidade, alegando ser sua transferência para Belo Horizonte muito mais viável para seu progresso. Durante toda a década de 1940, o debate acalora as reuniões da Congregação, chegando a proporcionar vitórias importantes para aqueles que optavam pela mudança de sede da Escola, rapidamente apelidados de mudancistas. Entre estas vitórias pode-se destacar a queda de Gastão Gomes, diretor da Escola de maio de 1931 a setembro de 1943¹⁸, amigo de Getúlio Vargas e contrário aos mudancistas. Contudo, enquanto outras vitórias anteriores a esta eram conquistadas, Gomes também providenciava formas de evitar o êxito mudancista. Assim, conseguiu do Governo Vargas verbas suficientes para a construção de um Parque Metalúrgico que propiciasse melhorias nas condições de ensino. Além disso, já na segunda metade da década de 1940, e já com Gastão Gomes afastado da direção, os defensores da permanência da Escola em Ouro Preto conseguiram que o Conselho Nacional de Minas e Metalurgia (CNMM) aprovasse a idéia de transformar a Escola de Minas em Universidade Técnica Federal, independente da Universidade do Brasil, anexando a Escola de Farmácia de Ouro Preto e solidificando-se, por fim, na cidade (CARVALHO, 2002: 140-142).

Esta “guerra” intramuros, curiosamente, acontece em período importante para a reorientação da tecnocracia mineira. Observando atentamente, percebe-se, como já

¹⁸ A Escola de Minas de Ouro Preto. 1876-1966. Ouro Preto: Oficinas Gráficas da escola Federal de Minas de Ouro Preto, 1966. p. 95.

se discutiu aqui, que é no início da década de 1940 que se encontram dificuldades de afirmação dessa tecnocracia oriunda da EMOP, especialmente após a perda do projeto siderúrgico nacional. Além disso, as reformas do ensino implantadas pela Universidade do Brasil, à qual a Escola se vinculava desde 1937, eram cada vez mais frequentes e demonstravam perda relativa de influência até mesmo na perspectiva interna à Escola (SCHWARTZMAN et al., 2000)¹⁹.

Em contrapartida, ao que tudo indica, houve grande movimentação por parte daqueles que se ligavam à EMOP como forma de evitar a perda relativa de hegemonia no espaço conquistado pela tecnocracia mineira. A construção do Parque Metalúrgico anexo à EMOP, em 1942, considerada por Carvalho (2002: 140) como uma das conquistas dos não-mudancistas para manter a Escola na cidade, e a tentativa da formação de uma Universidade Técnica local são, evidentemente, emblemáticas.

Como decorrência dos problemas, a Sociedade Amigos de Ouro Preto, formada basicamente por ex-alunos da EMOP residentes no Rio de Janeiro, influenciando uma associação de mesmo nome em Ouro Preto e em algumas outras cidades, passa a defender o interesse dos chamados não-mudancistas através de um

¹⁹ É importante ressaltar, não obstante, que a anexação da Escola à Universidade do Brasil pela lei nº 452 de 5 de julho de 1937, foi, em boa medida, mal recebida entre os ouropretanos. O projeto da Universidade do Brasil, embora mantivesse o orçamento e certa integridade às decisões da Escola, por outro lado a condicionava aos desígnios de um Reitor externo a ela. Ainda mais se considerarmos o projeto de modelar o ensino superior nacional que coube à Universidade do Brasil que, de certa forma, influenciou diretamente na estrutura e funcionamento da Escola. Além disso, é reconhecidamente importante o apego à tradição desenvolvido pela comunidade da Escola. Se observarmos os primeiros anos de seu funcionamento, veremos a incessante luta de Gorceix, seu organizador e primeiro diretor, para evitar influências externas que viessem atrapalhar sua casa de ensino.

jornal de periodicidade semanal, a “Tribuna de Ouro Preto”. Através desse periódico, ex-alunos e professores, além de políticos e empresários - muitas vezes ligados à Escola de alguma forma - assumem discursos de defesa da Escola em Ouro Preto (na maioria das vezes de forma velada) na mesma medida em que defendem a criação da Universidade na cidade, solidificando o laço da Instituição com a cidade.

O Sr. Getúlio Vargas, segundo constou na ocasião, dissera ao prefeito de Ouro Preto, que o procurara, alarmado com a campanha pela mudança da Escola de Minas da velha capital, que poderia voltar tranquilo e tranquilizar os ouropretanos, por que o glorioso instituto só sairia de Ouro Preto quando o Itacolomi* dali saísse... De fato, devem ter encontrado alguma tremenda barreira os "neo-mudancistas", por que, antes com o facho tão aceso, encolheram-se...²⁰

Como exemplo de nomes que assumiram os discursos de defesa de Ouro Preto para sede da Escola e criação da Universidade podemos lembrar de nomes como o de Euvaldo Lodi que, inclusive, foi membro do CNMM. Além dele, outro ex-aluno Antonio José Alves de Souza, diretor do Departamento Nacional de Produção Mineral e também membro do referido Conselho. Além disso, o próprio periódico se incumbia de lembrar a todos sobre a enorme importância da transformação para a cidade:

A escolha da velha e gloriosa Ouro Preto para sede da Universidade não se inspirou somente num critério econômico - o de aproveitar a notável organização da Escola de Minas e Metalurgia. O governo quis, ao mesmo

* O Pico do Itacolomi é considerado um dos pontos mais altos da região. Muito embora geograficamente no território de Mariana, cidade vizinha de Ouro Preto, ele é considerado atrativo turístico desta última, talvez mesmo pelo fato de ser observado de qualquer ponto da cidade.

²⁰ Tribuna de Ouro Preto, *A Universidade de Ouro Preto na Imprensa*. Ano I, n. 09, 1945, p. 2.

tempo, prestar uma homenagem à cultura da ilustre cidade mineira, ao espírito de suas tradições e às nobres aspirações de seu povo.²¹

E, então, quais seriam essas tradições de Ouro Preto, que a gabaritavam como cidade propícia a uma Universidade?

Ouro Preto, de tão nobres tradições culturais e históricas, vê realizado hoje, o *velho sonho dos inconfidentes*", o de constituir .sede universitária graças a uma patriótica resolução do presidente da república.²² Todos estes calorosos aplausos traduziam a justificada alegria com que foi recebida por todos a grande notícia que prometia para muito breve a concretização de *um dos sonhos irrealizados dos Inconfidentes Mineiros de 1789** - a Universidade de Ouro Preto.²³

Apelava-se, por conseguinte, tanto para o ideário dos inconfidentes - de ter uma Universidade na cidade - como para as necessidades da Ouro Preto de então.

A maneira absolutamente perfeita como tal recomendação [dada pelo CNMM para a criação de uma Universidade em Ouro Preto] se ajunta às conveniências atuais da Escola de Minas e às possibilidades e perspectivas que se deparam, no momento, do ponto de vista econômico, à região a que Ouro Preto pertence, voltaria aos olhos, a qualquer pessoa medianamente versada em assunto de alcance tão evidente para o país.²⁴ (...) pode-se afirmar que a transformação siderúrgica [nacional] encontra Ouro Preto aparelhada e em atividade para acompanhar de perto o progresso do Brasil.²⁵

²¹ Tribuna de Ouro Preto. *A Universidade de Ouro Preto na Imprensa*. Ano 1, n. 09, 1945, p. 2

*grifo nosso.

²² Tribuna de Ouro Preto. *A Universidade de Ouro Preto na Imprensa*. Ano 1, n. 09, 1945, p. 6.

*grifo nosso. Curiosamente, quando surgem as primeiras opiniões acerca da Universidade, a Tribuna, em sua edição de 23 de setembro de 1945, trazia a seguinte manchete: "'Transpôs as montanhas de Minas Gerais o brado de 'Universitas quae será tamen'(...)"• p. 1.

²³ Tribuna de Ouro Preto. *Universidade de Ouro Preto*. Ano 1, n. 19, 1946, p. 01.

²⁴ Tribuna de Ouro Preto. *Universidade de Ouro Preto*. Ano 1, n. 07, 1945, p. 01. Cabe-nos lembrar, decorrentemente, que neste período já estava instalado em Ouro Preto o Parque Metalúrgico da Escola de Minas e a Companhia Siderúrgica de Saramenha, de propriedade de Américo Renné Giannetti, ex-aluno da Escola. Esta última, por conseguinte, foi considerada como das mais importantes no setor durante um certo tempo, sendo posteriormente anexada pela multinacional Alcan. ²⁵ Tribuna de Ouro Preto. *Ouro Preto e a Siderurgia*. Ano 1,n. 08, 1945, p. 01.

Defendia-se, portanto, a criação da Universidade aparentemente sobre duas bases: a tradição da cidade inspirada numa proposta da Inconfidência Mineira e, principalmente, no espírito voltado para o estudo e para os estudantes que parecia caracterizar a cidade, pelo menos assim ela é descrita por Edgard Abranches, membro do Conselho Federal de Comércio exterior, que em visita à cidade falou à Tribuna:

Em Ouro Preto, convivendo com seus estudantes e mestres sentimo-nos imbuídos daquela atmosfera de camaradagem e seriedade que costumamos encontrar nos verdadeiros centros de estudo. Gerações e gerações de estudantes passaram por Ouro Preto, e a cidade, que já era um monumento histórico, passou a ser, pela ação dos seus universitários, um marco singular na cultura nacional.²⁶

Monumento histórico, marco na cultura nacional, espaço propício para o desenvolvimento siderúrgico. Argumentos dessa monta foram utilizados em diversas ocasiões pelo periódico na defesa seja da criação da Universidade, seja para a manutenção da Escola na cidade de Ouro Preto.

A vitória dos não-mudancistas aponta que um dos lados foi, naquela ocasião, melhor articulado. Mas o enfrentamento - considerado por Carvalho (2002) como fundamental para o futuro da Escola então - foi mais importante, acreditamos, que a vitória de qualquer um dos lados. Mostra, conseqüentemente, que muito embora os discursos acerca de Escola, corpo docente e discente sejam sempre amenizados, relatando um passado tranquilo e morno na vida interna à Escola, na realidade o que

²⁶ Tribuna de Ouro Preto. *Proteção à Indústria do alumínio*. Ano 1, n. 12, 1945, p. 01.

se demonstra é uma constante disputa por espaços. Espaços não apenas internamente mas, sobretudo, aqueles conquistados fora da Instituição. Uma disputa da tecnocracia mineira que, lentamente, rearticulou-se, tendo os responsáveis por essa transformação uma ligação precisa com suas instituições de origem. Estas disputas internas, entretanto, são sistematicamente negligenciadas, ainda hoje, por ex-alunos que estudavam na Escola no período. Muitas vezes são até mesmo lembradas, porém tendo o peso bastante sub-avaliado:

E já na minha época, a metade dos professores, eles iam a Ouro Preto, dava a aula, eles eram professores em Belo Horizonte também. Então havia os professores residentes em Ouro Preto, permanentes, e havia também os professores que davam aula lá e na Escola de Engenharia de Belo Horizonte (...) Não [houve restrição]. Não por que. o seguinte, a, a, a Escola precisava c e, é, é justamente professores bons. O que o aluno queria é professor bom. Não incomodava de exigir não. Eram professores de nome. O aluno não pedia... na minha época não. Havia bom entrosamento. *(ecp)*

Mesmo em casos em que o corpo discente envolvia-se ativamente em disputas com a Instituição são aliviadas:

Nós tivemos uma greve, é falada aí numa lei, saiu uma lei que nós consideramos prejudicial. Então, houve uma, uma greve, viu? Contra essa lei,, que foi uma coisa geral aí no país e etc e tal. Mas isso foi resolvido lá pacificamente, *(ecp)*

E houve, inclusive um, um movimento muito sério entre corpo discente e docente quando eu estava no segundo ano da Escola. Inclusive com uma, com uma pequena greve, com um movimento de protestos. Foi uma luta mas, por incrível que pareça, era uma luta em que a finalidade era manter o prestígio da Escola de Minas, *(ecp)*

Muito embora, como acima demonstrado, atenuem-se o confronto que internamente aconteceu, seja ele qual for, fatos como a tentativa de mudança de

cidade ou esta tentativa de transformação da Escola em Universidade, demonstram também que - mesmo estando divididos - os grupos oriundos da EMOP tinham bastante força política, por estarem em postos-chave da administração estadual e federal

O problema da mudança de sede, não efetivada, e a tentativa de transformar a Escola em Universidade técnica, só efetivada no final da década de 1960 - mesmo assim de maneira bastante diferenciada e pautada por novos e outros argumentos, representam que os ex-alunos articulavam-se em torno de objetivos externos à Escola com o mesmo empenho que o faziam quanto às questões internas. Podemos, inclusive, supor que os problemas internos à Instituição, muitas vezes, poderiam ser mesmo oriundos de questões externas, de interesse nacional ou estadual.

A questão central, entretanto, é que estes problemas na década de 1940 demarcam, realmente fase importante na vida da Escola. Divididos em dois grupos seja na questão da mudança de cidade, seja nos que queriam e os contrários à Universidade, os professores e os ex-alunos enfraqueceram uma possível união de pensamento e ação que, segundo Roque (1999) marcou a forma de atuação dos ex-alunos de Ouro Preto. Roque (1999), trabalhando com o conceito de *habitus*, acredita que os ex-alunos da Escola teriam formado um bloco em que, de maneira homogênea, defendiam as mesmas bandeiras nacionais e se articulavam como grupo fundamental para o desenvolvimento nacional (ROQUE, 1999: 49). Assim, ocuparam os espaços na burocracia estatal se apresentando como os técnicos

competentes para tanto. Em decorrência, participaram das formulações de muitas das políticas mineralógicas brasileiras, e do cenário político nacional, sempre, com um discurso único, também homogêneo. Este estudo, não obstante, compreende as primeiras décadas de funcionamento da Escola, chegando até meados da década de 1940. Podemos supor, então, que realmente - uma vez existindo essa atuação em bloco, homogênea, defendida por Roque (1999), ao findar os anos 1940 a realidade do grupo seria outra. Grupos divididos, com estratégias e perspectivas completamente diferentes, apoiando-se em diferentes formas de ação.

Acreditamos ser este um ponto muito importante, uma vez que nos apresenta uma reorientação nos rumos da Escola definitiva. Carvalho (2002) apontará que nas décadas de 1950 e 1960 a produção científica da Escola entra em franco declínio -seja pelo excesso de *ibreding* no corpo docente, seja pela massificação de seu corpo docente sem a contra-partida infraestrutural necessária para o bom funcionamento. Perdeu, segundo o autor, a Escola nessas décadas seu caráter de instituição de pesquisa, dedicando-se ao ensino. Ou seja, a crise que se inicia nos anos 1940 se arrasta por quase 20 anos e é a responsável, indireta, pela fundação da Universidade Federal de Ouro Preto que surge, segundo, mais uma vez, nos aponta Carvalho (2002), como tentativa de reconstruir o prestígio da Escola de Gorceix.

Capítulo III

O ESPÍRITO DE GORCEIX

A Construção da imagem do fundador da Escola de Minas

"Ele veio formar homens para o desenvolvimento do Brasil (...) o sujeito que vem de fora e se dedica aqui ao nosso desenvolvimento, à formação de gente. Por que o problema é formar gente!"

(ecp)

Discutiu-se aqui, nos dois últimos capítulos, a importância da Escola de Minas de Ouro Preto, traçando-se seus primeiros objetivos, suas primeiras conquistas e respostas à sociedade, sua organização e apresentando-se algumas características da inserção de seus ex-alunos seja no mercado de trabalho ou nos espaços políticos e técnico-estatais, além de serem consideradas algumas questões acerca de seus problemas mais sérios que, conclusivamente, comprometeram seu funcionamento, culminando com sua transformação em Universidade Federal a partir de 1969.

Falar dessa história, entretanto, obrigou-nos a citar inúmeras vezes aquele que a iniciou, o organizador e primeiro diretor da Escola de Minas de Ouro Preto, o francês Claude-Henri Gorceix. Neste capítulo, portanto, trataremos deste cientista que, com o apoio de D. Pedro II, organizou um dos principais centros científicos do país no século XIX: a Escola de Minas.

É importante observarmos, porém, que muito já se escreveu de cunho biográfico acerca deste professor. Seja em artigos de ex-alunos da Escola (geralmente nas páginas da Revista da Escola de Minas), seja em biografias (como a de EIMA, 1977) ou em textos acerca do surgimento da Escola (como o de CARVALHO, 2002 e ROQUE, 1999), Gorceix é sempre considerado como a alma dos primeiros anos da Escola. Carvalho (2002: 47) chega mesmo a considerar que a Escola “em grande parte foi Gorceix, tanto pela organização que ele lhe deu, como, sobretudo, pelo espírito que lhe imprimiu”.

Nossa proposta com esse capítulo, entretanto, não é a de, apenas, resumirmos vida e obra do referido professor. Antes, dispomo-nos a apresentar alguns elementos e considerarmos como, ao longo do tempo, a figura desgastada do sistemático professor francês, que deixa a Escola e nunca mais a visita, foi se transformando na do homem que “era um, um desses homens que, que se dedicam a uma missão quase que um missionário”²⁷. Para tanto, consideraremos o período final de Gorceix na Escola de Minas, seus principais problemas na Escola e as principais adversidades; as opiniões registradas a seu respeito a partir de então; os depoimentos de ex-alunos por nós entrevistados que cursaram a graduação na Escola na década de 1940 (período conturbado para a Instituição, como já foi aqui discutido) e que revisitaram - nas entrevistas concedidas - tanto a Escola, o período de juventude e formação acadêmica, como a idéia sobre Gorceix que vigorava naquele período e que, ainda hoje, é mantida pelos discursos, seja dos mais velhos como, até mesmo, dos mais jovens.

3.1 - GORCEIX

Para tratarmos das questões acima expostas, contudo, torna-se fundamental que apresentemos algumas considerações acerca da vida desta personagem enfocada, uma vez que, acreditamos, em conhecendo algumas particularidades da

²⁷ Entrevista do ex-aluno Alexandre Misk, concedida ao pesquisador em 25 de janeiro de 2002, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

vida e da formação desta, estaremos compreendendo o motivo da defesa aguerrida de várias de suas idéias enquanto diretor da EMOP.

Antes de seguir às explorações, entretanto, Gorceix profere algumas palestras aos alunos da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, recém-fundada. Lima (1977: 33) apontará que, neste momento, Gorceix perceberá a fragilidade do ensino das ciências no Brasil. Talvez por isso, além de outros motivos como, por exemplo, a carga acadêmica trazida da França, ele tenha sido tão rígido quanto ao ingresso de alunos à instituição que fundara. Percebia, já de início, uma das principais dificuldades que teria: pessoal capacitado para cursar as disciplinas oferecidas, da forma que se pretendia oferecer, na futura escola. E, conseqüentemente, percebia também que em não havendo alunos aptos às vagas, nos moldes dele, professores brasileiros não os haveria. Percebia, por conseguinte, que para desenvolver uma escola de renome, funcionando como às que ele frequentara na França, seria preciso trazer professores, criando, por decorrência, uma nova forma de pensar as ciências no Brasil quer seja no tocante ao seu caráter investigativo, quer seja em seus processos de ensino.

3.2 - GORCEIX E O BRASIL: problemas educacionais, confrontos pessoais

Em artigo comemorativo ao sesquicentenário de nascimento do cientista francês, o ex-aluno e professor da Escola, Christiano Barbosa da Silva, formado na turma de 1935, chamava a atenção para essa peculiaridade de Gorceix: o desenvolvimento de uma prática de instrução - preferencialmente pública - que se pautasse pelo desenvolvimento do desejo investigativo, principalmente no que concernisse às ciências exatas. Chama a atenção, no referido artigo, não apenas a insistência de Gorceix para a manutenção de salários e vantagens aos professores estrangeiros que lecionavam na EMOP (fatores fundamentais, segundo Gorceix, para a permanência destes no Brasil e para se garantir o sucesso da Escola) como forma de se apresentar uma alternativa à formação científica brasileira do período, de caráter pouco investigativo, segundo ele. Este fato, em boa medida, seria até mesmo natural. Antes, o que impressiona, são as tentativas do Diretor da Escola de Minas de interferir no conjunto da educação nacional, mesmo que discretamente e em ações isoladas. Alguns casos citados no artigo de Silva são elucidativos a este respeito, dos quais escolhemos dois em caráter de exemplificação.

Quando da formatura de Luiz Felipe Gonzaga de Campos, em 1879, como engenheiro de Minas pela EMOP, Gorceix o incentivou a disputar uma vaga de

professor na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, para a cadeira de Mineralogia e Geologia. A perspectiva do Diretor da Escola de Minas era a de que, uma vez Gonzaga de Campos tendo sido formado no modelo em que ele próprio se formara, teria, assim como Gorceix, o ímpeto renovador e levaria à Politécnica novos ares que, na visão do professor francês, reorientaria para melhor o ensino e a pesquisa na Escola do Rio de Janeiro. A inscrição de Gonzaga de Campos, no entanto, foi recusada. A justificativa para a recusa foi a de que o diploma da Escola de Minas de Ouro Preto não capacitaria seu portador para que este lecionasse na Politécnica. Ao saber da justificativa, Gorceix entendeu que havia uma campanha deliberada contra sua Escola.

Carvalho (2002) aponta, não obstante, que desde o início do funcionamento da referida Instituição, esta recebia forte campanha negativa na Assembléia Provincial de Minas Gerais, campanha que se ecoava pela imprensa tendo como principal motivo os altos custos aliados ao ingresso de poucos alunos. O próprio Gorceix escreveria que *"Desde a sua criação tem sido essa Escola alvo incessante, não só na tribuna como na imprensa, de vivos ataques (...)"*²⁸. Este autor também aponta que, quando da fundação da EMOP, a junta que a autorizava o funcionamento, ficando responsável pela sua aprovação, era toda formada por integrantes do corpo docente da Politécnica do Rio de Janeiro e que, desde então, havia forte receio em relação a Gorceix. Isto, pois, após apreciar a proposta deste, a

²⁸ Gorceix, C.H. *apud* Silva, C. Barbosa da. *Claude Henri Gorceix: O homem, o mestre, a obra*. In: Revista da Escola de Minas. Ano 56. vol. 45-nº3. Ouro Preto, 1992.

junta da Escola Politécnica apresentou documento alterando praticamente todos os pontos mais importantes da proposta o que, finalmente, viria descaracterizar o modelo pretendido por Gorceix. Este, não se acreditando vencido, fez política com o intento de garantir suas propostas, numa “queda de braço” em que se sagrou vencedor. Gorceix contava com a simpatia de Pedro II que, segundo Lima (1977), era mútua e fora desenvolvida desde os primeiros encontros entre ambos.

Com a simpatia do imperador a seu favor, e com uma insistência peculiar, Gorceix enfrentou nova batalha para ter garantido aos seus formandos o direito de funcionarem, inclusive, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Apelou ao ministro do Império, ao próprio Imperador, escreveu cartas pedindo que seus alunos recebessem o direito e o respeito que os formados no exterior e os estrangeiros tinham, mesmo quando seus diplomas fossem pouco confiáveis (SILVA, 1992; 236) e, finalmente conseguiu que todo aquele que se graduasse pela EMOP poderia tornar-se, uma vez aprovado nos exames pertinentes, professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro²⁹ (SILVA, 1992: 237).

Gorceix, por conseguinte, também se preocupava com o ensino primário e secundário. Em sua visão era impossível que chegassem bons alunos ao ensino superior se não existisse formação adequada nos níveis preparatórios. Propunha que, para o pleno desenvolvimento científico do país, para o qual acreditava-se um colaborador, era fundamental se formar homens da ciência. Talvez por se ver um homem da ciência graças às escolas que frequentou e às bolsas que recebeu do

²⁹ Decreto nº 7628, de 14/02/1880, artigo 4º: “*O diploma de engenheiro de minas, conferido pela Escola de Ouro Preto, habilita para o concurso ao provimento das cadeiras da Escola Politécnica cujo ensino, nesta Escola, não tiver maior desenvolvimento*”.

governo, via na instrução de qualidade e cientificamente desenvolvida, aliada a bolsas de estudo que garantissem ingresso aos menos favorecidos - mas bem aplicados e competentes - o caminho para uma possível redenção científica do país. Seja por que motivo for, Gorceix chegou mesmo, ao que consta, a pagar de seus vencimentos a metade do valor pago em caráter de pensão pelo governo aos três primeiros alunos da Escola. O que, segundo demonstra Lima (1977), fazia com que os opositores, jocosamente, falassem da Escola como aquela que precisava pagar para ter quem nela estudasse.

Desta maneira, imbuído destas preocupações e crendo ser a grande falha educacional do Brasil o não desenvolvimento da educação primária e secundária tomou duas iniciativas. A primeira, criou um curso preparatório para os exames de seleção dos alunos da Escola, garantindo assim os níveis de Escola e curso. Também, e esta é a segunda iniciativa, prontificou-se a ministrar cursos didáticos aos professores da capital da Província de Minas Gerais, a mesma Ouro Preto da Escola no período, em que apresentasse formas de se incentivar a investigação e a curiosidade científica nos jovens, desenvolvendo mais ativamente suas formações acadêmicas. Segundo Gorceix, ele ensinaria "*os métodos que aprendi com os meus mestres.*" (GORCEIX *apud.* SILVA, 1992: 234).

Essa preocupação constante com questões que estavam além dos portões da Escola, sua relação bem aproveitada e sucedida com o Imperador Pedro II, o êxito inicial da Escola, além do seu êxito particular nas negociações em que se empenhava trouxeram-lhe inimigos o suficiente para ter problemas de toda ordem: seja dentro da Escola, entre os alunos, seja até mesmo com professores da Politécnica.

Por parte dos alunos, Gorceix recebeu reiterada resistência por várias ocasiões, gerando abaixo-assinados e até mesmo, greves discentes. Questões menores, como um problema entre um professor e seus alunos, fizeram Gorceix

enfrentar campanha interna acirrada e forte oposição de professor da Politécnica, através da imprensa. Professor este que, por sinal, trabalhava nos bastidores para ocupar o cargo de Diretor da Escola de Minas. Mesmo internamente, a cobiça pelo cargo de diretor era grande, levando, segundo aponta Carvalho (2002), a conflitos de diversas ordens entre os docentes. Pode-se compreender, não obstante, o interesse: o salário de Gorceix era de 12 contos anuais, equiparando-se aos vencimentos dos ministros de Estado. Gradativamente estas pequenas questões internas fizeram com que uma indisposição inicial - dada pelo temperamento rígido e pela cobrança de disciplina extremada - tornasse-se numa grande dificuldade para o organizador da Escola. A cada novo problema, Gorceix recorria aos ministros e, aos presidentes da Província e, quando a situação se agravava ainda mais, recorria mesmo ao Imperador. E conseguia, sempre, manter suas decisões e opiniões.

Todos os problemas internos, entretanto, não foram maiores que as transformações da própria sociedade. A disputa entre republicanos e monarquistas adentrou a Escola e Gorceix, que segundo demonstra Carvalho (2002) odiava política, viu-se numa escola dividida entre uns e outros - seja no corpo discente como no docente. Toda a sua vitalidade do início do período de funcionamento da Escola, a força do Imperador, paulatinamente, foi se esvaindo. Questões cada vez mais densas, geralmente de cunho político - como, por exemplo, a indicação deste ou daquele, à revelia de Gorceix, para cargos na Escola - eram duramente combatidas pelo Diretor. Criadas inimizades demais, problemas pessoais quase

insolúveis, e destruídas muitas pontes políticas que poderiam ter sido mantidas, principalmente no Legislativo (espaço em que Gorceix menos investiu, uma vez que, como sugere Carvalho (2002), sua ligação política dava-se, predominantemente, com o Executivo), a queda de Pedro II tornou-se fardo difícil de ser carregado por ele.

Suspeito por sua amizade com o Imperador que caíra, sem a referência política fundamental que sustentava suas decisões, tendo o cargo cobiçado e inimizades profundas e consolidadas, Gorceix deixa a Escola a qual dera 15 anos de sua vida, voltando para a França já quase com cinquenta anos de idade. Nada se falou sobre o assunto nas Atas da Congregação do período acerca da saída do diretor da Escola que fizera surgir. Não gostando de política partidária, sofreu suas influências mais diretas tendo mesmo que abandonar seu projeto. Saiu, acima de tudo, completamente desgastado. No período anterior a sua saída, cartas de professores da Escola brotavam em jornais do Rio de Janeiro e de Ouro Preto criticando, segundo mostra Silva (1992: 247), tanto a pessoa do diretor como sua administração. Acuada, Gorceix se afasta e publica, em 03/10/1891, no Jornal do Brasil, a seguinte explicação pública, que mais parece um desabafo final:

Há peito de uni mês foi contra mim empreendida uma campanha de ataques e conceitos ofensivos...
Minha pessoa e meu caráter só é que agora estão em causa...
Diz-se que afugentei com minhas gritarias e minhas expressões ásperas as pessoas que desejavam trabalhar nos laboratórios da Escola. Lamento muito isto por estas pessoas e sobretudo por mim, mas outros apesar de tal, continuaram aquele trabalho e disso me felicito...
Aqueles a quem incomodei afastaram-se. Estavam no seu direito. Seguiam o preceito do provérbio bem conhecido, assim como estou no

meu direito, retirando-me da Escola ante a explosão de cóleras que atualmente produz-se contra o meu caráter. (GORCEIX *apud* SILVA, 1992: 248 e 249)

Cansado, sem apoios maiores, sua renúncia sequer - como já foi aqui exposto - sendo registrada com deferência pelas Atas da Congregação e perceptivelmente, como visto acima, magoado com os desdobramentos da campanha que contra ele se instituiu, Gorceix volta para a França vindo ao Brasil apenas por duas outras ocasiões: 1896 e 1904. A primeira visita na tentativa de organizar escolas agrícolas, não obtendo sucesso, a segunda para fazer visitas familiares a parentes da esposa brasileira. Em nenhuma das vezes foi à Escola que em 1876 fundara e a qual dedicou importantes anos de sua carreira. Morre em 1919, na França, nunca mais tendo nenhum contato físico com a Instituição a qual concebera. Curiosamente, cabe notar, o funcionamento da Escola não se alterou após a saída do professor francês. A única grande transformação somente ocorreu em 1931, quando a Escola passa a ser parte da Universidade do Brasil. Mesmo pontos questionados pelos opositores de Gorceix permanecem, como a carga pesada de estudos ou a dedicação exclusiva de professores ao estabelecimento ou mesmo o pouco número de aprovados. Pode-se considerar, portanto, que estes não eram os problemas. Gorceix era o problema.

3.3 - Rei posto, Rei vivo: a construção da imagem de Gorceix

O Salão Paroquial da Igreja Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, teve seus lugares disputados numa noite de janeiro de 2002. Naquele espaço, a comunidade

ouropretana, os alunos da Universidade Federal de Ouro Preto - preferencialmente moradores de repúblicas estudantis federais -, os professores da Escola de Minas de Ouro Preto, os políticos da cidade e a imprensa local em geral, reuniram-se respondendo ao chamado da Câmara dos Vereadores de Ouro Preto que, após um problema específico que ocorrera na festa de aniversário da Escola, resolvera convocar.

Acontecera um assassinato, em outubro do ano anterior, e os acusados eram alunos da Escola. A reunião, entretanto, acusava a grande movimentação em torno da festa de aniversário da instituição como a principal responsável pelas atribulações e pelo problema que repercutiu nacionalmente.

Este assunto estaria completamente fora de lugar, neste texto, não fosse um detalhe. Ao sentirem-se acusados de um clima menos propício ao estudo e mais à criação de problemas, os estudantes, preferencialmente da Escola de Minas, contando com o apoio do diretor da Escola, partiram, naquela reunião, para o ataque. Após citarem a importância econômica da Escola e da presença de tantos estudantes na cidade para a economia local e de falarem sobre a campanha difamatória que se acreditavam vítimas, alunos e professores utilizaram-se de um argumento que retumbou, naquela reunião, como um atestado de idoneidade: estavam maculando a casa e os filhos de Gorceix! Não poderiam, os membros daquela reunião e os moradores daquela cidade, falar contra aqueles que estavam ali, única e

exclusivamente, por causa da instituição que abrigava tamanha herança: o espírito de Gorceix.

Caso menor, não fosse a engenhosidade com que o nome do primeiro diretor da Escola de Minas de Ouro Preto fora utilizado. A citação de sua personagem, de seus feitos, aliada à exaltação do nome da “grande Escola de Minas”, funcionava, naquele instante, como uma maneira de se fazer reconhecer que estavam eles imbuídos, por terem recebido a “herança sagrada”, do espírito daquele insigne professor francês, pai da grandiosa instituição que os abrigara. Falar contra eles, por fim, era falar contra a Escola e, mais absurdo ainda, falar contra Gorceix. E falar contra Gorceix era desrespeitar a história da Escola!

A história da passagem de Gorceix pela Escola e por Ouro Preto, no entanto, não demonstra - como aqui discutido - que ele foi tido como este mestre intocável, merecedor do respeito recebido atualmente. Antes, foi constrangido a se retirar da Escola que criara. Cabe-nos, por decorrência, apresentar alguns elementos que demonstrem como sua imagem foi sendo construída e se consolidou, inversamente oposta a daquela que persistia quando de seu abandono da Escola, em 1891. E tentar levantar algumas hipóteses que procurem explicar como o nome de Gorceix, mesmo após mais de trinta anos de a Escola ter sido anexada pela Universidade Federal de Ouro Preto, ainda persiste como aquele que deixou uma herança sagrada passada de geração a geração.

Gorceix, como já foi aqui apresentado, sofreu campanha contrária quase que na totalidade do tempo que esteve à frente da Escola. Seu reconhecimento, entretanto, foi gradativamente sendo aumentado na mesma medida em que a Escola tem suas dificuldades aumentadas.

Após retornar para a França, Gorceix volta ao Brasil em 1896. É para Minas Gerais que se destina. Pretendia, segundo encomenda do governo local, organizar o ensino agrícola e fundar o Instituto Agrônômico de Itabira (LIMA, 1977; 137). Não alcançando sucesso na empreitada, retorna à França voltando ao Brasil ainda mais uma vez, em 1904, para visitar seu cunhado - e ex-aluno da Escola - João Pandiá Calógeras. Não vai a Ouro Preto em nenhuma das duas ocasiões e não visita a Escola que fundara. Recusa-se, também, a participar das comemorações de aniversário de Ouro Preto, para as quais foi convidado em 1911 (LIMA, 1977: 138). Aparentemente, sua mágoa em relação ao que lhe acontecera fora realmente grande. Assim o é, pois, como demonstra Carvalho, ao regressar para a França nunca mais se dedicou às ciências, cuidando de uma pequena fazenda em Le Mont, local em que foi prefeito por vários anos antes de falecer, praticamente cego, em 1919.

Passados, contudo, quase vinte anos de sua saída da Diretoria da Escola, se estava ele ainda desgastado pessoalmente com o que lhe acontecera, seu nome na Escola já ganhava certa respeitabilidade que, no entanto, não demonstra ter gozado tão facilmente nos anos em que a chefiou. Quando de sua morte, as bandeiras foram

hasteadas a meio pau, significando o luto que se estendeu oficialmente na Escola e no Estado de Minas Gerais por oito dias (LIMA, 1977: 138).

Pode-se considerar natural o luto uma vez que se pode, também, considerar que - muito embora houvesse problemas no seu afastamento - o conjunto de sua obra em relação à criação da Escola e sua dedicação ao estabelecimento eram passíveis daquela homenagem. A questão principal vem depois. Uma vez afastando-se como “temperamental”, cujas exigências para o funcionamento da Escola pareciam incabíveis, sendo cotidianamente atacadas seja por professores, políticos e até mesmo por alunos, como se transformou naquele que deu à Escola uma herança tamanha que não pode ser contestada? Como, por conseguinte, tudo que dele se criticava em matéria de rigidez, firmeza, austeridade tornou-se, posteriormente, no que de melhor existira na EMOP?

É passível de consideração, evidentemente, que quando da morte de Gorceix, em 1919, muitos daqueles que contra ele se colocaram já estavam, também, mortos. Seu sucessor imediato, por exemplo, Archias da Rocha Medrado faleceu em 1906, após ser substituído, à frente da Escola, por Costa Sena, falecido no mesmo ano em que Gorceix. Estes tiveram contato direto com o professor francês, além de vários outros que, de forma ou de outra, podem ter colaborado para o afastamento de Gorceix. Outros surgiram, também alunos da Escola, e assumiram postos de professores que foram se aposentando ou falecendo. E a estes, gradativamente,

novas histórias foram sendo passadas e propiciou-se, com o afastamento dos anos, a se constituir uma nova imagem de Gorceix.

3.3.1 - A nova imagem de Gorceix

Em 1921 a Escola de Minas de Ouro Preto comemorava 45 anos de fundação. Havia apenas dois, seu idealizador e primeiro diretor falecera na França, quase vinte anos afastado da Escola. Seus restos mortais foram sepultados na cidade em que nascera, Saint-Denis-des-Murs.

Nas comemorações ao aniversário da Escola, daquele ano, no Brasil fez-se solene homenagem ao professor francês. Mário de Lima, em conferência apresentada em 12 de outubro daquele ano, na Escola de Minas, dizia sobre Gorceix:

Henri Gorceix é bem um grande nome, incorporado ao patrimônio científico de nossa pátria e particularmente caro ao coração mineiro... Gorceix não era um organizador idealista. Era um espírito prático. Cercou-se de companheiros á altura da empresa de que se fizera alma-mater... Sucederam-se vários regulamentos. Ampliou-se, mais tarde, o curso da Escola. Renovaram-se, com o tempo, o pessoal administrativo e o docente. O espírito do instituto não sofreu solução de continuidade... O sopro animador de Gorceix jamais deixou de insuflar vida ao estabelecimento. (LIMA, 1921: 21).

Apresentava-se, naquele instante, um novo Gorceix. Não era mais o professor exaltado, o homem rude que não aceitava interferência em sua obra. Antes, era a “alma-mater” daquela instituição. Não mais existia o professor que, com sua aspereza, atrapalhava aqueles que queriam se dedicar ao laboratório (exemplo dado

pelo próprio Gorceix na carta enviada ao Jornal do Brasil, acima apresentada). Sua herança não era os gritos, era o seu espírito, pois:

(...) o seu espírito ficou pairando, tutelarmente, sobre esta casa, e a tradição de amor ao trabalho e devotamento á sciencia ainda hoje se conserva, passada, como precioso patrimônio, de geração a geração. (LIMA, 1921:24)

Como parte desta comemoração de 1921, o professor da Escola, Domingos Fleury da Rocha (que posteriormente assumiria a Diretoria da Escola), vai a Saint-Denis-des-Murs e deposita sobre o túmulo de Gorceix uma coroa de palmas de bronze com a seguinte dedicatória: *"A son fondateur Claude-Henri Gorceix Respectueux hommage de l'Ecole des Mines à Ouro Preto – Brésil"* (LIMA, 1977). Era, portanto, o reconhecimento ao fundador da Escola. O reconhecimento àquele que *"Retirando-se para a França (...) nunca se esqueceu de sua amada filha intelectual brasileira"* (LIMA, 1921: 34). Subtrai-se, nesse ponto, a informação das visitas de Gorceix ao Brasil sem ter voltado à Escola. Já não mais seria interessante. Não havia mais espaços para críticas, até por que *"Sua memória nesta casa é como apedra angular da vida espiritual do instituto. Ninguém a olvida, todos a veneram"* (LIMA, 1921:34).

Começava, assim, uma nova fase no que -tange a Gorceix e sua história em relação à Escola de Minas de Ouro Preto. Crescia, por conseguinte, o respeito ao mestre francês, a importância de seu trabalho, o legado deixado graças a rigidez com que empreendeu a Escola. Era, gradativamente, reincorporado ao espaço do qual

fora afastado indiretamente. Tomava-se, por fim, na mais importante personagem da EMOP.

É fato que quem anda pelo prédio da Escola, hoje parcialmente desativado (o antigo Palácio do Governador), percebe que suas personagens são muitas e não apenas Gorceix. As paredes dos corredores, do pátio, as salas de aula, todo o canto é passível de uma homenagem, uma placa comemorativa, uma foto, algo que homenageie algum grande nome proveniente da Escola. Mas, também é fato, que não há homenagem maior que a prestada a Gorceix.

A primeira grande homenagem concedida ao professor francês foi a instalação de um busto de bronze na entrada da Escola, em 12 de outubro de 1935 (LIMA, 1977: 138). Após cerca de quinze anos o busto foi retirado da frente da Escola e colocado onde até hoje se encontra: no centro do pátio interno. Da entrada vê-se, bem ao centro, o busto de Gorceix. Várias são, também, as placas em sua homenagem.

De tudo o que se pensa sobre Gorceix ainda hoje, pouco existe de sua passagem mal-sucedida pela Instituição. Antes, sobram elogios a sua obra. A deferência com que é tratado, principalmente pelos ex-alunos mais antigos, prova a construção de um discurso em torno daquele que personifica a Escola. Quando convidado a falar sobre o que se pensava sobre o primeiro diretor da Escola na década de 1940, um ex-aluno apresentou o conceito que se fazia de Gorceix entre os alunos no período:

É...o conceito que nós fazíamos, e eu acho que não mudou até hoje, que o Gorceix era um- um desses homens que, que se dedicam a uma missão quase que um missionário. É... ele fazia do seu ideal de vida, que era este... que era se fazer brotar dentro do interior do Brasil um núcleo de pessoas com conhecimento e com poder de se envolver à ciência e o, à técnica de mineração e de pesquisa. Eu acho que e!e era, o Gorceix era um, um... essencialmente um pedagogo. Um camarada que... era uma Ana Néri da Pedagogia. Ana Néri era uma enfermeira, né. Mas ela, como se diz, ele, ele dedicou sua vida... Mas, a idéia que a gente faz, que eu tenho até hoje é que foi um dedicado, um homem que abandonou a, a... a cultura, né. Por que por mais patriota, patriotada que a gente tenha, você trocar Paris, eu troquei o Rio de Janeiro por Ouro Preto, já não foi pouco, agora você trocar Paris por Ouro Preto é preciso ter muito apego, ter muito idealismo... Você chegar lá e começar com essa missão de criar um centro de cultura é, eu acho que precisa de muita dedicação. Não é o elemento de dinheiro por que acho que não foi dinheiro que levou o Gorceix, certamente não foi dinheiro, é foi simplesmente a missão pedagógica, né. Foi essa vontade de se realizar, realizando os outros. Essa idéia que eu faço de Gorceix... (ecp)

Era conveniente, naquele período, compreender Gorceix como este homem que, além de proeminente cientista, era também um abnegado, destinado ao ensino e à pesquisa. O final da década de 1930 e a década de 1940 foram importantes, como apresentado no capítulo 2, para a redefinição da inserção do grupo de engenheiros oriundos da Escola de Minas. Reorientavam-se, ali, os rumos da Escola. Consecutivamente, tornava-se conveniente demonstrar que aquela escola possuía diferenciais: um histórico diferenciado das demais, uma história a ser contada, grandes ex-alunos que participaram de questões decisivas na vida nacional. E, além desses pontos, tinha um grande cientista vindo da França, abandonando - como nos fala o entrevistado - o auge da civilização para viver em Ouro Preto, dedicando-se à ciência. A Escola ganhava em importância na medida em que tinha a própria história relacionada ao esforço pessoal de seu criador: “você *sabe o que é* você largar sua pátria, se dedicar de corpo e alma ao ensino no Brasil, à formação?” (ecp). Eram

estes os elementos de sua tradição. A tradição de ser o berço da mineralogia nacional:

Quando Gorceix, que veio ao Brasil com um contrato - e eu dei a Ouro Preto a cópia do contrato autêntico firmado entre Gorceix e o Governo Imperial, que foi assinado no Rio de Janeiro - e Gorceix se prontificou a vir ao Brasil para criar e iundar uma Escola de mineiros, uma Escola de Minas. E mais, usando uma palavra mais ampla pra época, era Escola de Engenharia de Minas, e como eu atri, o chamo de, ele é o pai, é o, a Escola de Minas é o berço da engenharia mineral, (*ecp*)

Quanto mais, decorrentemente, a Escola sofria revezes mais se homenageava e buscava-se em Gorceix o diferencial.

Carvalho (2002) aponta que na década de 1950 a Escola já passava por problemas bastante sérios que prenunciavam o que aconteceria na década de 1960: a tentativa de anexação da mesma ou à Universidade de Viçosa ou à de Belo Horizonte. A essa tentativa, articularam-se ex-alunos e professores, no intuito de fundar a Universidade Federal de Ouro Preto, mantendo certa integridade à Escola. Mesmo neste caso o grupo dividia-se entre aqueles que defendiam a fundação de uma Universidade e aqueles que preferiam a Escola independente, continuando a ser isolada. Mas, segundo demonstra Carvalho, não havia outra opção. Fundou-se a UFOP.

Toda essa movimentação foi acompanhada de relevantes homenagens ao professor Gorceix. Em 12 de outubro de 1954 (importante notarmos que é o mesmo ano em que, pela segunda vez consecutiva, naufraga a tentativa de constituir-se em Ouro Preto uma Universidade Técnica Federal, nos moldes da defendida uma

década antes), é comemorado o centenário de nascimento de Gorceix, mesmo que com um atraso de 12 anos.

Em 1959 criou-se a Fundação Gorceix (FG), como homenagem ao ex-diretor e forma de associar os ex-alunos da Escola. Na definição de um dos ex-alunos entrevistados o *"objetivo [da Fundação Gorceix] é esse: ela, ela, é o desenvolvimento do ensino, ela tem a preocupação da formação de professores e permitir aos alunos um intercâmbio com a indústria"* (ecp). Curiosamente, mais uma homenagem importante em um momento de definição para a Escola. Em 1959 houve a apresentação do projeto mais bem estruturado, segundo Carvalho (2002), para fazer retornar a Escola aos tempos de grandiosidade científica: a criação do Instituto Brasileiro de Ciências Geológicas e Tecnologia Mineral. A idéia não logrou êxito, mas a FG ainda existe, patrocinando, inclusive, atividades em conjunto com a Universidade.

Mas, certamente, a homenagem mais importante foi, sem dúvida alguma, a transladação das cinzas de Gorceix para o Brasil, em 1970. No dia 11 de outubro deste ano, um sábado, um dia antes do aniversário da Escola (que neste ano caíra num domingo), foi inaugurado o Panteon de Gorceix, no qual suas cinzas foram depositadas em máxima homenagem ao trabalho e à dedicação do ex-diretor da Escola de Minas.

Sua localização no prédio da Escola é curiosa. Em um imenso salão, chamado "Sala da Memória", o ingresso do visitante faz passar por uma pequena sala, à

esquerda da entrada, em que documentos importantes da Escola (como a ata de sua fundação), fotografias iniciais e primeiros instrumentos utilizados estão expostos. No salão, propriamente, estão expostas fotografias - geralmente em quadros ou álbuns - com inúmeras turmas formadas pela Escola, das mais antigas às mais recentes. Ao final do salão abre-se uma porta para uma nova sala, menor que o salão, mas maior que aquela à esquerda da entrada, em que estão expostos objetos pessoais de Gorceix. Livros, móveis, seu pincenê, cadernetas de anotações totalmente preenchidas estão abertas, em meio a outras coisas da vida do professor francês. A esquerda desta sala encontra-se outra menor. Esta é o rol do Panteon. Nela encontra-se o convite para a missa de sétimo dia de Gorceix, recortes de jornais comunicando sua morte e mais instrumentos da Escola. Última sala: o Panteon. Ali está disposto um pequeno caixão de madeira, encimado por uma placa com dizeres elogiosos, ladeado por bandeiras da França, de Minas Gerais e da Escola de Minas, cercado por uma balaustrada feita em madeira. É como se aquele conjunto de salas, chamado de “Memória”, ligasse toda a história da Escola a Gorceix. Sua fundação, seus formados, seus instrumentos, suas imagens, fundindo-se com o que pertenceu ao seu fundador, e inclusive ele próprio. Tudo aquilo é a Escola. Ele viera formar gente. Aquela gente formada, aqueles objetos pessoais, aquela história da Escola, tudo aquilo era de Gorceix, proveniente de seu esforço pessoal de dedicar-se ao Brasil.

E Gorceix, ele trouxe o que? Ele trouxe uma experiência muito grande. Da Europa! Ele foi buscado lá, na Europa, justamente para isso. Você transplanta de um país, ou de um país que já tem uma formação é...

centenária, centenas de, de, de anos já que tem a França na época, né, então trouxe isso pra cá... Ele veio pra isso! Ele veio formar homens para o desenvolvimento do Brasil...Imagem disso: é competente, dedicado, você sabe o que é você largar sua pátria, se dedicar de corpo e alma ao ensino no Brasil, à formação. E era rigoroso. Quer dizer, é isso: o sujeito que vem de fora e se dedica aqui ao nosso desenvolvimento, à formação de gente. Por que o problema é formar gente! (...)Ele foi um sujeito notável. Se abrasilhou . Ele adotou o Brasil de corpo e alma. (*ecp*)

Cabe-nos notar, conclusivamente, que toda a homenagem feita a Gorceix com o referido Panteon acontece no ano imediatamente posterior à fundação da Universidade Federal de Ouro Preto. Como já foi aqui discutido, a fundação da referida Universidade foi duramente combatida por um grupo de ex-alunos e professores que acreditavam que a mesma deveria se manter enquanto Escola. Contudo, a iminência de ser anexada por alguma outra Universidade de fora impeliu a Escola a transformar-se em Universidade, anexando a Escola de Farmácia de Ouro Preto. Carvalho (2002) aponta que a Escola, nesse período, passava pelo seu momento de maior insegurança, maior instabilidade e com inúmeros problemas internos, sejam entre os seus professores, seja nos rumos futuros da instituição. Mais uma vez, ao que parece, foi à Gorceix que se recorreu. Nele poderiam reverenciar o passado da Instituição para talvez, numa tentativa a mais, vislumbrarem um novo e auspicioso futuro para a Escola.

Curiosamente, entretanto, a homenagem se apresenta contraditória. Se Gorceix, em vida, não mais quis voltar à Escola, será que teria escolhido ter suas cinzas ali depositadas?

Capítulo IV

A EMOP E A CIDADE DE OURO PRETO NA MEMÓRIA DE SEUS EX-ALUNOS

"(...) tudo o que eu faço hoje, meus comportamentos todos, são a consequência da seriedade do curso da Escola de Minas. As vezes não é nem profissional, não é uma base profissional E uma base humana. De comportamentos básicos que eu chamo de cristãos ou gorceixianos. Cristão por que para fazer o bem... A Escola de Minas deu esse espírito, de procurar servir profissionalmente, corretamente e também com muita honestidade, com muita lisura, com muita franqueza. Isso é o grande apanágio que a Escola de Minas me deu. Este tipo, este paradigma de vida que eu chamaria 'o espírito de Gorceix'".

(ecp)

A importância da Escola de Minas de Ouro Preto, como discutido nos capítulos anteriores, pode ser compreendida tanto no que concerne a sua colaboração no que tange ao desenvolvimento da siderurgia, da mineralogia e da geologia nacionais; na sua colaboração para a institucionalização das ciências no Brasil; na referência em que se transformou como centro de pesquisa; na figura de seu idealizador e primeiro diretor (Gorceix); na formação de boa parte da tecnocracia no país, especialmente a mineira, até a década de 1940, principalmente, e; na inserção de seus ex-alunos não apenas enquanto técnicos mas, também, como políticos no cenário nacional e no local. Estes fatores, entretanto, estão dimensionados levando-se em consideração algumas fontes documentais e bibliografia especializada que, via de regra, também se pautou pelas fontes tradicionais.

Podemos supor, contudo, que existe uma história oficial da Escola de Minas, contada pelas páginas impressas de livros acerca da Instituição, pelos documentos desde sua fundação, pelas páginas da Revista Escola de Minas. Mas, sobretudo, existe uma história particular, passada oralmente de pai para filho (que, na maioria das vezes, significa dizer - no caso da Escola de Minas - de professor para aluno) que, acreditamos, é infinitamente mais gloriosa, heróica e grandiosa. Não que esta seja mais verdadeira que a primeira, ou vice-versa. Antes, ambas são complementares. A primeira, a oficial, mantém o registro dos grandes fatos e acontecimentos, os mais marcantes, baseando-se no que foi documentado. A segunda, a oral, é o resumo da primeira acrescida da emoção daqueles que viveram a

Escola, cujos pais e avós estiveram nela por muitos anos antes dos que contam³⁰. São complementares, pois, acreditamos, se a primeira registra uma história da instituição, a segunda registra as impressões sobre a instituição daqueles que a construíram, que nela estiveram. Uma história que, ainda hoje, é mantida pelos ex-alunos mais antigos.

Pretendemos, portanto, neste capítulo, discutir alguns elementos da história da Escola de Minas de Ouro Preto nos pautando nos depoimentos recolhidos entre ex-alunos da Escola, da década de 1940. Estes, em sua maioria octogenários, ainda mantêm viva a memória da Escola, de seus tempos em Ouro Preto enquanto estudantes, da própria cidade de Ouro Preto e de suas moradias estudantis. Registram suas memórias em cartas, textos, voltam sempre às moradias que fundaram, voltam à Escola, discursam a história do estabelecimento, sentem-se privilegiados e informam aos alunos da Escola, que ainda estão por se graduarem, da importância daquela instituição e da importância de se ostentar um título de engenheiro da Escola de Minas. Reconstroem, assim, uma memória que conta uma Escola muito diferente daquela que se encontra nos documentos. Encontram-se menos problemas, orgulhos maiores, a vida cotidiana da Escola, de seus alunos e da cidade em relação a esses alunos. É sobre estas impressões, registradas na memória de ex-alunos da Escola, que versará este capítulo, portanto.

³⁰ É importante lembrarmos que a maioria dos ex-alunos da Escola de Minas, principalmente até a década de 1950, era composta por familiares. Alguns, por exemplo, já eram a terceira geração de uma mesma família ligada à Escola. Muitos irmãos, pais e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, tiveram na Escola de Minas de Ouro Preto sua formação profissional

Dividir-se-á, por conseguinte, esta parte de nosso trabalho, em três partes, quais sejam: a história da Escola segundo os ex-alunos; a relação de alunos com a cidade de Ouro Preto e com os ouropretanos e; a importância das moradias estudantis de Ouro Preto e a vida cotidiana dos estudantes nestas casas. Nos basearemos, não obstante, em depoimentos recolhidos e apresentados na Introdução deste trabalho e nas páginas do jornal Tribuna de Ouro Preto, principalmente.

4.1 - A ESCOLA DE MINAS SEGUNDO SEUS EX-ALUNOS

A constituição de uma tradição em torno da Escola de Minas de Ouro Preto envolveu muitos dos fatores reais de sua existência e uma boa parcela de esforços -mesmo que inconscientes - de seus membros no que se refere à construção de uma imagem da Instituição e de tudo aquilo que se relacionasse a ela. Aqui, destacaremos alguns pontos que acreditamos serem importantes para a compreensão de como essa imagem foi constituída e de como foi narrada por seus ex-alunos. Para tanto, enfatizaremos a importância do ingresso na Escola e desta na vida de seus ex-alunos.

Ser admitido como aluno da Escola de Minas de Ouro Preto é considerada a maior glória que um aspirante a engenheiro poderia ter entre as décadas de 1930 e 1940. Ao menos é o que nos conta cada um dos engenheiros por nós entrevistados. Naquela altura, a Escola já com mais de cinquenta anos de existência, atraía estudantes de toda a parte do país, e até alguns estrangeiros, para seus cursos (sejam os preparatórios ou as diversas graduações de ensino superior tendo, como ápice de

formação, a graduação em engenheiro de minas, metalurgia e civil). Neste período, muitas outras escolas de engenharia já existiam, também antigas e consolidadas³¹.

Sim, nascido com, a Escola estava num apogeu, vamos dizer, no apogeu do ensino, então quando eu entrei para a Escola de Minas realmente a Escola de Minas da lembrança que eu tenho era uma escola pujante, ativa e era o máximo. A Escola Politécnica do Rio, formidável. A Escola Politécnica de São Paulo. Mas o título de engenheiro de minas era invejável! E tinha razão de ser por que o curso era muito bom! Eu num, eu não, não vou dizer que eu sou suspeito, não. Eu posso dizer que o curso da Escola de Minas, nos anos. na, na, nesta década de vinte, trinta, quarenta era formidável! (*ecp*)

Além disso, há, não obstante, entre os ex-alunos da Escola, uma certa reverência àquilo que nela orbitava: o espírito de Gorceix. Este espírito da Escola é assim descrito por um ex-aluno:

E a escola de Minas, pela seriedade com que dava seus cursos, ela influenciou muito o que eu chamo o “espírito de Gorceix”. Este espírito de Gorceix é, profissionalmente, é ser autêntico. Sei ou não sei. Não sei, vou aprender (...) E, também, honestidade. Há uma retidão incrível. Eu tive 36 professores catedráticos (...) lá, em Ouro Preto, todos catedráticos, concursados, davam aula! Todas as aulas! Toda semana tinha uma composição, uma arguição, de cada matéria. Ou um trabalho prático. Quer dizer: havia uma seriedade no ensino! Isso é que é o grande apanágio de Ouro Preto! A seriedade de formar os homens. Formava-se bem! (...) a cinquenta anos atrás, a sessenta anos atrás era o que se tinha de melhor. (*ecp*)

Em busca desta seriedade, portanto, jovens de todo o país se dirigiam para a cidade de Ouro Preto. A fama da Escola, neste período, já estava plenamente consolidada. Aliás, como já foi aqui discutido, é o período máximo e, também, o do início do declínio de suas qualidades. Seu renome, por conseguinte, atraía novos alunos, desde o curso preparatório, de diversas partes do país:

³¹ Escolas de renome, como a Politécnica de São Paulo (fundada no início do século XX), várias em Minas Gerais (como a de Belo Horizonte e a de Juiz de Fora) ou mesmo a Politécnica do Rio de Janeiro (fundada dois anos antes da EMOP).

Ah...estudantes de todas as partes do Brasil - muitos vinham do nordeste e do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo Rio de Janeiro - é, praticamente de todo o país. (ecp)

E vinha gente do Brasil inteiro, era muito interessante. A Escola de Minas você tinha, como eu falei com você, do Brasil inteiro. Então, era muito presente o nordeste, o sul onde, por que São Paulo, tinha pouca gente de São Paulo, mas tinha algum de São Paulo, (ecp)

Era, já neste período, notória a fama da Escola de ser, por um lado, um centro de excelência na formação dos engenheiros - carreira, como já foi aqui discutido, em ascensão no país graças à emergência das elites técnicas³², principalmente no que tange à idéia que se criou em torno disso - e, por outro, pela grande facilidade com que os ex-alunos se empregavam quando de suas formaturas.

Quando eu estava no segundo ano complementar, em outubro, o jornal O Globo, que papai comprava sempre, trouxe uma reportagem bastante extensa, de umas duas páginas, sobre a Escola de Minas, o aniversário da Escola de Minas, a vida de república, e meu pai leu aquilo e mostrou-me o jornal (...) A Escola tinha uma fama extraordinária! De uma forma que um dos motivos que meu pai me mostrou para eu estudar aqui, você imagina que o aluno - isso estava na reportagem do Globo — *que o aluno ao se formar já tem emprego garantido! Com salário muito bom e essas coisas todas. E não era comum, né? Essa angústia pela, por encontrar emprego sempre houve, não é? A fama da Escola era extraordinária!* (ecp)

A Escola de Minas, por conseguinte, passa a ser importante na vida destes homens na medida em que ela é o referencial do início de suas vidas profissionais. A história da Escola, portanto, mescla-se com a história da própria vida. Casos extremos, por exemplo, como o de um entrevistado, servem-nos como demonstração. Seu avô foi professor da Escola na primeira turma de professores,

32 Podemos, em caráter de exemplificação, demonstrar como uma reportagem do “Estado de Minas”, publicada em 25/09/1945 (p.2), reproduzida pela Tribuna na edição de 07/10/1945, trata da importância do corpo técnico para o desenvolvimento do país: *“O problema da formação de técnicos é um dos que mais preocupam os povos modernos. Estamos vivendo uma idade histórica que se caracteriza principalmente pelo predomínio de técnica em todos os setores da atividade humana. Pode-se afirmar que a civilização contemporânea é obra quase exclusiva dos técnicos”*.

sendo, portanto, contemporâneo de Gorceix. Seu pai também fora aluno e ele próprio também se graduara pela EMOP, no final dos anos 1930. A história de sua vida, portanto, funde-se com a da Escola.

À Escola, geralmente, estes entrevistados se apresentam como eternos devedores:

O cartão de ex-aluno de, de, o cartão, o primeiro cartão que eu tive como engenheiro, com a palavra mágica, com a distinção mágica: engenheiro de minas e civil e metalurgista era muito mais que um cartão de visitas. Era um “Abra-te Sésamo!” Foi importantíssimo pra mim... E isso devo à Escola! *(ecp)*

Realmente, a, a politecnia dos cursos, a va, o arranjo, os professores, o ambiente eram engrandecedores. Magnífico! Eu devo dizer que devo à Escola de Minas, eu tenho que dizer sempre, repetir sempre, eu devo à Escola de Minas, o que aprendi na Escola de Minas, o sucesso da minha vida e é difícil cumprir com isso, é, é difícil pra mim cumprir a gratidão. *(ecp)*

Se deviam à Escola natural séria, por decorrência, que contassem dela as histórias, ou a história, mais exemplar e importante, diferenciando-a das demais. Sua diferenciação dava-se, por decorrência, seja pelas especificidades de sua criação como pelos seus métodos ou mesmo pela sua dificuldade de ingresso. Era a história contada por quem devia a ela, portanto.

Mas o feito mais importante no ensino, na minha opinião, do imperador Pedro II, foi a Escola de Minas de Ouro Preto. A qual ele deu destaque de ter ido a Ouro Preto duas vezes para visitá-la, numa época que, a ferrovia só chegou a Ouro Preto depois da República, *(ecp)*

Eu quero lhe dizer o seguinte: que é... o que é importante frisar é que a Escola de Minas de Ouro Preto foi um padrão de ensino. A Escola era respeitada mas também era muito... invejada, *(ecp)*

(...)a Escola de Minas foi criada pelo Imperador para criar homens para o desenvolvimento do Brasil. Isso ela cumpriu essa missão, *(ecp)*

Toda essa gratidão, portanto, demonstra o apego à Escola e sua história, reverenciada de maneira sempre engrandecedora pelos ex-alunos. Seja a importância de Gorceix, que veio formar homens, seja a importância da Escola (que tinha, e a cumpriu, a missão de formar homens), seja o papel de D. Pedro II para a educação (plenamente realizado na constituição da Escola, segundo o depoimento acima apresentado) formando homens, sejam os homens formados que devem a vida e o que foram à Escola, tudo remete à construção de um vínculo insolúvel com a Instituição, sua história e sua trajetória. E explica, por conseguinte, o porquê de muitos deles ainda se dedicarem a ela de forma quase que exclusiva, agora na aposentadoria. Reunidos na Fundação Gorceix (FG), pensam a Escola e propõe, através da Fundação, rumos que podem e devem ser seguidos pela, agora, Universidade.

E dessa maneira que entendem e interpretam a fundação da Universidade Federal de Ouro Preto. A forma mais efetiva de se solidificar a história da Escola. Existe, mesmo assim, uma resistência que perdura à Universidade. Um ex-aluno chegou a dizer que apenas *"as grandes escolas formam as grandes elites"*, justificando, assim, sua posição contrária a anexação da Escola à Universidade de Ouro Preto. A visão mais geral, entretanto, é de que a Escola pôde ser mantida e sua história glorificada através da Universidade. E mais, a Universidade - na opinião destes ex-alunos - somente poderá ser grandiosa se conseguir absorver o espírito da Escola de Minas, o espírito de Gorceix, *"que nós prezamos hoje como um verdadeiro deus"*.

A Escola, assim, segundo o pensamento de seus ex-alunos, é o esteio da Universidade. A história da Escola é a própria história da Universidade, posto que ambas se entrecruzam, formando uma só. E, portanto, só haverá progresso na Universidade se ela “beber na fonte” da Escola de Minas:

Graças a Deus, a UFOP está absorvendo este espírito de Gorceix. E deve absorver! Por que é a única, a única chama que pode dar força, prestígio e ancestralidade [à Universidade], (*ecp*)

A visão, portanto, predominante nas entrevistas realizadas - e nesta última exposta de maneira bastante clara - é que não cabe à Universidade ou à Escola primar por critérios modernos de gestão. Estes são consequência de outra primazia que deve, esta sim, ser buscada incessantemente: a ancestralidade. Se existem outras escolas ou universidades maiores ou mais importantes, melhor estruturadas ou coisa semelhante, existe, em Ouro Preto, uma ancestralidade, uma tradição, coisa que raramente será encontrada em qualquer outra.

Como discutido no capítulo anterior, sobre a influência da lembrança de Gorceix sempre que a Escola sofria algum revés, a Universidade somente será importante e alcançará méritos, na visão do grupo de ex-alunos entrevistados, se mantiver apego à tradição, à ancestralidade, se se pautar pelo prestígio alcançado no passado. É, portanto, a história da Escola como fonte de inspiração para o progresso da Universidade. É o espírito de Gorceix como o espírito de toda a Universidade. Podemos, por fim, intuir que, na visão dos ex-alunos entrevistados, não foi a Escola

a anexada pela Universidade. Antes, para eles, parece ter sido a Universidade criada como anexo da Escola.

4.2 - OURO PRETO, OS OUROPRETANOS E A ESCOLA

No capítulo anterior apresentamos, rapidamente, uma discussão ocorrida no início de 2002, na cidade de Ouro Preto. A celeuma envolvia a Escola, as moradias estudantis, a comunidade e, principalmente, discutia-se o modo de vida dos estudantes de Ouro Preto. A comunidade, revoltada, cobrava dos estudantes maior respeito com os moradores da cidade que não eram estudantes, etc. Uma das principais queixas dizia respeito ao barulho, à algazarra, à conduta pouco disciplinada e às festas cotidianas promovidas cidade a fora, que atrapalhavam a rotina de seus moradores. O clima de animosidade era intenso, de ambas as partes. Alunos acusavam a comunidade, e a recíproca era, também, verdadeira. Excetuando qualquer ranço mais reacionário por parte da comunidade, o que pode ser bastante plausível, algumas das queixas, na nossa opinião, eram procedentes. E mesmo que não fossem, demonstravam nitidamente uma ferida aberta que se mostrava de difícil cicatrização e que, por fim, afastava, gradativa mas efetivamente, ouropretanos de estudantes.

O que se demonstra curioso, não obstante, é que a Escola, em 2001, acabara de completar 125 anos de fundação, em Ouro Preto. Era estranho que durante mais de um século a Escola e seus estudantes tivessem incomodado tanto e que nada

tivesse sido feito para garantir a convivência saudável entre ambos os lados. Daí, por decorrência, que cabem aqui alguns comentários sobre a vida do estudantado da Escola nas décadas de 1930 e 1940. Em nosso trabalho de pesquisa, através de entrevistas e da consulta ao jornal Tribuna de Ouro Preto o que encontramos foi uma realidade bastante diferente, naquele período. Se as entrevistas podem estar suavizando conflitos do passado o jornal, não obstante, registra o cotidiano daquele período. Do cruzamento destas duas fontes, portanto, surge uma relação cidade-comunidade-Escola-alunado bastante diferente da que se apresenta na atualidade. Não é nossa proposta, aqui, apresentarmos quando houve o início dos problemas. Antes, nossa proposta é investigar como se convivia sem os problemas atuais.

4.2.1 - A CIDADE E OS ESTUDANTES

Ouro Preto iniciou o século XX já sem mais ser a capital de Minas Gerais. Com a fundação de Belo Horizonte em 1897, a antiga capital sofreu um relativo abandono que foi sentido por algumas décadas. Podemos citar, como exemplo, dois empreendimentos supostamente modernizantes que foram abandonados quando a cidade deixou de ser capital: a implantação de uma rede telefônica (projeto fracassado em 1897) e a implantação de iluminação elétrica pública (projeto iniciado em 1897 e fracassado em 1899)³³. Entre as décadas de 1930 e 1940, segundo um ex-aluno, a tarefa de se encontrar uma casa na cidade era bastante complicada, uma vez

³³ Tribuna de Ouro Preto 28/10/1945. p. 2

que, trinta anos após a mudança da capital, a cidade estava com aspecto de abandono. Em artigo de cunho irônico, publicado em outubro de 1945 na Tribuna, um cronista tratava da qualidade das casas de aluguel na cidade, sob o título “Ouro Preto às avessas”:

É que na véspera, durante o chá das cinco da tarde, a Madame Miranda em conversa com suas amigas havia manifestado o desejo de mudar de casa. O senhorio, pelo seu serviço de controle das casas de aluguel soube imediatamente deste desejo de sua inquilina e antes que se tornasse em realidade, ali estava para entrar em acordo.

O Senhorio - Se o senhor se compromete assinar um contrato por um ano eu poderei fixar o aluguel em Cr.\$100,00 mensais, mandar pintar a fachada e reformar as instalações sanitárias.

Dr. Miranda - Vou estudar a sua proposta e logo a tarde darei a resposta. E, naquele dia, (...) mais uma confortável residência moderna ficaria fechada, à espera de um inquilino que tivesse a coragem de se sujeitar as tantas imposições do senhorio.³⁴

A brincadeira do cronista tinha fundamento. Segundo um entrevistado, a qualidade das habitações na cidade de Ouro Preto entre os anos 1930 e 1940 não eram as melhores e sequer havia rigidez nos contratos de aluguel no que se refere a prazos. Este outro acrescentará sobre a casa que lhe era alugada que *"em, eu não estou certo se em 40 ou 41(...) a república Fuzarcafoi vendida. E lá havia mais de dez estudantes. E não havia, não se encontrava uma casa que pudesse ser mudada a mesma república" (ecp).*

Quanto às edificações, por decorrência, a piada do cronista acerca das fachadas e das instalações sanitárias também parece pertinente. Outro entrevistado chama a atenção para o fato de, em não existindo instalações para chuveiro elétrico e

³⁴ Tribuna de Ouro Preto. *Ouro Preto às avessas*. Ano I, n°12, 28/10/1945. p.3

apetrechos semelhantes, os banhos eram tomados com água fria no fundo do quintal.

E acrescenta:

Mas, em Ouro Preto, essa república do Consulado era uma república elite. Não pelas condições físicas da casa, nem nada, por que a casa era bem bombardeada. Ela, hoje, encontra-se num estado muito melhor do que no meu tempo. Foi reformada umas duas vezes. Mas no meu tempo era uma casa de vidros quebrados e eu, no meu quarto não podia fechar a janela por que não adiantava fechar a janela. Acordava, de manhã, com neblina dentro do quarto, praticamente, *(ecp)*

É importante frisar, contudo, que não moravam em casas aparentemente ruins por não terem dinheiro para morarem melhor. Várias são as demonstrações de que não eram, necessariamente pobres.

Mas, [espaço] era um pessoal, não sei, de um [espaço] oriundo talvez de um ambiente mais sofisticado, em relação à época. Quer dizer, nós tínhamos um companheiro que era filho de dinamarqueses, donos de uma grande casa comercial lá de São Paulo; tínhamos um rapaz que era filho de um médico de grande sucesso em Campinas, é...tínhamos um paraense que a família dele era de boas condições financeiras, *(ecp)*

Eu nunca tive problemas financeiros, não. Vivía com dinheiro, *(ecp)*

E eu ganhei, eu passei a ganhar uma mesada naquele tempo, naquela ocasião, de 500 cruzeiros, quando a maior parte dos alunos, mais apertados ainda, digamos assim, de família mais modesta, ganhava qualquer coisa na ordem de 350, 400. Então, esses 500 era, eu nunca tive aperto financeiro, tive até uma vida folgada, *(ecp)*

Cabe ponderar, também, que nos registros da República Consulado, por nós consultados, existem gastos -já na década de 1940 - com telefone e cozinheira. Toda a moradia estudantil, aliás, possuía uma cozinheira (foto 1). Seria fato de importância relativa não fosse a recorrente demanda apontada pelo jornal Tribuna de Ouro Preto no que se refere a cozinheiras. Certamente a alta procura encarecia os preços cobrados pelas profissionais. E, por conseguinte, poderiam pagar pelos

serviços apenas aqueles que tivessem condições para fazê-lo. São várias as crônicas em que se reclama dos preços cobrados e da pouca qualidade dos serviços. O anúncio publicado pela Tribuna de outubro de 1945 é, no mínimo, exemplar:

Forno e Fogão
Precisa-se de uma boa cozinheira, para FORNO E FOGÃO. Paga-se Cr, \$ 100,00 mensais. Exigem-se referências. Tratar com Percy, à Praça Tiradentes-23³⁵

Como forma de dimensionar o valor acima apresentado podemos lembrar do depoimento já aqui exposto em que um ex-aluno dizia ser a média das mesadas dadas aos estudantes, pelos seus responsáveis, cerca de Cr\$ 350,00.

Vivendo com uma situação financeira razoável, convivendo com os moradores da cidade, partilhando das questões pertinentes a ela, os estudantes, gradativamente, foram se incorporando à rotina de Ouro Preto. Na década de 1940, por exemplo, o convívio se apresentava extremamente saudável, muito embora nem sempre gostassem da cidade.

E a vida em Ouro Preto nessa época era muito triste, quer dizer, a gente não...os elementos femininos, moças, pra gente conviver, pra gente namorar, praticamente não existia. Era escola-estudo, estudo-estudo-escola, e mais nada. E eu passei a ter saudades do meu tempo em que eu estava no Rio de Janeiro(...) você sai de um ambiente desses e chega em Ouro Preto - onde eu diria que o ambiente era completamente árido, não é - não tinha nada. (*ecp*)

Por não ter muito que se fazer, sendo cidade pequena e com poucos habitantes, a rotina dos estudantes no período, quando não estavam debruçados sobre estudos em suas casas ou na Escola, ou mesmo no Centro Acadêmico,

³⁵ Tribuna de Ouro Preto, ano I, nº 10,12/10/1945. p.4

estavam nos espaços da cidade. Do cinema à zona de prostituição ("*Tinha uma zona muito suja, muito vagabunda (...) mas também tinha a diversão na zona*" {ecpj}), passando pela Rua São José na qual faziam o *footing*, integravam-se aos espaços da cidade e, até mesmo, forneciam espaços para ela. Em resumo, os momentos extra-Escola de um estudante de Ouro Preto no período podem ser assim apresentados:

(...) a atividade, a atividade mais frequente era o *footing* que a gente fazia ali pela (...) é a rua São José. O cinema ficava na rua São José, não sei como que está hoje. Ficava bem ali no meio da rua São José. O Centro Acadêmico ficava naquela esquina, onde tem uma rampa que sobe lá pra...que sobe lá pra aquela igreja São Francisco de cima, né. Embaixo era o bar do Januário, em cima era o centro acadêmico. Uma saletinha minúscula, onde tinha uma vitrola... era um ambiente muito pobre. A maior atividade nossa era ficar fazendo *footing* na rua São José de um lado pro outro, (ecp)

Frequentavam-se, também, os bares da cidade. E certo que alguns serviam preferencialmente aos estudantes, como o referido Bar do Januário. Este bar, por sinal, teria sido construído já com o intuito de se alugar o salão superior para a sede do Centro Acadêmico. Em alguns depoimentos comenta-se que havia uma escada no Centro Acadêmico que dava, justamente, no Bar. Outros, mais comedidos, não comentam este detalhe. Mas, assim como o Centro, o Bar do Januário também se tornou referência na lembrança dos ex-alunos de Ouro Preto e sua história é próxima à do Centro. Segundo nos conta um ex-aluno, Pompeu Trivelos, comerciante na cidade de Ouro Preto, comprara em meados dos anos 1930 uma área na rua São José para construir um bar e alugar o salão superior para o Centro Acadêmico.

Então o Pompeu granjeou tamanha amizade entre os estudantes de várias épocas (...) E o que que ele fez? Ele comprou ou obteve a doação desse terreno e nele mandou fazer um projeto de um prédio de dois andares, na Rua São José. com a finalidade de, nesse prédio, abrigar o Centro Acadêmico (...) Então, o Centro Acadêmico, daquela época em diante, passou a ter uma sede própria. Não era dele mas, tais os compromissos ou, ou, os arranjos, que ficou como sede do Centro Acadêmico, tendo ele em cima [silêncio] (...) [e na parte inferior] transformou-se o “Bar do Pompeu”. Mas não adquiriu o nome do Pompeu não, por que quando ele mudou-se no, na época que ele mudou-se ele adoeceu, então ele adoeceu e deve ter morrido. Mas um empregado dele tornou-se o dono do bar. Chamava-se Januário. Então o Bar do Pompeu que foi origem, transformou-se “Bar do Januário”! E, com esse bar do Januário todos nós tínhamos conta, *(ecp)*

Os espaços da cidade, portanto, eram plenamente utilizados ou mesmo criados pelos estudantes. O próprio Centro Acadêmico é tido, nos depoimentos, como o clube da sociedade ouropretana.

Interessante que a cidade não tinha atrativos próprios da sociedade, de sociedade. A minha época. Mas, quem promovia os, essas, esses divertimentos? Os estudantes. Um dos clubes mais importantes de Ouro Preto, na minha época, era o Centro Acadêmico de Ouro Preto que, praticamente, era o clube da cidade, *(ecp)*

Havia, também, na figura do estudante, uma certa credibilidade. Muito se comenta, nas entrevistas, o alto número de estudantes que se casaram com moças das famílias mais tradicionais de Ouro Preto e região. Além disso, o trecho na sequência é exemplar de como acontecia a relação estudante-comunidade, no que tange ao comércio:

(...) o fiado era uma coisa tradicional em Minas, o fiado! Nunca se vendia a vista não, era tudo fiado. (...) E o fiado é uma tradição em Minas. Mas, sobretudo, em Ouro Preto. Tudo se comprava fiado! (...) E no bar, então, fiado era a coisa mais é, é, presente, mas era o estudante - por mais pobre que ele fosse - ele se deixava enganar, ser enganado no fiado [rindo], no caderno. Então, havia uma, uma, uma espécie de uma sociedade, uma de, de, de mentiras recíprocas em quem comprava e quem vendia mas que funcionava sem nenhuma contestação. Coisa muito interessante, aproveitando, eu me lembro que quando, havia uma das coisas mais

notáveis sobre a co, a honestidade é, que imperava ao meio estudantil de Ouro Preto, era comum ouvir-se dizer que fulano formara, mas ficara devendo ao comerciante um a dois anos de dívida e vol, volta e meia voltava o, o estudante recém ou formado aparecia em Ouro Preto e, e ele não tinha vergonha de dizer: *vim pagar as contas que eu não paguei*, [rindo] Então, o comerciante já estava esperando e o sujeito aparecia e trazia o caderno, somava tudo e o sujeito pagava pontualmente. (ecp)

A relação entre cidade e estudante era, portanto, um encontro entre necessidades (de ambos os lados uma vez que, se o estudante precisava morar e consumir, os ouropretanos precisavam comerciar), mas também um relacionamento de gratidão. Gratidão esta que, gradativamente, foi paga por aqueles que, ao se graduarem, de algum modo prestavam serviços à cidade. Mesmo que quando apoiados na idéia de resolver questões para os estudantes, ex-alunos contribuíam para a solução de problemas no município. Através da Sociedade Amigos de Ouro Preto (SAOP), interferiam na rotina ouropretana, propunham políticas públicas para o município (e a Tribuna é exemplo claro desta prática) e atuavam, com a influência que obtinham uma vez empregados, na resolução dos problemas locais³⁶.

Como exemplo, cabe-nos comentar atitudes como a da discussão que, na década de 1940, estava sendo travada em Ouro Preto: a necessidade de um centro esportivo. Problema considerado de grande importância para a vida estudantil ouropretana, a falta de espaços para práticas desportivas tem, nos relatos de alguns ex-alunos, lugar de destaque:

³⁶ Nota anunciando a nova sede da SAOP, em 1945, que exemplifica o quanto a referida sociedade se apresentava como importante para a cidade: "*Já se acha instalada em sua nova sede(...) a 'Sociedade Amigos de Ouro Preto'. A Diretoria está providenciando, no sentido de tornar mais atrativa, para seus numerosos e distintos associados, a nova sede da benemérita 'Sociedade' que tantos benefícios vem conseguindo dos poderes públicos para esta cidade.*" (grifo nosso). Tribuna de Ouro Preto, 09/09/1945, p.3.

(...) havia um esporte amador mas com muita dificuldade e vôlei. Também jogava-se vôlei. Um pouquinho de vôlei, com dificuldade. Os próprios alunos faziam, ali no, a gente fala no São Francisco Xavier era São Chico, no São Chico tinha uma área que a gente fazia esporte também. A turma gostava, não tinha, natação não tinha jeito. Eu lembro que, por exemplo, um detalhe: a prefeitura abandonou uma caixa d'água ali perto, do lado do São Francisco. Caixa d'água quebrou e a prefeitura fez outra, então nós, estudantes, refe, refechamos a caixa d'água e fizemos uma piscina. Mas, era terrível. Você nadava com água gelada, né, mas é... então, essa parte. Ou então tinha que ir lá em Águas Férreas, que tinha um tanque lá que, que nadava e não tinha esporte de natação. Então, esporte era isso: o futebol, e um pouquinho de vôlei, e mais leitura, né. (ecp)

Naturalmente a gente sempre reclamou muito... de completa ausência de campos esportivos onde a gente pudesse praticar alguma coisa. Quer dizer, a Escola de Minas nunca teve nenhum ginásio, nem, nem, nem uma quadra de vôlei, nem uma quadra de basquete, nenhum campo de futebol ah... a gente encontrava isso nos ginásios ou lá embaixo no terreno que era da prefeitura, não é. Mas a Escola mesmo nunca, nunca providenciou nenhuma, nenhuma instalação de atividade esportiva. Talvez isso aí fora um pouco objeto de reclamação da nossa parte, (ecp)

Sendo considerada como de fundamental importância para a vida estudantil, a construção de uma praça de esportes foi bandeira das mais firmemente empunhadas pela Sociedade. Muito embora pareça algo menor, o caminho percorrido pela SAOP e por seus membros revela um pouco de suas formas de agir coletivamente em prol de seus objetivos. Segundo a edição da “Tribuna de Ouro Preto” de onze de novembro de quarenta e cinco, que dava em primeira mão a notícia da disposição do governador Benedito Valadares em construir a praça que *foi mais uma etapa vencida, e sem dúvida a mais importante, nessa luta sem tréguas* [pela construção de uma praça de esportes] *iniciada pela SOCIEDADE há mais de três anos*³⁷, um dos principais articuladores da idéia da praça foi o ex-aluno Euvaldo Lodi.³⁸

³⁷ Tribuna de Ouro Preto. *Grande Vitória*. Ano 1, número 14, 1945, p. 1

³⁸ Euvaldo Lodi, formado pela EMOP na turma de 1920, foi um dos mais importantes ex-alunos saídos da Escola. Presidente e fundador de diversas siderúrgicas no Brasil, atuou enquanto empresário também como presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), além de muitos outros cargos importantes em

Intermediando com seus contatos a viabilidade da construção da referida praça, Lodi servia a sua Sociedade e, decorrentemente, a parabenizava através de telegrama: *Envio prezado patricio efusivas congratulações motivo deliberação governo do Estado mandando construir Praça Esportes em Ouro Preto.*³⁹

Outro também mobilizado para a solução do referido problema foi o professor José de Carvalho Lopes que, além de estar no quadro docente da EMOP, acabara de ser nomeado Secretário de Viação de Minas Gerais. Mobilizado um secretário de Estado, um grande industrial, também político, e muitos outros na burocracia estatal para determinado fim, a conquista da praça era mais um presente da Sociedade para a cidade que um ganho da cidade, enfim. Era, aparentemente, uma forma da própria Sociedade se firmar e apresentar-se como fundamental para a Escola e para a cidade. Assim, na mesma edição em que se anuncia a construção da referida praça desportiva, a “Tribuna” comenta que:

Devemos externar os nossos melhores agradecimentos ao Dr. Euvaldo Lodi, ouropretano de nascimento e de coração, pelo seu espontâneo e valioso auxílio *a nós** prestado nessa campanha que iniciamos com a firme determinação de vencer.⁴⁰

Podemos intuir, portanto, que estudantes, ex-alunos e comunidade tinham um bom convívio e uma enorme lista de serviços prestados mutuamente. Era, para a cidade, interessante ter os estudantes em Ouro Preto. E os estudantes, por

associações patronais brasileiras e foi também parlamentar durante momentos importantes da vida brasileira do período, como, por exemplo, quando foi deputado constituinte (1933-34). Fonte: A Escola de Minas de Ouro Preto. 1876-1966. Ouro Preto: Oficinas Gráficas da escola Federal de Minas de Ouro Preto, 1966.³⁵ Tribuna de Ouro Preto. *Grande Vitória*. Ano 1, número 14, 1945, p. 4

* Grifo nosso.

⁴⁰Ibidem.

consequente, colaboravam e se incorporavam à vida da cidade. E se incorporavam tanto que, por fim, desposavam inclusive as filhas das "melhores" famílias.

4.2.2 - OS OUROPRETANOS E OS ESTUDANTES

Como discutido aqui, na parte anterior deste texto, a relação entre os estudantes da Escola de Minas e a cidade de Ouro Preto, nas décadas de 1930 e 1940 era bastante saudável e, até mesmo, cooperativista. Cabe ressaltar, entretanto, que pelas páginas da Tribuna podemos perceber que, se havia bom convívio, havia também uma pequena reserva. O anúncio de um restaurante nos serve como exemplo, pois nele, fica explícito que seu atendimento era *"exclusivamente familiar"*, destinado às *"distintas Famílias Ouropretanas"*⁴¹ Embora seja um exemplo isolado, entre as páginas do referido jornal, podemos supor que nem todos os espaços eram plenamente liberados para os estudantes.

Apesar disso, a relação do alunado com a cidade em si, com suas ruas, seus problemas, seu cotidiano, era razoavelmente profunda. É viva na memória dos nossos entrevistados a localização de casas, bares, ruas, igrejas. Um motivo evidente é, claro, a pouca transformação do centro da cidade - tombada pelo Patrimônio Histórico. Outro, talvez mais importante que o primeiro, é a relação entre a cidade e os acontecimentos juvenis daqueles homens. Chegavam a Ouro Preto, geralmente, adolescentes, para cursarem o curso anexo da Escola de Minas que funcionava como

⁴¹ Tribuna de Ouro Preto, ano I, nº17,23/12/1945. p.4

um preparatório para os exames. Isso quando não vinham para a cidade cursar o ginásio. Depois de ingressarem na EMOP eram mais seis anos até a graduação. No mínimo, portanto, sete anos eram passados na cidade - na maioria dos casos. E, cabe ressaltar, eram poucos alunos na Escola e poucos moradores na cidade⁴².

(...)naturalmente a gente conhece todo mundo logo no primeiro ano, por que a amplitude de Ouro Preto, o número de alunos, o número de repúblicas, não era tão grande. Nem sei quantas são hoje, mas não era tão grande que a gente não conhecesse, intimamente, todas as repúblicas, o pessoal todo. (*ecp*)

Justamente por se conhecerem bastante e por fazerem, rapidamente, amizade com a população local, estes estudantes passavam a gozar de certa simpatia entre os moradores ouropretanos.

No Natal era comum todas as famílias darem presentes para as repúblicas. Eu me lembro, eu cheguei a fazer, eu era muito cheio de papéis e de listas, fiz uma lista (que até hoje eu tenho); vinte e seis presentes num Natal que eu passei lá! (*ecp*)

Receber presentes era comum nas repúblicas. Geralmente, segundo nos mostram os depoimentos, eram comidas ou bebidas que vinham das famílias da cidade e, nem sempre, tinham algum motivo especial para serem ofertadas. Sustentam os depoimentos que era, no fim, uma demonstração de carinho da cidade para com os estudantes.

⁴² Não temos o número exato de habitantes de Ouro Preto no período. Podemos, entretanto, fazer uma inferência, tomando como base uma matéria publicada pela Tribuna em 1945, tratando do alistamento eleitoral. Segundo a matéria, intitulada *Procurai vossos títulos*, estavam habilitados a votar nas eleições daquele ano todos os homens maiores de dezoito anos e mulheres, também acima desta idade, que exercessem funções remuneradas, inscreveram-se, em Ouro Preto (sede e distritos) 7.500 eleitores, sendo 4.100 nos distritos e 3.400 na sede.

Fato que recorrentemente é lembrado e que sempre é dado como exemplo da boa convivência entre comunidade ouropretana e alunado, era o que se convencionou considerar o "*tradicional roubo de galinhas*". O roubo de galinhas é algo extremamente presente nas entrevistas. Não houve um único ex-aluno entrevistado ou com quem se conversou que não se referisse a ele de forma carinhosa, como uma das principais lembranças dos tempos da Escola. Mesmo sem que existisse nenhuma indução, os entrevistados passavam a falar, muitas vezes gargalhando, das histórias célebres que protagonizavam.

(...) o que é mais antigo em Ouro Preto? A república ou o roubo de galinha? Roubo de galinha é uma coisa muito engraçada (...) roubo de galinha era, pra nós, uma espécie de esporte (...) E os moradores de Ouro Preto, professores ou não, tinham o hábito mineiro, e brasileiro, de ter um quintal, E um quintal onde plantavam umas taiobas, jabuticabas, se disser que a gente roubava também, já pulava pra chupar jabuticaba (...) Então, tinha galinhas. E a gente já sabia. Dizia: vamos buscar na casa dos vizinhos, umas galinhas, por que a gente tinha fome e necessidade de comer, *(ecp)*

Um dos casos, por exemplo, foi o do roubo de uma dúzia de galinhas da casa de um professor da Escola que, posteriormente, passados alguns poucos dias, fora convidado para comer uma galinhada em determinada república. Como prova da aceitação do ato, o professor não compareceu, mas enviou uma garrafa de vinho para acompanhar o almoço.

No mais, o roubo de galinhas transformou-se em diversão aparentemente institucionalizada pelos estudantes que ponderam, hoje, o grau de aceitação de tal prática:

Mas eu acho que, por outro lado, também, a nossa vida na sociedade, o estudante era muito bem aceito na sociedade, muita amizade com a sociedade de Ouro Preto, até apoio, você compreendeu? Havia muita... o estudante era querido, apesar de um famoso roubo de galinha que havia. Havia. Eu acredito até que tinha gente que, que gostava que o aluno roubasse lá, por que o aluno ia lá e tirava uma galinha, duas, para comer no domingo, viu? Isso era muito comum, *(ecp)*

Havendo a crença de que eram bem aceitos ao roubar galinhas, descrevem assim o “o criminoso”

Célebre roubo de, de galinha em Ouro Preto, aquilo era uma coisa tradicional! Era muito comum o sujeito ir roubar na casa da namorada, né. Aí armava armadilha: havia casa em que o estudante chegava e ia roubar lá a galinha e de repente as luzes acendiam, aí o, aparecia a moça: - *ah, mas...* O pai falava: - *mas, você não precisava ter que vir roubar galinha. Se pedisse a gente dava.* Mas aí, aí já não servia. Galinha dada não, não servia, né. Você tinha de ir buscar. Então, era muito folclórica a vida, viu? *(ecp)*

Mesmo quando se roubavam galinhas nas casas das namoradas, como acima apresentado, os roubos tinham uma certa licitude. Muitas foram as namoradas, por sinal, que os estudantes da Escola conseguiram em Ouro Preto e que, por fim, tornaram-se suas esposas. De todos os nossos entrevistados, apenas um não casou-se com uma pessoa ligada à Ouro Preto. Segundo os depoimentos, era comum o relacionamento entre ouropretanas e estudantes da Escola. E, na maioria das vezes, era nos bailes promovidos pelo Centro Acadêmico que aconteciam os primeiros encontros e, depois, nas moradias estudantis que, finalmente, selavam-se os namoros.

A república era até um, um baluarte de ensino, alegria, era um, um estoque de futuros maridos, as moças cogitavam. Grande, grande laurel pras moças na época era casar-se com um engenheiro de minas. E onde podia casar, e onde podia começar os casamentos? Num namoro e no noivado. No namoro. Noivado [rindo] na república nunca houve, *(ecp)*

Uma das coisas que teve influência, eu acabei casando com a, com a moça que vinha de vez em quando aos domingos, em determinados períodos, vinha uma caminhonete de Passagem de Mariana (Passagem de Mariana era onde tinha a mina, mina da Passagem), e vinha uma espécie de jardineira, caminhonete não, jardineira, com umas sete ou oito moças que moravam lá, as duas filhas do diretor da companhia e vinham umas amigas delas né. Bastava elas chegar lá pra se organizar um baile! Assim que elas chegavam, a gente botava a vitrola em funcionamento, e você tinha um...com sete ou oito moças e um pessoal dançando com elas. Eu conheci a minha esposa assim, *(ecp)*

É bastante provável que, consecutivamente, os namoros eram abençoados facilmente pelas famílias da cidade e até mesmo da região. Jovens com futuros aparentemente promissores, os estudantes da Escola eram tidos como excelentes noivos para as moças solteiras.

(..)quem formava lá, as meninas aqui de Minas Gerais, eu não estou falando só de Ouro Preto não, as meninas de Minas Gerais a idéia, o que as mães falavam pra elas era: você precisa casar com um engenheiro de Ouro Preto, *(risadas) (ecp)*

Prova da anuência familiar para com os relacionamentos entre estudantes e moças da região e da cidade era um fato que, muitas vezes, os estudantes casavam-se antes mesmo de se graduarem.

Eu casei nas férias do quinto para o sexto. Já no quinto ano, no final do quinto ano, eu fui trabalhar na mina. E, onde eu conheci minha esposa, em Passagem de Mariana, e ela era da tal turma que vinha de jardineira para Ouro Preto, e eu casei nas férias entre o quinto e o sexto ano. O sexto ano eu já passei trabalhando, morando em Passagem de Mariana, e frequentava a Escola para tirar, por que no sexto ano você formava em Engenharia Civil, *(ecp)*

Em determinados momentos, os depoimentos chegam mesmo a apresentar, mesmo que jocosamente, uma relação “custo – benefício” entre moradores e estudantes:

Eu, eu sei que, que, muito estudante que se formou devendo e depois pagava depois de formado, lá. Tinha conta lá, no restaurante, com o Trópia. Em compensação, o, o, o Vicente Trópia - que era um cara muito bom, que ajudava muito o estudante - mas casou a filharada dele toda, unias seis ou sete moças, com estudante, *(ecp)*

Eram, portanto, os estudantes da Escola de Minas - tirante qualquer problema excepcional - bem relacionados seja com a cidade, seja com seus moradores. Essa relação, portanto, demonstra ter havido, em algum momento posterior à década de 1940, problemas de convivência cuja seriedade atrapalham, ainda hoje, o relacionamento que já foi profícuo no passado. Muitos estudantes, ao se casarem na cidade, nela ficaram, adotando-a como suas. Lecionaram na Escola, na maioria dos casos (como dois de nossos entrevistados), tiveram filhos que também, na maioria das vezes, foram alunos da Escola e participaram e/ou participam da vida da cidade ainda hoje. Cidade e Escola acabaram por transformarem-se, para aqueles que passaram por ambas, um referencial único dos seus passados de estudante.

4.3 - OS ESTUDANTES E SUAS REPÚBLICAS

Tratou-se nas primeiras partes deste capítulo da convivência dos ex-alunos de Ouro Preto quando de suas passagens pela cidade nas décadas de 1930 e 1940, além de se discutir como a imagem da Escola se construiu na lembrança destes engenheiros. Cabe-nos, agora, discutir como era a vida destes ex-alunos no cotidiano de suas moradias estudantis, como eram suas rotinas, quais os hábitos mais comuns.

Além disso, pretende-se nesta sequência, abordar como aconteciam os trotes, como surgem os quadros de formados pela Escola nas paredes das repúblicas, como acontecia a relação entre alunos e ex-alunos já bem sucedidos àquela altura e, finalmente, quais os primeiros movimentos para a consolidação de um fundo -mantido por ex-alunos - para a aquisição de casas que servissem de moradia estudantil e que promovesse a assistência aos alunos que delas necessitassem.

As moradias estudantis de Ouro Preto, no período em que se insere esta discussão, eram propriedades privadas locadas para que os estudantes organizassem suas moradias, garantindo, por decorrência, o devido lugar em que pudessem morar e estudar nas horas em que não estivessem na Escola. Evidentemente, criaram-se relações de amizade entre estes companheiros de casa que, muitas vezes, até hoje persistem. O que é curioso, entretanto, é que ter amizade na república é algo quase obrigatório. Os ex-alunos estão para a casa como seus filhos, irmãos mais novos dos que os antecederam, devendo a eles respeito e admiração. Um ex-aluno chegou a nos confidenciar que *"Eu sou mais irmão de meus colegas de Ouro Preto que dos meus irmãos de sangue"* (ecp). Esta relação se construiu ao longo dos anos e das visitas frequentes de ex-alunos à Escola e à república por eles fundadas. Chegando a uma moradia, cadastros telefônicos registram o nome e o endereço de cada ex-aluno que por ali passou. Segundo nos informou umjnorador atual, sempre os ex-alunos mais antigos (alguns que fundaram a casa nos anos 1930), telefonam para saberem do caminhar da vida da república. Estas casas, por sinal, já não mais são patrimônio

privado. Antes, são públicas, anexadas juntamente com a Escola, pela Universidade Federal de Ouro Preto, e sobre este assunto, trataremos mais adiante.

É certo, entretanto, que não data das décadas de 1930 e 1940 o surgimento das primeiras moradias. Sendo preferencialmente de outras localidades (lembramos que, por exemplo, os três primeiros alunos da Escola, já em 1876, eram do Rio de Janeiro), certamente a prática de se agruparem estudantes para dividirem uma mesma habitação provinha dos primórdios da Escola e, até mesmo, era comum em outros lugares⁴³. Tratando sobre o passado das moradias estudantis, este entrevistado nos dá algumas pistas:

Nós não, eu não sei qual foi a primeira república. O motivo já se sabe que é: você chega num lugar pra viver, a primeira coisa você quer escolher um, um teto! Pra te abrigar. Eu diria, talvez, a república - pensando alto, mais uma vez - ela tenha surgido de uma pensão. Acho que o primeiro abrigo de estudante em Ouro Preto foi a pensão. Por que tinha habitantes então, aquela coisa: eu tenho um quarto, posso abrigar um aluno, um estudante, pode dar comida. Surgiu, então, a, deve, a república deve ter surgido da pensão que foi o primeiro local onde um, dois ou três estudantes conviveram e dali, deu-lhes a vontade de emanciparem, quer dizer, de terem, não ficarem dependendo da dona da pensão e terem uma quartos, um, dois, ou, e ali surgiu a república, (*ecp*)

Sendo assim, não se pode acreditar que a república de Ouro Preto tenha surgido na década de 1930, ou com a que está a mais tempo em funcionamento que, segundo apuramos, data de 1919. Era algo anterior. Mas, se não se pode atribuir aos anos 1930 o surgimento das repúblicas, certas práticas nelas estabelecidas podem ser datadas e, por sinal, se iniciam justamente nesse período. O caso dos quadros dos ex-alunos formados pela Escola nas paredes das repúblicas em que moraram é

⁴³ Rezende (1992), em livro de memórias de sua família, aponta um familiar que morava em república no Rio de Janeiro, chamada Boa Fama, por volta de 1880, quando cursava medicina.

exemplar. Tido como um elemento tradicional, é nesse período que começam a surgir, ainda timidamente tendo, alguns ex-alunos mais antigos inaugurado os seus a poucos anos.

Tínhamos uma parede com o retrato dos alunos todos. Está lá até hoje, né. Olha, acho que surgiu na nossa época. Quando eu entrei não tinha não. Na nossa república nós que fizemos isso. Mas isso era generalizado... (ecp)

Começa aí, portanto, um movimento de registrar nas paredes das moradias, em fotografias, aqueles que por ela passaram como forma de se construir uma espécie de “linhagem” entre os moradores. Embora o entrevistado citado acima nos apresente o fato de ser generalizada a prática de se enquadrar a foto do ex-aluno na parede naquele período, este outro, quando perguntado a respeito disso dirá que

Não. Ah, isso foi depois, [espaço] Isso já foi depois da minha época. Por que era justamente, isso aí foi uma maneira do aluno manter o contato com o ex-aluno. Por que até, até a minha formatura, como eu tô dizendo, era muito limitado o número de ex-aluno. E muitos iam pra longe. Não eram todos que iam, que podiam voltar sempre a... eles iam trabalhar pro Brasil interior, né. Então, tinham ex-alunos que iam pro Brasil inteiro. (ecp)

Não apenas o retrato surge na parede, mas o brasão da Escola também passa a ser ostentado logo na entrada; *"Nós tínhamos o ... o famoso escudo, brasão da Escola de Minas. Na nossa república nós tínhamos isso lá"* (ecp). Filhos de uma mesma Escola portanto, mas gerados em diferentes úteros. Repúblicas mães, tendo seus filhos umbilicalmente a elas ligados, até hoje, respeitando laços de fraternidade mais importantes que os de sangue (*"Eu sou mais irmão de meus colegas de Ouro Preto que dos meus irmãos de sangue"* (ecp)). Garante-se, entre os entrevistados, que

a amizade gerada no período era a grande responsável por esta relação de respeito e culto.

Na república, a mesa da república, mesa da, das repúblicas, pra mim é uma verdadeira, é um tribunal de análise, de franqueza e de agregação, congregação. A república, república do estudante de Ouro Preto é, realmente, uma demonstração da fraternidade, da amizade! Onde cada um de nós era despido de, se vaidade tivesse, mas ali era nivelado... Eu acho que a vida do estudante em Ouro Preto sempre foi magnífica! Teve altos e baixos mas sempre teve uma coisa que é um destaque: era a amizade! Nós éramos, e somos, muito unidos... (ecp)

Podemos, entretanto, inferir que a amizade, apenas, não teria gerado frutos tão longevos como o culto de pessoas que moraram em uma casa a mais de cinquenta anos. E também podemos achar curioso que justamente quando a Escola passa por transformações radicais e começa, como já foi aqui discutido (capítulo 2), a ter sua influência diminuída e sua força sub-avaliada tendo, por decorrência, seus espaços de inserção mais limitados, é que começam a surgir movimentos que institucionalizassem a reverência, dentro das casas, no cotidiano das vidas dos estudantes, tanto à Escola como aos seus ex-alunos. É evidente que o respeito e admiração aos ex-alunos já era notável.

Eu me lembro...eu me lembro de um ano em que comentou-se muito que iria comparecer um aluno com cinquenta anos de formado. Meu deus do céu. Isso aí, eu hoje já (riso) estou com cinquenta e três anos de formado (riso) isso já não me impressiona tanto. Mas naquela época, o povo falou: *não, vai comparecer um camarada com cinquenta anos de formado*. A gente achava aquilo extraordinário. E quando o homem compareceu quase que mataram ele de tanta, de tanta homenagem, de tanta cerveja, (riso) de tanta coisa, né. (ecp)

Mas, se é evidente que já existia uma reverência aos ex-alunos, ela torna-se praticamente obrigatória quando passa a ser assumida pelos moradores dentro das

casas. Supomos haver, aí, um motivo muito claro: era preciso garantir espaço de trabalho para aquele que se formava. Evidentemente, com o aumento gradativo, mas persistente, do número de formados a partir daqueles anos pela Escola, do aumento do número de vagas oferecidas para calouros, com a decadência da influência da Escola na dianteira decisória da tecnocracia mineira, como apresentado no capítulo 2, tornava-se necessário arrematar os vínculos com aqueles que já gozavam de status e prestígio e que pudessem, decorrentemente, encaixar em companhias privadas e públicas os “irmãos” recém-formados pela Escola. Não que acreditemos que isto se criou de forma instrumental. Antes, parece-nos inconsciente. Mas os depoimentos recolhidos nos indicam que

Os ex-alunos iam lá, quase que... eu me lembro de um ex-aluno, já formado, diretor da Vale do Rio Doce, foi numa festa do 12 de outubro, que eu era do quinto ano, chegou lá tomou - não digo um pileque - mas ficou alegre e abraçou-se comigo e tudo mais. E era um homem que era presidente de uma empresa do governo, Vale do Rio Doce. Confraternizava conosco...quando chegava um aluno que queria um estágio numa dessas empresas, imediatamente eu, era, era aceito e até emprego. Um ajudava uns aos outros. Havia muito contato, muito respeito dos alunos para os ex-alunos de valor e os ex-alunos tinham verdadeiro carinho maternal com os alunos, *(ecp)*

Podemos, portanto, supor que esta amizade tinha intenções muito mais amplas que receber abraços, fazer fotografias ou dar sorrisos: era o destino profissional de cada um que poderia estar sendo selado. E um dos momentos em que mais aconteciam as confraternizações eram, justamente, nas festas de aniversário da Escola.

Podemos exemplificar a rotina festiva repetida anualmente, no período em que esta discussão se insere, através de alguns apontamentos acerca da comemoração ocorrida em 1945 e que dão uma pálida noção da importância deste evento na memória dos ex-alunos da EMOP.

Transcorria o mês de outubro de 1945. Em Ouro Preto a movimentação a partir do dia dez, desse mês e ano, davam-lhe ares de *"um grande centro populoso"*⁴⁴ O Grande Hotel Ouro Preto, o Hotel Tóffolo e o Hotel Rodrigues, os principais hotéis da cidade na ocasião, estavam todos lotados, assim como várias famílias foram convocadas a ceder aposentos de suas residências para hóspedes ilustres vindos de diversas partes do país.⁴⁵ Assim, a Tribuna afirmava que *"Todas as acomodações disponíveis, em Ouro Preto, foram insuficientes para acolher os visitantes"*⁴⁶ Era a movimentação em torno da festa de aniversário da Escola de Minas de Ouro Preto. Comemorando 69 anos de fundação em 1945, a EMOP recebia, segundo o periódico acima citado, a cada ano, mais ex-alunos e respectivos familiares para as festividades.

Dividida em três momentos distintos (quais sejam: o teatro dos estudantes da Escola, realizado no Teatro Municipal da cidade; a Sessão Solene, realizada na Escola de Minas; e o Grande Baile, realizado no prédio do Fórum - atualmente o prédio do Centro Acadêmico da Escola de Minas - CAEM), a festa era o momento máximo esperado por cada aluno da Escola. Era o momento e o espaço de

⁴⁴ Tribuna de Ouro Preto. Comemorações de 12 de outubro. Ano 1, número 11, 1945, p. 1.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Ibidem.

reverenciar os grandes ex-alunos e, por que não, conhecê-los, prestigiar Henri Gorceix (fundador da Escola) e, acima de tudo, louvar a Escola que os abrigara e pela qual se tinha tanto respeito e orgulho.

A festa do doze de outubro era uma...era uma coisa de muito maior expressão do que hoje. O fórum, oade é atuaknente o Centro Acadêmico, era objeto de trabalho de decoração durante um mês. Em geral era a turma do quinto ano que ficava encarregada de decorar. Então aquilo era decorado com motivos assim, por exemplo: de jardins de caramanchão, jardins artificiais, pontes d'água, tudo aquilo criado com recursos da Escola, nas oficinas da Escola, pelos alunos do quinto ano... e aí contratavam-se as melhores orquestras de Belo Horizonte da época, as que todo mundo conhecia e eram festas grandiosas, pelo menos nós nos sentíamos assim, né? As organizações de repúblicas, algumas repúblicas, alguns edifícios eram alugados, esvaziados, preenchidos com camas que a gente pegava no batalhão (rindo) lá do outro lado, só pra, pra, pra hospedar as moças que vinham em conjunto, havia uma embaixada de Ponte Nova, outra de Beio Horizonte. De vários lugares (...).(ecp)

A... a festa de aniversário da Escola era, pra nós estudantes, um, um fato importantíssimo. (...) e que o estudante tinha de botar um bom terno e que os ex-alunos vinham. Tinha até rigor, viu? E era uma festa! As moças de, a sociedade era convidada, comparecia, era um baile a rigor. Então, era uma coisa... você tinha de ter um terno pra, pra festa do Doze de Outubro, viu? E os ex-alunos vinham até a rigor. (...) É de uma importância! Para nós era uma celebração máxima. No nosso período. Doze de outubro era uma coisa... sagrada a importância. (...) Os ex-alunos ajudavam muito nessa festa, por que a festa era dispendiosa. Mas aí havia muita solidariedade entre o ex-aluno e os alunos. Era considerada, essa celebração, a festa promovida pelos alunos mas era uma homenagem aos ex-atunos. A festa era para os ex-aluuos. (...) vinha muita gente, né. Por que era um baile que vinha a sociedade. Vinha o ex-aluno e os alunos, era muito concorrido, (ecp)

A lembrança da comemoração do aniversário da Escola, portanto, mistura orgulho e uma certa dose de saudade entre os ex-alunos da mesma. Já na edição de 1945 da Tribuna de Ouro Preto que trata da festa essa saudade era salientada.

Quanta recordação, ali, naquele instante e que mundo feliz de gratíssimas lembranças, vinha, durante o curto espaço daquela melodiosa valsa, povoar nossa alma de ex-aluno e como revíamos, sentimentalmente,

através do vidro de aumento da lembrança dos tempos idos que a saudade coloria, docemente!⁴⁷

Curiosamente, contudo, afirma a “Tribuna”, logo no início de sua reportagem, que ano a ano a movimentação em torno da festa teria aumentado. E mesmo, além disso, aumentam-se as proporções do Baile de Aniversário, o que teria, em última instância, transformado a festa em algo tradicional. *Devido ao brilhantismo, cada vez maior de tais festividades, as comemorações do aniversário da Escola de Minas já se tornaram tradicionais (...).*⁴⁸ E era no decorrer destas festas, que já se mostravam tradicionais (bailes estes que não mais existem, sendo substituídos pelas festas comemorativas realizadas nas repúblicas), que muitos estudantes encontravam aqueles que, posteriormente, os apadrinhariam profissionalmente.

Estipular, portanto, mesmo que sem uma intenção deliberada, uma sistematização de homenagens parecia uma forma mais fácil de se filiar a alguém, adotando um padrinho, fosse por critérios próprios de merecimento, fosse pela relação estabelecida nas repúblicas. Lá, recebia-se o ex-aluno, no espaço que fora sua casa e onde seu quadro com a beca estava disposto na parede da sala.

Naturalmente iam ex-alunos então você organizava um jantar de homenagem a um ex-aluno, que era sempre muito bem recebido, e ou fazia um churrasco na república - como se faz até hoje, né, eles fazem churrasco... (ecp)

⁴⁷ Tribuna de Ouro Preto. *Comemorações de 12 de outubro*. Ano 1, número 11, 1945, p.

⁴⁸ Tribuna de Ouro Preto. *Comemorações de 12 de outubro*. Ano 1, número 11, 1945, p. 1.

Geralmente, as festas nas repúblicas quando se recebia o ex-aluno eram concomitantes às comemorações de aniversário da Escola, posto que nestas datas reuniam-se os ex-alunos com maior facilidade. Mas a rotina das casas não era festiva, necessariamente: *"Só promovíamos festas no aniversário de um dos republicanos, digamos assim, e assim mesmo esta festa era simplesmente um jantar. Um jantar mais apurado"* (ecp).

À excepcionalidade dos dias de festa se aliava a rotina diária, muito menos festiva. A Escola, como aqui já foi apresentado, tinha um sistema rígido de ensino que, por fim, consumia muitas das energias de seus alunos.

Mas você subia aquilo rápido e todo mundo empolgado pela mesma idéia de chegar. E por ser admitido a chamada para a aula. Sagrada! Você chegava e o professor já estava lá dentro da sala. Você ficava num anti, naquela filinha pequena por que nós éramos poucos, as turmas, a minha turma era a... quando nós estávamos no apogeu éramos doze. Mas, frio pra burro, você esfregando as mãos e, e tintando, mas sabe, preparado e o bedel abria a porta e o acesso. E você entrava para sentar na cadeira para levantar-se e ouvir a chamada. Era a chamada e o professor chamava... E aí começava a grande festa do dia: eram aulas sobre aulas até o intervalo, a sirenada dava a, o, a última hora das aulas antes do almoço, depois a liberdade, nós íamos voltávamos rápido paia a república e já estávamos acabando de comer com a sirenada pra voltar pra Escola pro segundo período. Era empolgante e ninguém reclamava, (ecp)

Se, por conseguinte, a rotina da Escola era pesada, e se a rua não oferecia muitos atrativos, como já foi aqui apresentado, o convívio da casa, feito de estudo e cotidiano, também faz parte da lembrança desfes ex-alunos, muito embora deixem evidente que a vida não se fazia apenas de estudo entre os colegas de casa:

Nós tínhamos uma instituição importantíssima: que era a serenata! Serenata, a origem da serenata é das repúblicas. E fui seresteiro! Então, a república, e além do mais a república era que abrigava os homens que, para os quais a Escola vivia. Então a república abrigava os estudantes. E

estudante é palavra séria. Estudante é uma opção séria. Estudante é pra estudar! Então a república era lugar de estudo. Daí a grandeza do nome: com o nome república, rés-pública, e a importância por que ela realmente merecia. Agora, era tão importante que a república - como costume dizer - era o sustentáculo da Escola. A república ouvia as aulas, ouvia os... ouvia os ensinamentos e transmitia pra dentro de seu convívio cinco, seis, dez [moradores] no máximo a república tinha, (*ecp*)

O Centro Acadêmico era muito bom, onde se conversava, se discutia até assuntos, se jogava baralho (baralho de brincadeira, né: buracos e truco, etc), então, tinha esse clube. Terminado o cinema - estivesse no cinema ou não, por que ali na rua São José era o footing também, para namorar, era o período livre do estudante, até dez horas. É que depois de dez horas é que a gente poderia, então, ter luz para estudar. Luz razoável, né, por que era muito comum a gente estudar de madrugada né, compensar. Assim, se fosse deitar mais cedo e acordar de madrugada que aí a luz era ótima. Sempre um bule de café na república, né. (*ecp*)

Convivendo na república, portanto, os estudantes se auxiliavam mutuamente no tocante ao que estavam aprendendo no curso da Escola e tinham, por decorrência, a possibilidade de estabelecer contatos, como vimos, importantes para seus futuros profissionais. Talvez sejam motivos que expliquem o surgimento dos elementos ditos, atualmente, tradicionais. Quadros nas paredes, brasões, homenagens, tudo teve um começo e se relaciona a uma razão que, acreditamos, está relacionada com a própria reorientação de rumos da Escola. Lembremos que, como sustenta Hobsbawm (1984), transformações rápidas e de fôlego são contingentes especiais para a invenção de uma tradição.

Mas, cabe-nos apontar alguns elementos em relação aos trotes. Como inicialmente apresentamos em nossa introdução, os trotes são hoje o meio que a maioria das repúblicas federais encontram para selecionar os seus novos moradores. Alegam, para isso, uma tradição e dizem os veteranos que o respeito aos trotes é elemento fundamental no que toca ao aprendizado, uma vez que dessa relação que se

estabelece, se passa a compreender e aceitar a hierarquização encontrada num futuro ambiente de trabalho. Cada um acredita naquilo que quer ou pode, ou mesmo, naquilo que é levado a acreditar. Contudo, os trotes que perduram por um semestre, muitas vezes um ano, sempre com elementos que buscam a humilhação e hierarquização dentro das repúblicas e da Universidade de Ouro Preto, não eram práticas recorrentes no período que analisamos. A questão da hierarquização, por exemplo, é mais recente do que se imagina entre os estudantes atuais. Entre as décadas de 1930 e 1940,

(...) em Ouro Preto não havia distinção. Um homem do quinto ano você... do primeiro ano em diante mi, misturávamos todas as pessoas, não havia nenhuma separação, (ecp)

Mesmo o trote não era recorrente. Antes, era uma brincadeira, durando um dia ou pouco mais *"Um ou dois dias... Não havia essa... era simbólico quase"* (ecp). Além disso, eram bem mais suaves que os atuais. Aliás, sequer era certo que houvesse, ou seja, existiram anos em que não aconteciam.

O trote nunca foi sistemático na minha época, em Ouro Preto. Mas durante um ou dois anos, se não me talha a memória, nós fizemos. Me lembro que um ano até, o ponto de concentração foi na [República] Consulado. Quer dizer, eu devia estar no terceiro ano da Escola, pro quarto ano, quando fizemos o trote. Mas o trote...era manso(riso). Era manso! Fazia-se o camarada vestir um, uns frangalhos, umas roupas recortadas, mas não se maltratava o estudante. Na minha época não! Podia-se empapar o cabelo dele com qualquer bobagem, com qualquer coisa, pintava a cara dele, -botava ele desfilando pelas ruas de Ouro Preto em...em trajes de mendigo, ou qualquer coisa assim, mas não era um...um trote maldoso, (ecp)

Longe da Escola, sem sistematização, o trote cumpria sua função mais simples: abrir as portas aos novatos para o novo círculo de amizades que lhes abrigaria.

Não era na Escola. Iniciava-se na república e ia um desfile pelas ruas de Ouro Preto(...)
Eu não [recebi trote]. O ano que eu entrei na Escola não houve trote. E vou dizer: quer dizer, nos seis anos que eu passei na Escola., eu acho que nós só tivemos dois anos com trotes, organizado. O trote não era uma instituição, na minha época. Não era uma instituição sistemática, não é?
(*ecp*)

Não era, além disso, uma forma de seleção para aqueles que ingressariam na república. Os critérios eram outros. É importante também salientarmos que, no período, as casas eram particulares. Trotes pesados, além de não parecerem do feitio daqueles alunos, tomando por base o que nos disseram em seus depoimentos, afastariam possíveis moradores. Mas havia, segundo os relatos, um clima diferente para se receber um novo morador:

Então quando um aluno estava para formar, a gente sabia: fulano de tal vai formar e então a gente ficava paquerando o pessoal que morava nas repúblicas que a gente tinha interesse, fazia amizade e os moradores da república é que, praticamente, escolhiam aquele que ia preencher a vaga do que ia sair, né. Era uma coisa pacífica, sem nenhuma formalidade explícita, nada disso...(espaço). Pelo menos não está gravado na minha cabeça nada disso. Eu entrei por sincronidade. (*ecp*)

Acontece, entretanto, que as moradias que eram privadas, alugadas pelos estudantes para se formarem repúblicas, passam a ser adquiridas por fundos organizados por alguns ex-alunos. Surge, então, a Casa do Estudante de Ouro Preto. Para compreendermos como se constrói a necessidade de se fundar a “Casa” é

importante que voltemos às discussões acerca da Universidade Técnica, na década de 1940, posto que, acreditamos, sua fundação filia-se à tentativa de consolidar a Universidade e afastar em definitivo a idéia de mudança da Escola para outra cidade (tema já abordado no capítulo 2).

Concomitante à discussão acerca da Universidade Técnica Federal que, como vimos, substituiria a Escola de Minas, havia outra subsidiária. Dar infra-estrutura física e assistencial para os alunos da Escola, futura Universidade, era tarefa a ser cumprida por todos aqueles que por aquele estabelecimento haviam passado. Ao mesmo tempo em que solidificasse laços entre os alunos de então com aqueles ex-alunos ‘solidários’, se pavimentava o caminho para uma futura cooptação dos novos engenheiros que dali sairiam. E, portanto, também ficaria mais fácil delimitar um conjunto de idéias e práticas que mais facilmente seria passada de ex-alunos para alunos, forma a mais a servir a um projeto que - se não foi pensado para isso -serviu para defender objetivos do grupo de forma sistemática⁴⁹.

Em determinada época fundou-se, né, uma associação da Casa do estudante em que, tá um pouco nebuloso isso na minha lembrança (...), eu sei que organizou-se um fundo para adquirir casas que tomassem repúblicas e mesmo para reformar. Mas isso já foi, quer dizer, esse

É importante salientarmos que nossa hipótese se sustenta em duas bases. Primeiramente, a grande mobilização de ex-alunos - como veremos adiante - em torno do levantamento dos fundos necessários para compra de imóveis e assistência variada aos alunos da Escola inicia-se em um período delicado para a mesma, como já discutimos acima. Consolidar, assim, uma infra-estrutura significava, também, consolidar a própria instituição, evitando sua mudança. Um segundo ponto, também importante, e diretamente ligado ao primeiro, é que não apenas se necessitava de um lobbic para manter a Escola em Ouro Preto. Precisava-se, acreditamos, de um lobbie para se manter a influência do grupo, afetado decisivamente pela influência da Escola de Engenharia de Belo Horizonte na ocupação da dianteira decisória da tecnocracia mineira no período que, segundo Dulci, foi fundamental para o processo de modernização de Minas Gerais que se amplia em meados da década de 1940. Fazendo-se necessário um lobbie, portanto, necessário também se fazia arregimentar firmemente um grupo cujas idéias, coesas, pudesse defender a influência da Escola e, mais precisamente, de seus ex-alunos. Acreditamos, portanto, que foi o modelo de moradia estudantil que desse episódio se desdobra, uma das formas utilizadas para a consolidação das idéias do grupo.

movimento começou no final do meu curso* mas não houve nada, nada realizado no final de meu curso. Isso foi depois que eu saí de Ouro Preto é que começaram a fazer essas reformas...mas durante o meu curso já se falava a respeito disso, dessa providência, (*ecp*)

A referida providência, portanto, era a de fundar a Casa do Estudante de Ouro Preto que, por fim, serviu inicialmente, para angariar os fundos necessários para prestar assistência aos estudantes, em forma de bolsas de estudo. Iniciativa da Sociedade dos Amigos de Ouro Preto, seção Rio de Janeiro, a coleta de recursos inicia-se por uma circular enviada pelo Diretor do Departamento de Produção Mineral, Antonio Alves de Souza, às empresas e a pessoas que pudessem contribuir para o projeto. Evidentemente, do alto de cargo tão prestigiado, não lhe foi tarefa das mais difíceis dar início ao projeto. Assim,

As primeiras respostas prometendo contribuições atingem a mais de Cr\$ 150.000,00, esperando-se que esse total seja, em breve, ultrapassado, de modo a permitir que se ampliem os benefícios desejados⁵⁰.

A discussão acerca da Casa do Estudante, entretanto, já estava em questão quando do lançamento da idéia de transformação da Escola em Universidade técnica. Ao longo do processo em que se discutia o problema maior, aliava-se a questão estrutural necessária para receber aqueles alunos que, devido à magnitude do novo centro de pesquisa e ensino seriam atraídos para Ouro Preto e que, diferentemente de então, não mais deveriam ser apenas de Minas Gerais⁵¹.

* Ex-aluno formado em 1946.

⁵⁰ Tribuna de Ouro Preto, edição número 13, 04/11/1945. Segue-se, na matéria, a lista com alguns dos mais 'benevolentes' contribuintes.

⁵¹ Carvalho e Roque apontam em seus trabalhos a predominância dos estudantes oriundos das mais diversas partes do estado de Minas Gerais na Escola. Acreditava-se que, com a transformação, segundo podemos supor

Gil Guatmosim, presidente da Sociedade Mineira de Engenharia e ex-aluno de Ouro Preto, por exemplo, declarou-se animado quanto à possibilidade de transformação da Escola em Universidade, mas foi reticente quanto à falta de infraestrutura da cidade para tanto, o que, possivelmente, preocupava a maioria daqueles que se colocavam a favor da idéia: *“É preciso, todavia, estudar os meios adequados para alojamento de estudantes e professores; enfim a instalação apropriada dos diversos cursos”*.⁵²

Começando pela “Casa”, o movimento inicia uma arregimentação das moradias em torno de um núcleo, ou seja, a Escola e seus ex-alunos passariam a abrigar os estudantes, posto que as casas, em determinado momento passaram a ser doadas para a Escola. Foi com o surgimento da Fundação Gorceix, entretanto, que esta sistematização se amplia.

(...)a fundação Gorceix, os ex-alunos criaram a Fundação Gorceix pra isso aí. Dar apoio. Dar apoio de habitação, a fundação Gorceix tem prédio lá, tudo. Então, essa foi uma grande preocupação dos ex-alunos e justamente, quer dizer, dar apoio à Escola ela pegou, justamente, do aluno e da Escola, (ecp)

Na medida em que se orientam providências decorrentes da organização de grupos de ex-alunos no sentido de constituir um patrimônio que abrigasse estudantes que necessitassem, e que estas moradias passam a ser patrimônio da Escola, começa-se a ser solidificado um vínculo mais estreito entre ex-alunos, alunos e Escola. As

por algumas reportagens da Tribuna, a Universidade seria um pólo atrativo nacionalmente, maior do que já o era a Escola que, muito embora tivesse o corpo discente preferencialmente formado por mineiros, também tinha alunos do Rio de Janeiro, São Paulo e muitos da região Nordeste do país, como já foi aqui exposto.

⁵² Tribuna de Ouro Preto, nº11, 21/10/1945, p. 4

moradias, uma vez públicas (posto que foram anexadas à Escola e posteriormente à Universidade), precisariam cumprir sua obrigação: abrigar aos alunos que não podem pagar para morar. Entretanto, atualmente, todo o tipo de restrição se cria e sustenta em cada casa, como se ainda fosse uma casa de aluguel ou se fosse patrimônio de uma fundação de ex-alunos.

Sejam as moradias, que hoje são públicas, da Universidade (e que, por isso, devem cumprir critérios pré-estabelecidos por ela, tomando por critério a avaliação sócio-econômica e de rendimento acadêmico dos estudantes), sejam os trotes, sejam as pequenas ritualizações em torno das casas, acreditamos, são fruto de um empenho de parte dos ex-alunos e mesmo dos estudantes de, durante o passar dos anos, evitar o ostracismo da Escola e manter pontes com os setores públicos e privados de inserção da categoria de engenheiro no país. No caso específico do trote, nos moldes atuais, principalmente no tocante à sua função hierarquizante, acreditamos ser uma enorme distorção de toda a história dos estudantes de Ouro Preto até o início da década de 1950.

Pautados pelos êxitos do passado, seja os da Escola como os de seus ex-alunos mais proeminentes, os estudantes nos últimos anos fixam na “tradição”, nos laços construídos, na relação possível de apadrinhamento dentro da república para conseguirem êxito profissional futuro, como acontecia no passado. É curioso, entretanto, que um de nossos entrevistados, professor da Escola por quase cinquenta anos, já aposentado, tenha nos confidenciado, fora da gravação, que atualmente ninguém mais procura os formados de Ouro Preto como antigamente. Fazendo uma

crítica bastante ácida ao modo de vida do alunado da Escola atualmente, este ex-aluno afirma que, hoje, em decorrência do empenho limitado de alunos aos seus estudos, não mais se tem a procura das empresas pelos engenheiros recém graduados pela Escola. E aponta, por fim, que essa queda na procura se acentua principalmente na década de 1960, chegando a ser um “divisor de águas” na década de 1970, em que se dividiria esta inserção em antes e depois. Poderia, este professor, ser mais um do grupo dos saudosistas, que acreditam - como aquele já aqui apresentado - que foi um erro a constituição da Universidade, posto que “só *as grandes escolas formam as elites*”. Mas, ele, entretanto, não questiona a Universidade como a fonte do problema. Antes, para ele, foram os hábitos desenvolvidos posteriormente entre os alunos que não mais os capacitaram para o exercício da profissão como antes.

Não temos informação a respeito da década de 1960 e 70 suficientes para apontarmos se este professor está ou não com razão em sua argumentação. Isso pode e deve ser explorado por outros trabalhos. Encontramos, em nossa investigação, apenas apontamentos que nos dão impressões sobre duas décadas de transformações efetivas na Escola e que, acreditamos, influenciaram o futuro da instituição e de seus estudantes, inclusive no modo de se relacionarem nas moradias, em relação à Escola e na relação estabelecida com os ex-alunos.

É certo que ainda hoje se apregoa muito a tradição da Escola. E ela serve, em decorrência, para justificar tudo dentro das repúblicas. Mas, cabe, por fim, lembrar da história que nos conta um entrevistado. Convidado para discursar em uma festa de aniversário da Escola de Minas, no início da década de 1990, nenhum morador da

república na qual ele morara quando estudante compareceu. Tecendo uma comparação com seu tempo de estudante, disse ter se sentido magoado, posto que nunca teria feito aquilo com um ex-aluno. Sentiu-se, em suas palavras, desprezado pelos seus. E este, por sinal, teria sido o motivo de, nos últimos anos, não mais querer voltar a Ouro Preto.

CONCLUSÃO

A história da Escola de Minas de Ouro Preto é, sem dúvida, reveladora dos percursos percorridos pelo ensino superior brasileiro nos últimos cento e vinte e sete anos. Além disso, sua história também se confunde com a da geologia, da siderurgia e da mineralogia brasileiras e mineiras, em especial. Seus ex-alunos, por conseguinte, foram importantes agentes nos espaços destinados aos tecnocratas no processo de modernização nacional. Mas há, também, elementos internos, seja à Escola ou a tudo aquilo ligado a ela, cuja importância extrapola a simples curiosidade que poderia despertar uma instituição de tamanho vulto no passado. Tendo isso em perspectiva, procuramos compreender alguns elementos de seu passado nos guiando não apenas pelos grandes feitos de seus ex-alunos, ou mesmo da Escola. Antes, procuramos investigar como o cotidiano da Escola influenciou e era influenciado por seus ex-alunos. Além disso, foi importante para nós trabalharmos o surgimento de alguns personagens vitais para a história que se conta atualmente do estabelecimento. Mais que isso, foi fundamental sondar como a Escola construiu algumas tradições, através de seus ex-alunos.

Para tanto, procuramos começar nosso trabalho através do período em que se fundou o estabelecimento. Nosso primeiro capítulo, portanto, versa sobre a fundação e a influência da Escola nas suas primeiras décadas, além das possibilidades de inserção de seus ex-alunos. Ali, discutimos como a Escola teve peso em decisões

referentes ao ensino e à pesquisa no Brasil, além de sua importância para a geologia, a mineralogia e a siderurgia brasileira, contribuindo, também, com a formação da tecnocracia que se formava, principalmente, na década de 1930. Nos foi possível, também, perceber a influência política do grupo de ex-alunos formado pela Escola.

No segundo capítulo abordamos o início do declínio da Escola, seus problemas internos e externos, as preocupações quanto à sua localização, o confronto entre seus professores, os desafios frente à reorientação da tecnocracia mineira e, por fim, as tentativas de sua transformação em Universidade Técnica Federal nos anos 1940.

Já no terceiro capítulo, passamos a trabalhar com a constituição de um personagem central na história da Escola: seu fundador, Henri Gorceix. Pudemos ali perceber como, gradativa, mas, efetivamente, o professor que saiu da Escola quase que pelas portas dos fundos, tornou-se seu principal inspirador, dando-lhe, inclusive, seu “espírito”.

No quarto e último capítulo, dedicamo-nos à memória de um grupo de ex-alunos da Escola, do período entre as décadas de 1930 e 1940, para tentarmos reconstruir um pouco da cidade de Ouro Preto no período, da relação entre moradores e estudantes e, principalmente, como algumas tradições da Escola se esboçam no referido período para, posteriormente, serem incorporadas definitivamente. Ali pudemos perceber que práticas como a dos trotes, por exemplo, são mais recentes do que se comenta atualmente, ao menos na forma em que são hoje em dia, aplicados nos estudantes que chegam em Ouro Preto.

Terminamos o trabalho, contudo, acreditando que o tema não se esgotou. Antes, parece mesmo que apenas tocamos em determinados pontos que merecem, e devem, ser revisitados. Compreender as décadas de história da Escola de Minas de Ouro Preto e da vida de seus ex-alunos na cidade e na Escola, parece-nos crucial para compreender a forma como a atual Universidade Federal de Ouro Preto funciona. Além disso, parece-nos fundamental para acabar com alguns mitos que, ao nosso ver são nocivos não apenas para a Universidade, como para seus alunos (além de nos parecer nocivos para qualquer pessoa de bom senso). Mitos como o dos trotes e o da hierarquização deles proveniente.

Se não preocupa a administração da Universidade que seus alunos sejam desrespeitados por outros alunos seus que se sustentam em um discurso baseado em uma suposta tradição, cujos costumes dela derivados são imutáveis (por mais abjetos que sejam), isso é equivoco dela. Se não nos preocupa que essa "tradição", pautada por práticas esdrúxulas e desrespeitosas, seja utilizada como critério para se conceder ou não acesso a um bem que é público e que, por sinal, é um pilar da educação superior pública (o acesso à moradia estudantil àqueles que economicamente necessitam), isso é equivoco nosso.

FONTES PRIMÁRIAS

- Entrevistas:

Eng° A. M. (realizada em 25/01/2002, em Belo Horizonte);

Eng° C. E. de F. D. (realizada em 07/05/2002, no Rio de Janeiro);

Eng° J. C. da S. (realizada em 10/04/2002, em Ouro Preto);

Eng° J. R. de A. R. (realizada em 08/05/2002, no Rio de Janeiro);

Eng° N. P. de R. (realizada em 06/05/2002, no Rio de Janeiro).

- Periódicos

Jornal Tribuna de Ouro Preto. Ouro Preto, anos I e II. 1945-1947.

REM- Revista Escola de Minas. Ouro Preto, anos I a XX.

- Fonte Impressa

A Escola de Minas 1876-1966. Ouro Preto: Escola Federal de Ouro Preto, 1966.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1990.

AMADO, Janáina & FERREIRA, Maneta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

BACKZO, B. “Imaginário social”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1985, v. 5, p. 309.

BÁLAN, Jorge (org). *Centro e periferia no desenvolvimento brasileiro*. São Paulo, Difel, 1974.

BAUMAN, Z. *Globalização e consequências humanas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

BEHRING, Mário P. *Memória da CEMIG; depoimento de História Oral*. Belo Horizonte: CEMIG, 1994.

BENDIX, Reinhard. *Construção nacional e cidadania*. São Paulo: Edusp, 1996.

BERMAM, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

CARONE, Edgard. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: Difel, 1974.

CARONE, Edgard. *A República Velha II - (evolução política) (1889-1930)*. 3ª ed. São Paulo: Difel. 1983.

CARVALHO, J. Murilo de. *A construção da Ordem: A Elite política Imperial*. Col. Temas Brasileiros V.4. Brasília: Edunb. 1981.

CARVALHO, J. Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto. O peso da glória*. 2 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

COELHO, Edmundo Campos. *As Profissões Imperiais. Medicina, Engenharia e advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. São Paulo: Ed. Record. 1999.

COSTA, Icléia Thiesen M. e GONDAR, Jô (Orgs). *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

DINIZ, C. Campolina. *Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira*. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1981.

DINIZ, Eli. Empresário. *Estado e Capitalismo no Brasil: 1930-1945*. Coleção estudos Brasileiros, V. 27. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1978.

DULCI, Otávio S. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930*. História e historiografia. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1970.

FERREIRA, Marieta de M., AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História Oral e Multidisciplinariedade*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes et. al. *Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.

GOMES, Angela M. de Castro. (Org.) *Engenheiros e Economistas: novas elites burocráticas*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

GOMES, Angela M. de Castro. *Regionalismo e centralização Política*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. J&O de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HERSCHMANN, Micael M. e Pereira, Carlos M. *A invenção do Brasil moderno - medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. RJ: Rocco, 1994.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

KAWAMURA, Lili Katsuco. *Engenheiro: trabalho e ideologia*. São Paulo: Ática, 1979.

LE GOFF, J. *Memória* In: Enciclopédia Einaudi. volume 1. *Memória - História*. Imprensa Nacional- Casa da Moeda 1984. pp. 11-50.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

LIMA, M. Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix*. A fundação da Escola de Minas de Ouro Preto. Ouro Preto: Fundação Gorceix, 1977.

LOPES, Lucas. *Memórias da CEMIG*; depoimento de História Oral. Belo Horizonte: CEMIG, 1993.

LOPES, Lucas. *Memórias do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil/ FGV-CPDOC, 1991.

SANTANA, Marco Aurélio. *Memória, Cidade e Cidadania*. In: COSTA , Icléia Thiesen M. e GONDAR, Jô (Organizadoras). *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon. Et al. *Tempos de Capanema*. Paz e Terra: FGV, 2000.

SZMRECSÁNYI, Tamás, SUZIGAN, Wilson (org.). *História econômica do Brasil contemporâneo*. 2ed. São Paulo: Hucitec/Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica/ Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial, 2002.

THOMPSON, Paul R. *A voz do passado: História Oral*. 2ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*, 2ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 1998.

WEHLING. A. e WEHLING Maria J. C. M. *Memória e história: Fundamentos, convergências, conflitos*. IN : *Memória social e documento : uma abordagem interdisciplinar / [et al]*. — Rio de Janeiro : Universidade do Rio de Janeiro. Mestrado Memória Social e Documento, 1997.

ARTIGOS E TESES

CORSI, Francisco L. *Política Econômica e nacionalismo no Estado Novo*. In: SZMRECSÁNYI, Tamás, SUZIGAN, Wilson (org.). *História econômica do Brasil contemporâneo*. 2ed. São Paulo: Hucitec/ABPHE/ Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial, 2002.

D'ALESSIO, Márcia. M. *Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora*. In: *Revista Brasileira de História*. Memória, História, Historiografia, vol 25/26. ANPUH, 1996.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, HISTORIA E CULTURA. Projeto História. (10). 1993. Pag. 7-28.

DINIZ, C. Campolina. *A industrialização mineira após 1930*. In: SZMRECSANYI, Tamás, SUZIGAN, Wilson (org.). *História econômica do Brasil contemporâneo*. 2ed. São Paulo: Hucitec/ABPHE/ Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial, 2002.

LE VEN, Michel M. *Classes sociais e poder político da formação do espaço urbano em Belo Horizonte (1893-1914)*. Tese de mestrado, UFMG, 1977.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral, *Projeto História* n.º 14, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a H. O diferente. *Projeto História*, n.º 14 fev. 1997.

RIVERA, Dario Paulo Barrem. 2000. Religião e Tradição, a partir da sociologia da memória de Maurice Halbwachs. *Revista Numem*. Juiz de Fora: UFJF editora.

ROQUE, Rita Menezes. Os bandeirantes dos tempos modernos. A Escola de Minas de Ouro Preto e o bloco no poder em Minas (1889-1945). Centro de Estudos Gerais.

Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999.

SANTANA, Marco Aurélio. 2000 b. Militância, repressão e silêncio: relato de uma experiência com a memória operária. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n° 3, jun. 2000. — São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. vol. 3. pág. 35-48.

SANTANA, Marco Aurélio, e NASCIMENTO, Regina Malta. 1999. Trabalhadores do Brasil e “peões”: passado e presente na fala de duas gerações de militantes operários. *Revista do Departamento de História da UFF*. Rio de Janeiro: Sette Letras, vol. 4 - n° 7, Julho. (Dossiê Terra e Trabalho). Pág. 99-127.

SANTOS, Myrian S. dos. 1993. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Anpocs. 23. 70-85.

SANTOS, Myrian S. dos. 1998. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Anpocs. 38. 70-85.